LIBRARY OF PRINCETON
AUG 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX805 .V4
Verbum.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/verbum164univ

VERBVM

LIBRARY OF PRINCETON
1988
THEOLOGICAL SEMINARY

SVMÁRIO

Em defesa da cultura clássica:

Trabalhos apresentados ao I Congresso Brasileiro de Cultura Greco-Latina:

JÚLIO DE CARVALHO BARATA — Como e por que ensinar e aprender latim no mundo moderno 381
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — Cícero – "Pai do Ocidente" 387
CONDE SEBASTIÃO PAGANO — A tradição greco-latina e o Ocidente 393
P. HÉBER SALVADOR DE LIMA, S.J. — A poesia triunfal de Píndaro 419
GERALDO DE ULHÔA CINTRA — Sobrevivência do latim 439
JOSÉ FLORENTINO MARQUES LEITE — Renovação dos estudos clássicos 445
JOSÉ HERMENEGILDO LEONI — A defesa de nossas tradições de cultura greco-latina 465

NOTAS E COMENTÁRIOS

C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA — Movimento de reconstrução educacional 476
RESENHA DE LIVROS 479

BOLETIM DE PEDAGOGIA

P. AFONSO RODRIGUES S.J. — Curso de Orientação Educacional: Psicologia Evolutiva (II) 495
LIVROS RECEBIDOS 528
ÍNDICE DO TOMO XVI (1959) 529

UNIVERSIDADE CATÓLICA

Rio de Janeiro

Tomo XVI Dezembro de 1959 Fasc. 4

VERBVM

REVISTA TRIMESTRAL

FUNDADOR: P. LEONEL FRANCA S. J.
DIREÇÃO: P. ARTUR ALONSO S. J.
REDAÇÃO: P. FRANCISCO LEME LOPES S. J.

ASSINATURA ANUAL (4 FASCÍCULOS) ..... Cr$ 100,00
FASCÍCULO AVULSO ..... Cr$ 30,00
EXTERIOR — ASSINATURA ..... $ 6.00 DÓL.

ADMINISTRAÇÃO: Rua São Clemente, 226 — Rio

COLABORAM NO PRESENTE FASCÍCULO

JÚLIO DE CARVALHO BARATA, Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Professor Catedrático de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, Professor de Filosofia na Faculdade de Santa Úrsula, Professor de Latim no Colégio Municipal Paulo de Frontin.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, Chefe da Delegação do Brasil à XIV Conferência da ONU, Chefe da Delegação do Brasil à Conferência dos 21 em Washington e em Buenos Aires, Jornalista. Autor de *Cântico do Brasileiro, Cantos do Liberto, Navio Perdido, Pássaro Cego, Desaparição da Amada, Canto da Noite, Estrêla Solitária, Mar Desconhecido, Fonte Invisível, Babilônia, Os Reis, Aurora Lívida* (Poesia) e de *O Galo Branco, Paisagens e Seres, A Floresta, Discurso aos Jovens Brasileiros* (Prosa).

CONDE SEBASTIÃO PAGANO DE SÃO SÉRGIO, Professor Catedrático da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas São Luís, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Membro do Instituto de Direito Social de São Paulo.

P. HÉBER SALVADOR DE LIMA, S. J., Professor de Literatura na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, Licenciado em Filosofia pela mesma Faculdade, "Bachelor of Arts" pela Universidade de Londres.

GERALDO DE ULHÔA CINTRA, Catedrático de Direito Romano na Faculdade de Direito de Taubaté, Catedrático de Latim, por concurso, no Ginásio Antônio Firmino de Proença e no Instituto de Educação Padre Anchieta, em São Paulo, Curso Superior de Letras na Faculdade S. J. de Nova Friburgo, Membro do Corpo Jurídico do Tribunal de Justiça de São Paulo, Docente da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Organizador da Biblioteca "Anchietana" de clássicos da língua. Autor de *Jurisdição* (tese de concurso) e de numerosas obras didáticas como *Língua Portuguêsa, Gramática Grega* e *Textos Arcaicos.*

JOSÉ FLORENTINO MARQUES LEITE, Professor de Latim na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e no Colégio Pedro Segundo, Curso Superior de Filosofia e Letras na Faculdade S. J. de Nova Friburgo, Licenciado em Letras Clássicas pela Universidade do Distrito Federal (em 1938). Autor de *Dicionário latino-vernáculo, Língua Luso-Brasílica* e outras obras de cunho didático.

JOSÉ HERMENEGILDO LEONI, Curso Superior de Letras na Faculdade S. J. de Nova Friburgo, Diplomado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor do Colégio do Ateneu Rui Barbosa em São Paulo, Diretor e Redator da *Enciclopédia Decimal.* Autor de *Obras Filosóficas* e *Ciências Naturais.*

C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA, Professor Emérito da Universidade do Brasil, Antigo Presidente da Associação dos Professôres Católicos e da Associação dos Jornalistas Católicos, Antigo Vice-Presidente do Instituto Politécnico Brasileiro. Autor de vários *Estudos de Hidráulica*, de *Educação e Imprensa, Reforma do Ensino Secundário, A Criação das Escolas Normais Superiores, D. Bosco Precursor da Pedagogia Moderna, O Mundo Moderno e a Engenharia, Os Esportes na Formação da Mocidade, L'Homme et la Sécheresse.*

(*Continua na 3.ª da capa*)

EM DEFESA DA CULTURA CLÁSSICA:

Trabalhos apresentados
ao I Congresso Brasileiro
de Cultura Greco-Latina

COMO E POR QUE ENSINAR E APRENDER O LATIM NO MUNDO MODERNO

JÚLIO DE CARVALHO BARATA

Comecemos por definir o que seja o mundo moderno.

Parece-nos — e só êste aspecto nos pode interessar — que para os destinos da cultura, o mundo moderno se distingue pelo crescente predomínio da automatização e pelo esfôrço de tornar a educação um verdadeiro patrimônio comum. A automatização é o milagre da cibernética, com suas máquinas de calcular e traduzir e, já agora, com seu aparelho de fazer poesias ideado por Albert Ducrocq. O movimento em favor da coletivização dos bens do espírito é fruto da democracia, do comunismo e das admiráveis fôrças organizadas, que obedecem à inspiração cristã.

Aos olhos do educador, o mundo moderno, analisado pelo prisma dos fins e dos meios, é o maravilhoso universo da mecanização triunfante, pôsto a serviço da divulgação da cultura, de tal maneira que ela atinja e penetre tôdas as camadas sociais.

Nessa paisagem, cuja síntese procuramos apresentar, qual o papel do Latim? Que missão está reservada ao idioma imortal no conjunto dos elementos culturais, que podem propiciar ao homem de nossos dias o meio de cumprir o belo sonho de Henri Bergson: transformar o universo em belo sonho que produza, não apenas sêres inertes, mas legítimos deuses? Porque mesmo neste campo de quase utopia, não é possível esquecer o critério pragmático, nem desprezar a tendência utilitarista, que figura entre os postulados da chamada educação moderna.

O motivo fundamental pelo qual o Latim deve ser incluído entre os estudos do homem de hoje, reside na possibilidade de

interrompe a explanação de um teorema de geometria e escreve: "Et maintenant, pour être clair et précis, je vais dire la même chose en latin". E a carta continua e termina em latim, numa homenagem única à língua da precisão e da clareza.

Dispenso-me de tratar dos métodos de ensino do Latim no mundo moderno porque entendo que êsse assunto deverá ser epigrafado: Renovação dos Estudos Gregos e Latinos.

O Latim deve ser ensinado de acôrdo com o gôsto, a tendência e os objetivos do homem moderno, tal como êsse homem se nos deparou, de um ângulo meramente psicológico, no quadro que procuramos bosquejar. Urge, sem dúvida, modernizar o ensino do Latim, eliminando os métodos rotineiros e caducos e utilizando, quanto possível, os recursos da técnica moderna.

Robert Hutchins, o grande mestre da Universidade de Chicago, que, ao lado de Mortimer Adler, batalha, nos Estados Unidos, pela restauração e aperfeiçoamento das humanidades egrégias, responsabiliza os maus professôres de línguas clássicas pela decadência do Latim e do grego nas cátedras de hoje. Não são os fanáticos das ciências apenas os que se arvoram em assassinos dos estudos clássicos. Cúmplices do mesmo crime são certos entusiastas do Latim, e do Grego, que imitam os sacristães, a que alude Antônio Vieira e que, em dias de festa do Orago, enfeitam tanto o altar, que não se vê o Santo. Mais do que nunca é preciso transmitir ao aluno de Latim, com clareza, gradação e simplicidade, apenas o que é essencial e proveitoso ao conhecimento da língua, excitando-lhe por outro lado a curiosidade e o interêsse pela mensagem profunda, de que é portadora a literatura clássica: mensagem de fé no homem e na sua grandeza.

O patético "*homo sum*" de Terêncio deve ferir os ouvidos da mocidade das escolas, como perene lembrança desta verdade: *O mundo foi feito para o homem e não o homem para o mundo.*

Não sabemos de mais alta motivação do estudo do Latim no mundo moderno.

CONCLUSÕES

1.ª — O ambiente do mundo moderno, pelas deformações psicológicas, que provoca, está a reclamar o ensino do Latim,

por ser o idioma clássico o instrumento admirável da formação da inteligência, correspondendo, no terreno lingüístico, ao que é a matemática no campo científico.

2.ª — O ensino deve ser modernizado e adaptado às condições da nossa época, recorrendo-se, para êsse fim, aos processos didáticos, que melhor aceitação e receptividade possam despertar na mocidade coetânea.

CÍCERO — "PAI DO OCIDENTE"

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Cícero conserva-se, dois mil anos depois que as intrigas e virulências da política lhe fizeram rolar a cabeça, um homem que bem compreendemos, muito próximo de nós pelas semelhanças que apresenta com o homem de hoje. A êle podemos chamar "Pai do Ocidente" — conforme foi dito de Vergílio. A maneira de sentir os problemas e as reações ciceronianas são, precisamente, as que costumamos qualificar de próprias do espírito ocidental.

Falando dêsse advogado, dêsse político nascido 106 anos antes do advento de Cristo, sinto-me perfeitamente à vontade, como se estivesse tratando de uma figura de ontem, não cristalizada ainda pela rigidez do julgamento histórico, não marcada ainda e transformada pela legenda.

Cícero está vivo e, como vivo, submetido a tôda a sorte de julgamentos, de contradições, de desentendimentos. Em poucas criaturas humanas, como nele, o dom da palavra e da expressão literária foi tão realmente uma defesa contra a morte. Seus discursos, sua correspondência, seus comentários, suas obras, enfim, oferecem-nos mais do que um conjunto impressionante do poder de um espírito na arte de argumentar, de discutir, de sentir problemas, de expor e examinar razões — mais do que tudo isso — a revelação da presença na terra dêsse milagre que é o homem.

O transeunte dêste século pode, sem anacronismo, encontrar-se com Marco Túlio Cícero, divergir dêle, ou deixar-se embalar por suas palavras, aprovar os seus métodos, discordar dêles, desculpá-lo ou acusá-lo. Não é apenas o grande advogado

e pensador um pouco dessa cinza que faz a história, mas alguém que continua, que prossegue, que acompanha os debates e neles intervém; é uma medida humana, uma voz, algo que possui virtudes e fragilidades. Alguns o detestam porque nele reconhecem vaidade, amor às coisas efêmeras, a tentação de procurar o aplauso, de sentir-se aclamado e admirado; outros o amam pela própria indecisão, pela delicadeza de consciência, pela atenção que dá às vozes do outro lado, às vozes antagônicas, mas ninguém que se aproxime de Cícero, o trata como a um morto, uma antigualha, um simples monumento literário, apenas uma figura da história.

Desconheço fenômeno mais impressionante do que o dêsse autêntico cidadão que se recusa a desaparecer como pessoa, como individualidade, que continua, ainda que bimilenária, a reclamar atenção para as suas próprias flutuações, para o seu gôsto pela moderação, o que não impediu jamais que a paixão, o fogo, o amor imoderado o assaltasse às vêzes.

Quero falar dêle sem a preocupação de situá-lo no seu tempo, de enquadrá-lo no mundo romano, um século antes da era cristã. Mas que direi de Cícero num simples estudo que deve ser forçosamente breve?

O que a cultura ocidental tem de permanente está contido em Cícero, como o está em seu quase contemporâneo Vergílio. Que é ela, a cultura ocidental? Conseguiremos definir, em breves palavras, o que, penosamente, há séculos, vem sendo estudado em volumes alentados? Não teria limites a pretensão de quem ousasse a emprêsa. Mas podem-se tentar alguns traços, algumas características, alguns sinais da cultura que, apesar das alterações decorrentes do aceleramento vertiginoso da história, continua sendo a nossa.

O que constitui a essência da cultura ocidental é que a sua medida é a medida humana. O homem consubstancia a matéria-prima de suas atividades do entendimento e da imaginação. Essa identificação se exprime na própria palavra cultura, cujas raízes se aprofundam na Grécia e em Roma — fontes, inesgotáveis ambas, em que se abebera o espírito ocidental e de que promana o movimento de libertação do espírito na luta contra o terror. O homem se encontra, então, com o seu destino, não mais como um perseguido, como vítima, como objeto de massa-

cre, porém como um ser dotado de uma luz própria que todo o resto da criação não recebeu.

Cícero e Vergílio, pela sensibilidade, pelo modo de conceber o mundo, prenunciam e elaboram o novo período da humanidade, que o Cristianismo acabaria de completar e tornar algo de sensìvelmente distinto de tôda a antiguidade clássica.

Estão os dois grandes personagens das letras romanas no limiar do Cristianismo. Neles se anuncia marcada diferença de tudo o que se passou e de tudo o que se pensou sôbre os problemas do destino.

De Vergílio se afirmou que era uma alma naturalmente cristã; de Cícero vale afirmar, não menos estranhamente, que é um contemporâneo nosso, um representante dessa raça que merece particularmente e até mesmo pela sua fragilidade a qualificação de humana. Raça e espécie que vem sendo perseguida, ameaçada, duramente posta à prova. Raça e espécie que se tem salvo por milagre, vítima dos categóricos, dos brutais de pensamento em série, dos revolucionários e bárbaros para quem o mundo é uma coisa só, monolítica, sólida, dura, fanática e estreita.

Personagem de agora, pertencente àquela geração, uma só em todos os tempos, que resguarda e mantém a graça e o sal do mundo, e contra a qual se levantam de todos os lados, as iras dos despóticos e de todos os inimigos da justiça, de todos os escravos virulentos do ressentimento — a Cícero, tido como fraco, ninguém o excedeu em bravura, em pertinácia, em espírito de aceitação do risco quando denunciou Catilina, para dar o exemplo mais comum, e assumiu a responsabilidade do castigo que devia ser infligido, em defesa da república, aos partidários do "golpe". Corajoso, não trepidou em defender inocentes; intemerato, não duvidou enfrentar os poderosos, os senhores do tempo. As Filípicas, denominação a lembrar Demóstenes, aí estão, indignadas, tão vivas e vibrantes como se pronunciadas por um político de nossos dias, de altos dotes, um Clemenceau, um Churchill, um dêsses rijos capitães do nosso tempo, de cuja ação oratória tivemos a oportunidade de ser contemporâneos.

Grande político, grande cidadão público, mas, ao mesmo tempo, tão contraditório, tão impressionável, tão fàcilmente

atingível pelo desejo de fuga, pela invasão da melancolia, pela aspiração à pausa, à renúncia, à fruição dos prazeres da filosofia, aos contactos com o silêncio, com a natureza que êle amava e de cuja quietude consoladora sempre buscava fruir, depois de horas de tensão extrema.

Homem excepcional na sua própria vaidade, na necessidade de sentir-se aplaudido, vitorioso, a dominar os espíritos pela sua palavra.

Morto há dois mil anos, continua a seguir-nos, a intervir, a produzir catilinárias e verrinas, a fornecer aos oradores o modêlo da altiloqüência e dos mais rigorosos métodos de convicção. Seu espírito, seu estilo, seus desenvolvimentos retóricos se contêm nos que usaram e têm usado, como ação, a arte de falar. Os mais entendidos, a começar por Santo Agostinho, se enternecem diante dêste pagão como diante de um mestre, mestre da expressão. Divulgador dos gregos, criador, pelo poder inexcedível de traduzir e traduzir em palavras os sentimentos, Marco Túlio Cícero testemunha a afirmação que forma é, indubitàvelmente, cultura. Não o querem ao nosso lado os que desejam que a criatura, feita à semelhança do Criador, seja um monólito, os que se preocupam com a linha inflexível no comportamento humano, como se houvesse distorsão maior da realidade do que a imutabilidade das posições humanas. Não o amam os que o desconhecem, ou os que são intransigentes e ásperos, ou os que reagem friamente diante dos problemas, diante da justiça. Amam-no, porém, os que, nesse ente atribulado, sabem ver o claro espírito de ordem, o amor ao equilíbrio, o gôsto da harmonia, o poder de distinguir o que merece ser destruído e o muito que merece ser conservado, tudo, enfim, que anuncia as próprias características do espírito mediterrâneo. Êsse gigante da palavra era um paladino da ordem; êsse tribuno vibrante e capaz de concitar tantas paixões era um inimigo da demagogia, um inimigo dos que procuram explorar as massas, utilizar, em benefício próprio, a cegueira, o impulso primário e os sofrimentos daqueles que vivem mais desabrigados. Sabia reagir diante dos poderosos: os homens carismáticos não lhe inspiravam confiança ou simpatia, embora tivesse transigido e negociado o seu apoio a César; os aristocratas e privilegiados não lhe mereciam qualquer estima. E o agrado aos instintos

populares deixavam-no, não indiferente, porém, irritado e mal disposto.

Diante de tantos eruditos, reunidos neste Primeiro Congresso Brasileiro de Cultura Greco-Latina, iniciativa que louvo desautorizadamente, mas com emoção, foi com a timidez de quem nada sabe, que aceitei o amável convite para dizer algumas palavras neste momento. À impossibilidade de penetrar os matizes estilísticos e a contextura gramatical de Cicero, fixo-me nessa figura palpitante que tanta sedução exerce sôbre mim, desde que o conheço, há longos anos. Meu conhecimento de Cícero não se alça ao plano dos homens que aqui se acham, capazes de apreciar o valor direto do seu legado literário: vítima de minha ignorância, logro apenas interessar-me pela criatura que recebeu o sôpro de um dos mais sedutores espíritos de que a humanidade tem notícia. É Cícero alguém que nos inspira admiração mas também piedade. Foi mal sucedido no matrimônio; sofreu uma das mais pungentes dores que podem cair sôbre o destino de alguém — a de prestar os deveres fúnebres ao seu próprio fruto, sua bem-amada filha Túlia. Foi injustiçado, mal compreendido, desafiou e foi desafiado. Nada lembra nele o modelar virtuoso, o impecável, o correto, o cidadão sem faltas, o fariseu. Mas que fonte pública de sabedoria! Sem o querer e, quase sempre sem o saber, o estamos repetindo, nas expressões, nas frases, nos pensamentos.

Grande Cícero, pouco nos restaria de tudo o que amamos, se te conseguissem banir dêste mundo os novos bárbaros, sequiosos de vítimas e de princípios, de sêde de vingança e dessa coisa quase impossível de ser incluída no vocabulário terrestre, que é o absoluto. Não eras um absoluto; eras um homem do relativo, mas, assim mesmo, praticaste uma invulgar proeza, a de teres vencido as leis da morte, a de teres refluído no tempo e poderes estar como um de nós, neste dia de hoje, neste indefinível presente, exercendo uma influência que mesmo impressentida, não deixa de ser poderosa e viva.

A TRADIÇÃO GRECO-LATINA E O OCIDENTE

CONDE SEBASTIÃO PAGANO

Quando se fala em tradição greco-latina, o conceito que a reune é "humanismo", pois essa foi a herança dos gregos e dos latinos. E, para que se tenha em conta o conteúdo dêsse conceito,

---

* Esta tese representa uma interpretação da necessidade e atualização dos estudos greco-latinos em face do Ocidente católico, à luz da experiência histórica, de acôrdo com o que dizia Leão XIII a respeito da História, definindo-a, com Cícero, como a "luz da verdade e testemunho dos tempos" que, se diligentemente estudada e convenientemente examinada, ensina.

Não podemos, por isso, acomodar-nos aos interêsses revolucionários dos agentes de seitas demolidoras, aos quais enviamos o nosso profundo desdém, não nos importando calúnias e mentiras soezes de espíritos vendidos às hordas da Revolução, pois orgulhamo-nos de corajosamente manter a nossa liberdade, não nos submetendo aos falsos impositivos das falsas doutrinas ou interêsses subalternos, como o fazem pseudo-intelectuais, destruidores, acorrentados aos desígnios da Revolução corrosiva que infelicita o mundo.

Por essa experiência histórica a indisfarçável necessidade dos estudos greco-latinos exige que sejam efetuados de acôrdo com os princípios que geraram a nossa civilização, e que não são os do mundo antigo em seu naturismo e sensualidade. Os textos mais belos e profundos que se encontram em harmonia ao menos com a Moral natural não necessitam cuidado, mas aquêles que envolvem a mentalidade dominante naquelas épocas merecem uma atenção especial, para que o culto à beleza da forma não prejudique a formação da Juventude. Bem sabemos, pela História, quanto mal com a Renascença, que vai até a Revolução Francesa, que teve causa naquela e desta aos nossos dias, derivou do estudo de textos desprevinadamente lidos sem as devidas cautelas.

Daí a razão desta tese, a primeira ao inaugurar-se êste Congresso Brasileiro de Cultura Greco-Latina, onde, fazendo uma afirmação, provamo-la, em primeiro, pelo lado negativo; em segundo, pelo lado positivo, e, em terceiro, pelas suas conclusões.

São Paulo, 18 de julho de 1958.

S. P.

nada melhor do que a palavra do Santo Padre Pio XII, no seu discurso de 25 de setembro de 1946, quando recebeu em audiência os congressistas de estudos humanísticos, reunidos em Roma naquela ocasião. Disse o Papa que "se é verdade que as idéias — boas ou más — guiam o mundo, conclui-se a importância dos intercâmbios de pontos de vista entre filósofos para projetar um raio de luz sôbre muitas questões atuais, a respeito das quais muita gente, sobretudo os mais incompetentes, falam com segurança e decisão. Mas isto não teria importância se os resultados não fôssem desorientar os espíritos e semear neles a confusão, especialmente nessa bela juventude intelectual chamada a guiar, amanhã, a próxima geração.

"Humanismo e Ciência Política" foi o tema dos trabalhos daqueles congressistas, e, como o humanismo está na ordem do dia, disse o Papa que "sem dúvida é difícil defini-lo e conhecer, através de sua evolução intrínseca, uma idéia clara da sua natureza. Não obstante, ainda que o humanismo tenha pretendido, por muito tempo, opor-se à Idade Média que o precedeu, não é menos certo que tudo o que êle comporta de verdadeiro, de bom, grande e eterno, pertence ao universo espiritual do maior gênio da Idade Média, Santo Tomás de Aquino. Em seus tratados gerais, o conceito do homem e do mundo, tal como aparece na perspectiva cristã e católica permanece no essencial idêntico a si mesmo: da mesma maneira em Santo Agostinho quanto em Santo Tomás e Dante; inclusive igual na filosofia Cristã contemporânea; e as dificuldades de algumas questões filosóficas e teológicas se esclareceram e resolveram gradualmente no curso dos séculos, não obstante a realidade dêsse fato.

"Sem ter em conta opiniões efêmeras que tiveram seus momentos nas diversas idades, a Igreja afirmou o valor do que é humano e conforme à natureza, e sem dúvida procura o seu desenvolvimento trazendo-o à luz. A Igreja não admite que, ante DEUS, o homem não é senão corrupção e pecado. Ao contrário o pecado original não afetou ìntimamente suas aptidões e sua fôrça, e deixou essencialmente intactas a luz natural da sua inteligência e da sua liberdade. O homem, dotado de uma natureza manchada e privada de seus dons sobrenaturais e preternaturais, é preciso que faça um esfôrço para observar a lei natural — e isto com o concurso todo poderoso da graça

de Cristo — para viver como o exigem a honra de Deus e a sua própria dignidade de homem.

"Lei natural! Eis aqui o fundamento sôbre o qual repousa a doutrina social da Igreja. É precisamente a sua concepção cristã do mundo que inspirou e sustentou a Igreja na edificação dessa doutrina sôbre tais fundamentos quando combate para conquistar ou defender a sua liberdade, e, por sua vez, a verdadeira liberdade, e pelos direitos primordiais do homem pelos quais combate. A seus olhos êsses direitos essenciais são tão invioláveis que, contra êles nenhuma razão de Estado, nenhum pretexto de bem comum poderia prevalecer. Estão protegidos por uma hierarquia inquebrantável. Aqui o bem comum pode dar leis a seu gôsto; acolá, não pode tocar nesses direitos, porque são o que há de mais precioso no bem comum. Se se respeita êste princípio, quantas catástrofes trágicas e quantos perigos políticos se teriam em vista, porque só êle poderia renovar a fisionomia social e política da terra. Mas quem faz êste respeito incondicional dos direitos do homem, se não aquêle que tem a consciência para obrar sob os olhos de um Deus pessoal?

"A natureza humana sã, se se abre a tôdas as conquistas da fé cristã, pode muito" e, concluindo, o Papa declarou que "o destino do homem não está na *Geworfenseis* ou no *délaissement*. O homem é criatura de Deus. Vive constantemente sob sua guia e a vigilância da sua providência paternal."

Ora, o concurso que a inteligência natural do homem, mesmo sob o pecado trouxe no mundo antigo e de que o Mundo Cristão foi herdeiro, pois todos os filósofos católicos da Idade Média, os mais santos e os mais doutos, usaram os seus argumentos e ensinamentos, como vimos em Santo Agostinho e em Santo Tomás de Aquino, ou em outros homens de pensamento e de arte, como Dante ou Rafael; êsse patrimônio humano que o passado greco-latino, especialmente, nos deixou, não pode ser abandonado pelo Ocidente, sob pena de trair a própria personalidade e obliterar-se na História entrando na barbárie, que seria, entre outros absurdos, o próprio comunismo ateu que, indiscutìvelmente não tem a mínima preocupação humanística, baseado que está na dialética marxista e noutras dialéticas, que completam o fenomenismo da sua ação.

I — ASPECTOS NEGATIVOS

As sombras do Mundo Antigo

Não sou, absolutamente, admirador do Mundo Antigo, na sua organização social ou política. Apenas alguns aspectos me interessam. E muito menos admiro a sua concepção religiosa, pois exatamente nela estava o seu ponto fraco. A unidade religiosa não existia se não num fundo mitológico de ilusão e mentira, variável nas formas, mas idêntico nos mistérios. Não existia, na verdade, DEUS vivo e eterno naquela concepção e, muito menos, na Trindade Santíssima e na Redenção pelo Salvador. Daí ser horroroso pensarmos na concepção social e política daquele Mundo Antigo que só atingiu o apogeu do ponto de vista natural nas ciências e nas artes, mas, não tendo sido cristãos os seus princípios, quanta hedionda crueldade havia, quanto pessimismo e determinismo, quanta miséria, suicídios, divórcios, extravagâncias, costumes depravados e dureza de coração e hipocrisia!

O Mundo Antigo não era feliz com tôdas as suas variegadas concepções filosóficas e atitudes existencialistas. Em Esparta socialista, Licurgo, o mais avançado socialista de todos os tempos, teve necessidade de erigir estátua ao riso, para que soubessem todos que existia o riso, que se poderia rir... Todavia ninguém foi feliz naquela civilização estatista, dura, sem horizonte, estóica como sublime resignação e que só tinha uma saída, a guerra, que libertava o homem em meio àquele marasmo de vida insípida e triste. É o que se passa hoje quando a história perde o sentido da origem e fim do homem, da origem e fim dos atos individuais e nacionais. O mundo não tem sentido e estamos perdidos, segundo a afirmação de Jaspers; é um mundo de autômatos, de "robots".

Não estamos longe, nos países que adotaram as teorias democráticas da Revolução Francesa, que, entretanto, alguns pensam cristianizar, depois das crises que no seu tempo tiveram, como se se pudesse converter o demônio e suas idéias, e que se chegue ao mesmo estado em que se acha a União Soviética, porque os caminhos econômicos, financeiros, imperialistas, puramente materialistas e técnicos levarão a isso, sobretudo

porque o custo da luta imperialista se faz ùnicamente por meios fiscais, pela cobrança de impostos cada vez mais escravizantes e que levarão a um estatismo cada dia mais pronunciado, até se chegar, por vias indiretas, ao comunismo graças a uma socialização parcialmente crescente, como se vê por tôda a parte. Então aparecerão aquêles "soi-disant" católicos que pensarão em cristianizar o comunismo materialista e ateu, como cristianizaram, segundo pensam, a democracia que é o fundo de tudo isso, e que era o fundo estatista em Roma, pelo aforismo "quidquid placuit principi, legis habet vigorem", porque a *electio* fazia do imperador um deus com todos os poderes; e o faz hoje no comunismo ou nas repúblicas aparentemente livres que têm dado déspotas desenfreados. Era o mesmo fundo estatista de Atenas na aparente democracia que, no tempo de Pisístrato se dividia em três partidos, o da costa (comunista), o da planície (o burguês) e o da montanha (o aristocrático), mas todos dirigidos pelo mesmo tirano por via de seus prepostos; e, para se alçar ao poder, que demagogias ridículas fêz Sólon ou as fêz Péricles! Se em Roma se deixava ao homem apenas "panem et circenses", não menos esportiva e pavoneante era a direção em Atenas. Essa Atenas tão impiedosa, tão sem entranhas, como o revela a existência de "astinômios", funcionários incumbidos da lúgubre missão de recolher os pequeninos cadáveres dos nascituros que os pais lançavam pelas janelas; tanto quanto em Roma, onde o pátrio poder era absoluto, total, onipotente, cruel, a que se juntavam essas práticas e outras mais hediondas. E o poder marital tão total em Atenas, quanto em tôda a Grécia, como o demonstra Demóstenes que, em seu testamento, deixou sua mulher de presente para um amigo, e Aristóteles que achava a mulher um monstro sendo apenas o homem perfeito; e em Roma quando o homem comprava ao pai uma mulher, tinha o "usum" e depois a "manum", se não fizesse a "usurpatio trinoctii", corrompendo a mulher antes de terminar um ano, para devolvê-la ao pai caso não lhe agradasse mais. Aquêle Mundo Antigo cheio de corrupções e horrores que, se em Babilônia as mulheres deveriam prostrar-se no templo ao menos uma vez por ano, na Fenícia, Astartéia não exigia menos, e em Roma e Grécia os homens perdidos estavam sob uma legislação benigna.

Se em Roma, que pròpriamente não criou o Direito, mas compendiou-o de tôdas as idades e lhe deu forma própria, o Direito era tão rude como se verifica de uma obra admirável como a de J. Déclareuil, "*Rome et l'organisation du Droit*", tão grosseiro em tantos aspectos que nenhum cristão poderia aceitá-lo na sua totalidade sem aparar-lhe as arestas; na Grécia nem liberdade de pensamento havia, apesar do valor da sua filosofia, e, para gozar de imunidades místicas, refugiavam-se os principais filósofos nos jardins de Academo, do contrário teriam a sorte de Sócrates, que teve de beber a cicuta do martírio.

E que crueldade na aplicação das penas mais hediondas, que a Idade Média minorou e a Renascença continuou! O Direito Romano, tão gabado, duvido que qualquer jurista o aceitasse hoje tal como era, não fôra o sentimento cristão do Imperador Justiniano a cristianizá-lo e atenuá-lo tanto quanto pôde, conservando-lhe tudo quanto mais próximo estivesse da natureza humana. Criação da Idade Média foram o Direito Político, o Direito Social, o Direito Internacional, o Direito Canônico e inúmeras formas de Direito que são um maravilhoso aperfeiçoamento daquela primitiva ganga.

OS ESTUDOS CLÁSSICOS NÃO PODEM SER IDOLATRIA DAQUELLE PASSADO HORRENDO

Tal era o humanismo antigo, como é o humanismo moderno sem que se aperceba, ressuscitado com refinada maldade como é no comunismo; os esportes de forma multitudinal (e houve bondoso jornal de São Paulo que, citando Goethe, Platão, Aristóteles, Sófocles e voltando a Goethe, declarou que o triunfo de Estocolmo é "algo de maravilhoso", "transcendente"; aquela vitória futebolística é para nós o "fanal de uma aurora de ressurreição, o símbolo da ânsia de reagir, da vontade de lutar", e, em seguida, a "saúde moral" dêsses moços, êsse "fabuloso manancial de energias" permite "com êle construir um Brasil melhor e maior", que necessita de um Ministério dos Esportes — 1-7-58 — pois essa "vontade de lutar que agita o Brasil de Norte a Sul" estava a pedi-lo) ; o rádio, o cinema, a televisão,

com programas desgastadores; a imprensa ensinadora do mal e com suas revistas gerando juventudes transviadas; as campanhas de exploração demagógica, política e social que levam as multidões à demência... Que lástima que aquela "aurora de ressurreição" do entusiasmado jornal não se realizou! Que lástima, embora com os esportes e o comércio excessivo é que tenha a Grécia começado seu declínio!

Isso demonstra que o humanismo do Mundo Antigo voltou sob outras roupagens. E, se o cristianismo é uma palavra que substitui tudo o que houve até hoje de melhor no mundo, não compreendo por que se atualiza uma palavra que tinha, em Roma, o significado de um luxo de vaidade, de uma piedade mesquinha que a educação, a gentileza antiga permitia como caso do senhor que em lugar de mandar matar um escravo, mandava-o morrer numa ilha do Tibre; naquele tempo em que se davam escravos em postas às feras porque eram mais baratos que os carneiros; naquele tempo em que Aristóteles defendia a escravidão por dívidas; naquele tempo em que Nero provava veneno nos escravos; naquele tempo em que Roma fazia suas orgias vomitando na cara do escravo que lhe pincelava a garganta para continuar o festim antes que pudesse alcançar o vomitório... Com esta recordação a minha alma estremece de horror como em a *Eneida*, II: *Quamquam animus meminisse horret luctuque refugit.*

Mas o estudo do Mundo Antigo, pela sua história e pelas suas Instituições serve imenso para acautelar as gerações, para dar-lhes o exemplo de suas conseqüências perniciosas, para evitar a repetição de novos erros, para tomar a experiência histórica que é a verdadeira sociologia, como, por exemplo, para se compreender que o divórcio é uma chaga que nem tôda a fôrça do Estado pôde depois dominá-la, não adiantando, em Roma, as leis como a "Lex Iulia", a "lex trium liberorum", a lei "de adulterio coercendo" e outras, porque o divórcio gerou a anarquia social, a diminuição da natalidade, a ponto de declarar o Conde de Saint Victor, na sua biografia de Marco Aurélio, que "Roma aluia, como um rio na sêca"; porque o despotismo do Estado não presta; porque o Sindicalismo, a Economia dirigida e tantas misérias e erros do passado não devem repetir-se. Serve seu estudo para se ver como Roma evoluiu sempre para pior, do

reino para a república aristocrática, oligárquica, burguesa, comunista, até a Ditadura imperial electiva, que, pelo seu individualismo, acabou num socialismo de Estado que assentava na imensa massa de escravos, de sorte que, na queda de Roma, dos seus 120 milhões de súditos, 80 eram de escravos... Tudo isso é útil às nossas cogitações, aos estudos sôbre a situação presente do mundo, e de como o Cristianismo veio reconhecendo a Liberdade interior e exterior dos homens na sua igualdade essencial e não social, porque são todos filhos do mesmo Pai que está nos Céus, e são todos igualmente chamados à bem-aventurança eterna, o Mundo Antigo mudou de feição, cristianizado, aproveitando-se tudo quanto de grande se fêz no pensamento, na arte e, mesmo, nas instituições.

Humanismo, não pode ser "elegância", mas caridade; mas, repito, diante da palavra cristianismo não há necessidade de ressuscitar a expressão Humanismo, cujo conteúdo histórico é tão vil e que, portanto, não se pode cristianizar; há palavras que não mudam de sentido. Humanismo diz "elegância", sentido humano, mas não caridade, cristianismo! Hoje procura-se adaptar a expressão humanismo à parte social, mas as suas reminiscências são tão abjetas e hipócritas, que ainda hoje também, por isso mesmo, representa interêsses políticos, que não resolvem os problemas da sociedade e do indivíduo. Êste humanismo não é melhor que o do Mundo Antigo, por mais vistosos que sejam os tules com que o vestem. O humanismo é o apanágio social do comunismo, que não conhece a caridade. Por êsse motivo a História perdeu o sentido, porque não se encontra a "pessoa humana" (Persona est substantia individua, rationalis naturae, dizia Boécio); não se encontra a *D*EUS verdadeiro, ou melhor, desprezam-No.

Não são êsses os aspectos do Mundo Antigo que devemos vivificar, contemplar e dêles aprender. A cultura clássica, as Artes, o verdadeiro humanismo, nesse sentido é que devemos restaurar e vitalizar.

O HUMANISMO OCIDENTAL

O humanismo, todavia, de sentido clássico, não êsse de caráter social e político, tão esdrúxulo, luta ainda por sua

sobrevivência. Para arrancar tudo o que havia de belo na Roma Antiga, a luta contra os clássicos se instalou por tôda a parte e é a melhor arma da Revolução para destruir nossa Civilização. Assim, a cultura latina e a civilização ocidental terão que desaparecer, porque o latim e o grego são algo morto, porque não se lhes sabe tirar tôdas as maravilhas que contêm. Mas êsse é o sentido positivista da vida. Augusto Comte pretendeu que os três estados, fetichista (politeísta), teísta (monoteísta) e positivo são as verdadeiras fases da História, e que chegamos ao período positivo. Logo, não há razão para devanear com coisas que não sejam práticas, positivas, úteis, concretas, reais. Assim, pede-se aos homens apenas cultura, o que é "ciência positiva". Ora, isso não é civilização, porque a cultura pode esconder maldades várias, enquanto um homem civilizado que conhece os princípios pelos quais deve ser bom, não as tem. Com o positivismo e a técnica, o mundo não será feliz, e abandonando a cultura clássica, sem dúvida terá perdido algo do precioso humanismo clássico, que é permanente, como o estilo da vida, o idioma, a arte, os sentimentos e a filosofia comum, porque a cultura deve estar na própria vida, que deve estar impregnada de cultura.

Ora, uma vez apontadas as mazelas do Mundo Antigo, poderíamos dizer que Roma não tinha um sentido verdadeiramente civilizador, se tomarmos esta palavra no seu verdadeiro conteúdo e indagarmos o que é civilização. A isto responde Monsenhor d'Hulst em suas *"Conférences de Notre Dame"*, que é um conjunto de princípios tendentes a fazer o homem melhor e mais feliz. Não era feliz o homem em Roma, sem falar dos escravos, da situação da mulher, dos filhos, da família, da vida econômica, mas mesmo da cultura diminuída, como se vê em Plínio, que não pôde terminar seus raciocínios por causa das superstições; como se viu em Diágoras de Melos, que, por contrariar o espírito ambiente e dizer que não acreditava em deuses, foi amaldiçoado e teve que fugir; como se vê na obra-prima filosófica que era o estoicismo que levava ao suicídio, como o praticaram os césares e os poderosos, pois a glória era vã e a vida vazia.

O humanismo clássico, latino-grego, mediterrâneo, portanto, não é o apanágio da cultura atual, que, sob o Cristianismo,

agregou à sua forma de pensamento algo de mais elevado e completo. O humanismo de hoje se fixa em alguns pontos de geografia, de ciências físico-químico-naturais, em algumas línguas vivas e, sobretudo, na técnica, a técnica positiva. É a destruição da verdadeira cultura, em marcha para o comunismo, pois o comunismo não tem filosofia e despreza os filósofos, uma vez que tem uma lei da história que não é mais que o fenomenismo que passa hoje; o amanhã não interessa se não como outro fato que a filosofia da existência anulará, como marcha normal dos acontecimentos — o epifenômeno — sem princípio ou fim, sem DEUS. Ainda Roma tinha, como dizia Prudêncio (Aurélio Prudêncio Clemente), historiador cristão, a "pronomia divina", que fazia o desenvolvimento da história do Império Romano, algo que projetava Roma, misteriosamente, em direção ao Cristianismo, em meio a todos os erros do passado; erros cometidos sem a malévola intenção do mundo atual, perverso, degenerado, revolucionário, e que propositadamente se lança nessa confusão.

Hoje se repele um conjunto cultural, herança de Roma pagã e de Roma cristã, porque se quer afastar a dor, o sofrimento e tudo o que possa erigir verticalmente o homem, e se procuram as comodidades da existência pura e simples. O positivismo, o materialismo, o comunismo, filhos da Revolução, levaram a humanidade à mais sombria catástrofe. Longe da escatologia cristã, em vão se busca, na ciência prática, na Astronáutica, por exemplo, uma expressão da grandeza humana, porque tudo isso é limitado, e não entra numa alma em pranto, num coração desolado, num homem abandonado, "derelicto". O vazio da alma que é infinita, não pode preencher-se se não com o Infinito, que é DEUS. Os sábios dessa Ciência prática, técnica, progressista, não têm culpa, porque estão em seu terreno, uma vez que não são pròpriamente filósofos e trabalham onde se lhes dão condições técnicas para produzir ou fazer uma bomba atômica, que assassine duas cidades de uma vez — e não era essa a intenção dos sábios, certamente — ou para construir um satélite, cujos fins astronáuticos não visem diretamente a atacar outro país e isso tudo sem indagar donde tiram os governos mecenas êsse dinheiro, se da pele, do sangue do povo ou não.

Admiramo-nos, entretanto, que Grécia e Roma tenham dado monstruosidades, como as que sucintamente apontamos e que são a sua parte negativa; mas é natural que assim fôsse, pois não tendo a Revelação Cristã, não tendo, de imediato compreendido a Redenção, permaneceram imersos num sonho de grandeza humana a que o terror infundido pelo Estado onipotente dava o tom do progresso acossando a produção material, intelectual e artística. A perfeição da obra, qualquer que fôsse, era uma redenção para o artista e o intelectual, para o manufatureiro ou especialista, porque era um refúgio à dureza da vida. Sempre se falou na "purgatio" dos artistas que fugiam do horror ambiente para entregar-se a um sonho de arte mais perfeita. O Cristianismo, mudando o ambiente pelo verdadeiro fim do homem, e pelo legítimo conceito de Liberdade, trouxe outra concepção da vida e outros meios criadores mais eficazes e mais nobres, mais condizentes com a grandeza humana legítima. Nem se poderá pensar no classicismo, com espírito cristão, se não debaixo dêsse prisma, que faltou aos gregos e romanos, e é a sua nota diferenciativa, negativa, que acabamos de apontar.

II — ASPECTOS POSITIVOS

O Humanismo na Idade Média e na Renascença — Os clássicos ensinando

Depois dos trabalhos dos primeiros séculos realizados pelos monges para salvar os monumentos da cultura clássica, que inspirou os grandes doutores da Igreja, nos séculos IX, X, e XI, houve grandes esforços para a ressurreição da Literatura Antiga. Dante Alighieri, tomando Virgílio como seu Patrono (Tu duca, tu maestro, tu signore), ao dizer estas palavras, tu és o guia, o mestre, o senhor, dava o tom da orientação artística do seu poema. Petrarca tinha lido e relido os autores antigos cujos manuscritos ia exumando das bibliotecas dos príncipes e dos conventos. Transcreveu textos inteiros, como as "*Instituições Oratórias*" de Quintiliano; as "Cartas Familiares de Cícero" e escritos de outros autores. Escreveu uma "*História Romana*" e um "*De Viris Illustribus*", um resumo ou "*Epitome*

rerum memorandarum libri IV" e um poema sôbre a segunda guerra púnica "*Africa*"; renovou o estudo da geografia com o seu "*Itinerarium Syriacum*", e, influenciado por tantas obras-primas do passado, pensou mesmo em dar à política regras novas escrevendo o "*De Officio et Virtutibus Imperatoris*". Do mesmo modo Boccacio, seu contemporâneo e amigo, que mandou seu secretário Leôncio Pilatos copiar os dois poemas de Homero, gastando grande parte da sua fortuna em adquirir documentos raros. Dante seduzia-o. Morreu de fadiga pelos seus árduos trabalhos intelectuais, quanto anotava a "*Divina Comédia*". Teve tempo de escrever e *De Genealogia Deorum*, onde, pela primeira vez, os deuses foram estudados hieràrquicamente, devndo tal realização aos seus estudos em escritores da antiguidade. Fundou a primeira cadeira de grego existente em Florença, e o Humanismo teve estrada aberta. Já não precisamos falar dos gregos Manuel Crisoloras e os que lhe sucederam, porque, como vimos, os latinos católicos é que procuravam os clásicos. A Idade Média, ao contrário, nunca foi inimiga dos clássicos, como pretenderam fazer crer certos renascentistas. O que convinha à Idade Média era trazer os clássicos sem prejuízo do pensamento cristão, escoimados dos defeitos graves que o Mundo Antigo apresentava.

A renascença, ao contrário, em nada disso pensou ao restaurar em tôda a sua plenitude e com tôda a intensidade, o Classicismo, que, conforme expusemos, continha enormidades repugnantes que não poderiam ser aceitas num mundo cristão sem perda da sua legítima orientação e com grave perigo de corrupção, o que, aliás, foi a sua conseqüência na Renascença, período híbrido, misto de cristianismo e paganismo, cujos resultados vieram a ser a Reforma e a Revolução, os três "R", segundo Gaume, conceito repetido por Maurras, que infelicitaram o mundo.

Na leitura dos Clássicos encontramos muitos elementos de ensino para grandes e pequenos. O Mundo Antigo que, como mole política, no seu conjunto, foi todo eivado de erros, nas suas particularidades é um grande manancial de ensinamentos, na Filosofia, nas Ciências e nas Artes.

Como é interessante encontrar na *Ilíada* e na *Odisséia* uma série de conceitos filosóficos e de estudos de psicologia humana

e do heroísmo que nos infunde grandeza, decisão e coragem, ainda que para o sentido pagão da vida a conquista seja torpe, e, por isso mesmo era preciso "humanizá-la" dando-lhe algo que só os deuses poderiam inspirar, nobilitando o esfôrço dos heróis que serão os paradigmas da pátria helênica e os mentores da ordem superior, quase divina, da cidade.

Ensinava Homero tanto aos povos quanto aos reis. Assim, na *Ilíada* (2.ª rapsódia, relativa ao insucesso da Assembléia), na primeira cena, a do sonho (1-47) dizia: "ouvi, amigos! um sonho divino veio-me, dormindo na noite imortal; como se parecia em tudo a Nestor divino — no rosto, na estatura, nos modos... Pousou em minha cabeça e me disse estas palavras: dormes, filho de Atreu, o manhoso doma-cavalos? Não convém que durma a noite inteira um varão conselheiro, a quem se lhe encomendaram os povos e tem tantas preocupações."

Quanta beleza na visão de prudência de quem manda e no sacrifício máximo do sono, do qual o chefe, o príncipe, deve privar-se para não trair a confiança dos que se encomendaram à sua guia e à sua guarda e defesa. Ensinando príncipes e povos, Homero foi coonestando, também, a intenção daquele empreendimento presunçoso e guerreiro. Nos versos 211 a 227, ao tratar daquele desbocado Térsites, alvoroçado demagogo, que tinha palavras impróprias e muitas — que nèsciamente, para competir com os reis — ia dizendo o que lhe parecia, mostra ao povo como se castigam mentirosos. E foi Ulisses, aquêle incomparável herói dos heróis, quem lhe tapou a bôca para sempre, "o público, ainda que afligido, riu-se suavemente dêle, e alguém disse, olhando para o vizinho: vá, que Ulisses muitas e grandes façanhas realizou, mas nenhuma como esta — tapar a bôca a êsse desbocado. Não terá mais vontade de tornar a injuriar aos reis."

Aqui Homero ensina ao povo, como havia ensinado aos reis.

O HUMANO E O CÔMICO NA LITERATURA CLÁSSICA

É certo para mim, historiador e professor de História, que Homero usou da exacerbada ação patriótica para fazer da *Ilíada* e da *Odisséia* os cantos sagrados da pátria, o catecismo do patriotismo das gerações, e inculpou a outros quando não devia,

para ocultar os motivos imperialistas das conquistas helênicas, assinalando feitos grandiosos para os seus e engrandecendo os inimigos para mais ainda glorificar os da sua raça. Mas que belos conceitos nas situações em que narra essa epopéia maravilhosa! Para o Mundo Antigo, sem as verdades cristãs, mentir pela pátria era virtude.

Não quer isto dizer que os clássicos não devem ser fonte de ensinamentos para os cristãos. Mesmo na sua literatura, são feliz manancial. E não cremos que se possa fazer boa literatura sem o conhecimento dos clássicos. Aliás, tomamos o testemunho de Ezra Pound, êsse grande humanista estadunidense que recomendava a uma jovem poetisa que, para formar-se em letras, é necessário absorver boa quantidade de boa literatura que ainda não tenha sido rebaixada, vulgarizada e pregada, como uma virtude. Nada de "opinião corrente". E é de supor-se que tal quantidade de boa literatura possa salvar alguém de meter-se na cena contemporânea ou de pensar que as coisas, naturalmente, ou por necessidade, devem ser como são ou mudar segundo o catálogo das direções previstas. Assim, a língua grega parece um depósito de ritmos maravilhosos. Quem não lê grego ou tradução latina, nada tem a fazer. Deve, então, recorrer a homens, como Mackart, cujos "*Select Epigrams from the Greek Anthology*" são excelentes; ou traduções de Teócrito por Andrea Lang; ou *Sapho*, de Wharton; e assim Catulo, Propércio, Horácio, Ovídio, Tácito, Virgílio e outros tantos que nos ensinam a cada instante.

Os clássicos não ensinam apenas os temas graves, mas também êsse humor, êsse humor que é a vida e que teve seus cultores, não apenas na comédia mas no fundo do "humanismo" que a vida exige para encarar acontecimentos graves com uma dose de equilíbrio entre a tragédia e a realidade, que devem ser vencidos para salvar uma situação. Nisto reside uma grande superioridade humana, e dos povos mais cultos se diz que têm "espírito" como o francês, e "humour" como o inglês; e algo semelhante do chinês; têm leveza, graça, filosofia.

A psicologia do humor é algo de profundo para o estudo da personalidade. Não fôra assim Cervantes não teria pôsto muita filosofia no humor do Quixote. Por isto o humor é uma atitude diante da vida, dizia Fernández Florez. E como Cervan-

tes, Palacio Valdés, tirso de Molina e os autores franceses são ricos de humor, no seu chamado "esprit", não apenas num Rabelais, como num Rostand, no seu *Cyrano de Bergerac*, pleno de graça amarga e profunda. Na Antiguidade Aristófanes ou Petrônio, como entre os modernos Dickens ou Mark Twain, que souberam compreender o homem de modo superior.

O Padre L. A. Schökel S. I., num magnífico estudo sôbre o "humor" na Revista "*Humanidades*", disse que o humor tem três objetivos: 1.º) saborear o suco da psicologia da infância ou as debilidades senis; daí ter o humor algo de paternal; 2.º) estender essa atitude aos homens em geral, o que mostrará quanto de infantil têm muitos homens na inconsciência e na limitação; 3.º) estender essa atitude a si mesmo, o que é mais difícil, sorrindo das nossas desilusões.

Os Clássicos neste particular são mestres.

Há, entretanto, uma grande diferença entre o humor e o cômico ou ridículo, que é o contraste entre a imbecilidade e a ignorância de alguma verdade que flui não se sabe por quê, como quando se diz, "falei por falar", ou "fiz porque quis", escondendo um complexo de ignorância explicativa, ou complexo de inferioridade, que, afinal, faz rir, por outro complexo de paternalidade, doçura e bondade, sem que no cômico se precise juntar a perversidade humilhante contra quem o fêz.

Com isso encontramos nos autores do Mundo Antigo, muitos elementos elevados para a formação do homem, pois o homem, no Mundo Antigo, ilustrava-se no conhecimento das letras clássicas, dos escritos elegantes e da composição equilibrada e bem pensada. As artes plásticas procuravam realmente aquela verdadeira harmonia de beleza, majestade em que, por exemplo, os gregos foram insuperáveis, pois, mesmo os artistas da Renascença, sobretudo na estatutária, quase foram copistas ou imitadores face àquela incomparável beleza antiga. Tudo no Mundo Antigo que se refere à Arquitetura ou Escultura (não tanto na pintura em que não tiveram notoriedade), procura a beleza pelo que tem de mais profundo, mais universal, elevando o homem pelo grandioso, tirando-o da mesquinhez da vida para fazê-lo contemplar as delícias da beleza pura.

Quanto à parte moral do homem, não era exatamente aquela que o Cristianismo infundiu na razão e no coração huma-

nos, porque a moral, embora deduzida da própria natureza, na maior parte das vêzes, participava daquela elegância ou distinção que fazia o "humanismo" do Mundo Antigo, distinguindo o homem dos animais, embora animalizado pela concepção da vida e pela falta de uma divindade verdadeira, legítima e não um mito.

O INTELECTUAL NA ANTIGUIDADE E NO CATOLICISMO — A FORMAÇÃO DO HOMEM

Do ponto de vista moral, apesar do ensino moralizante para a época, não havendo um fundamento se não racional, é evidente que a transgressão das leis morais fôsse muito maior. Quanto delíquio há em Platão, por exemplo, na sua vida cotidiana, ainda que suas normais morais fôssem tão elevadas como, para apontar um caso, se vê no "*Simpósio*", quando Apolodoro falava a seus amigos e a Glauco a respeito dos banqueiros e ganhadores de dinheiro, e sorria, porque muitos amigos se diziam absolutamente ocupados (por serem banqueiros ou ganhadores de dinheiro) quando na realidade êles não estavam fazendo mesmo nada ... Pode haver conceito mais alto de filosofia?

Virgílio, por exemplo, é um criador de caracteres, e deu à *Eneida* uma certa côr de simbolismo e transcendência da Roma do seu tempo, e, por conseguinte, também dos personagens. Mas tudo isso o Professor Servando Montaña diz que é a roupagem que lhes doou o autor magnífico e esplêndido, pois não dá à pessoa nada de intrínseco, como caráter. O que êle realmente pensava do caráter em si é que é verdadeiro e belo porque, de resto, em Roma, não havia aquelas virtudes, se não raramente. E êle próprio escreveu a *Eneida* por encomenda de Augusto para encontrar-lhe uma genealogia profunda que o fizesse exceler entre todos os romanos. Tarefa ingente para Virgílio: "Tantae molis erat Romanam condere Gentem". E isso, em meio a tanta torpeza de costumes, pois Virgílio soube fazer ressaltar a pureza, quando destaca o pudor de Lavínia pela qual lutavam troianos e ítalos, dizendo: "A virgem Lavínia, inspiradora de tanto mal, caídos no solo os honestos olhos".

Quanta moralidade se pode aprender nos antigos! É certo que há a dubiedade, como no grande Cícero que, honesto advo-

gado, não recebia pagamento pelas suas defesas, mas ganhava muitos presentes ricos e era rico; aos pobres como nada dêles pudesse ganhar, convencia-os que o lugar ideal para morar é a cadeia, e deveriam preferi-la a tudo neste mundo, desistindo de defender-se.

Era uma condição do intelectual, pensar bem. E, segundo Platão, há vários tipos, entre os quais os principais são os sofistas e os pròpriamente intelectuais. Os sofistas, cujas pretensões muito se parecem com as dos intelectuais, convencidos e inovadores, revolucionários destruidores e auto-suficientes.

Dentre os intelectuais, Protágoras é um modêlo que, no seu "*Diálogo*" pergunta "se a virtude é ensinável", e refuta suas obrigações. Sócrates, entretanto, pelo seu intelectismo deixou, talvez, sem solução o diálogo sôbre êsse assunto, porque encontrava duas formas de educar: o homem, como organismo biológico e a alma (da qual talvez, êle, Sócrates, cresse na imortalidade).

Platão preferiu Sócrates como educador, por ser, em certo sentido, um técnico. Entretanto, êsse ideal de Platão só foi realizado pelo Cristianismo.

O aprendizado técnico para Platão é algo diferente do que se pretende hoje, pois hoje pretende-se que "tôda" a cultura seja técnica sem nada de humanística. Ora, em Atenas, cidade intelectual, por excelência, não se permitia que qualquer um falasse, mas apenas os que o sabiam; quando, porém, se tratava de algum assunto nacional, subiam à tribuna indiferentemente arquitetos, ferreiros, curtidores, ricos, pobres, nobres e plebeus, pois a virtude cívica não supõe ensino.

Isso porque, no ensino, em primeiro lugar vinham os mitos, como o de Prometeu e o de Epimeteu, que ensinam ao homem as artes manuais, terminando com o dom complementar da virtude. E foi por isto que Zeus mandou Hermes levar à primeira cidade organizada o pudor e a justiça, porque êstes, ao contrário das artes, que se dividem entre os particulares, devem ser compartilhadas por todos os cidadãos.

Mas Platão e Sócrates, que não tinham, no seu tempo, uma instituição divina e sobrenatural como a Igreja, que penetra nas virtudes, mais profundamente do que essa lógica "das conveniências", com a missão peculiar do bem espiritual e eterno

das almas, enquadram a missão educativa no marco da "pólis", isto é, do político ou do cívico. E por isso Sócrates, no "Criton", dizia: "Vejamos por aqui (o complemento das leis da "pólis"), pois aqui Deus nos guia."

Quão longe, nos nossos dias, estamos dessas virtudes cívicas da "pólis"; que crassa ignorância dessas superiores leis, nos meios políticos!

Mas a moral de Sócrates era um costume, uma educação aposta à natureza, e por isso mesmo era "humanística" sem o complexo dos méritos e deméritos; era mais ou menos, um pouco, a moral kantiana do "imperativo categórico", sem sanções ou penas ou recompensas, pois dizia Sócrates: "Nenhum homem peca voluntàriamente; todos os que praticam o mal o fazem involuntàriamente" (v. "Protágoras" de Platão, 345 a). Nega aqui a liberdade volitiva do homem e isso é o fundo do protestantismo, que Lutero seguiu ao dizer: "Peca, peca ousadamente, mas tem fé". Ora, sabemos pela filosofia que se pode ter moral mas não virtude, ou ter Moral sem virtude.

Que é a virtude? Foi um tema central para Aristóteles que a representou na "*mesotes*", no meio têrmo, entre a falta e o excesso. A virtude, no Mundo Antigo, era um misto de êrro e de verdade.

AS VIRTUDES — A HISTÓRIA — OS CLÁSSICOS E A TÉCNICA

Platão dizia que a virtude é ensinável; uns a ensinam empìricamente, ao azar; mas o pedagogo técnico ensina a virtude certeira, científica, infalível: "É preciso encontrar quem de certa maneira nos faça melhores". Sócrates foi para êle um ensinador técnico, e na "*República*" (326 a) declara que "êsse educador deverá ser justo e assim acertará, terá exatidão infalível no seu trabalho pedagógico, e êsse justo ideal, fiel até a morte, ainda que seja tido como malfeitor, e seja açoitado, torturado, atado, queimados seus olhos e crucificado." Parece, disse Menéndez y Pelayo, que Platão anteviu o Salvador, o único que pôde dizer: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", diz o Padre D. Mayor S. I., mas que respeitou a liberdade do homem, como em Judas, para o qual de nada valeu a pedagogia do Salvador.

Eram exímios pedagogos os antigos! Depois de Sertório ter fundado, em 75, as primeiras escolas romanas na Espanha, após um século, surgiu a grande maioria dos literatos da antiga Roma, como Sêneca, Marcial, Quintiliano, Columela, Floro e outros, e, um século ainda, eram espanhóis dois imperadores romanos e um dêles o maior de todos — Trajano.

Na Idade Média, os clássicos foram imensamente estudados. Daí ter sido ela uma idade tão intelectual e espiritual, tendo chegado a ser populares a *História de Alexandre Magno* e as *Fábulas de Esopo*.

Os clássicos influíram em Santos da Igreja, como Cícero em São Leão Magno, Santo Ambrósio, São Jerônimo; Platão em Santo Agostinho; Aristóteles em Santo Tomás de Aquino. Entre os grandes nomes dos humanistas católicos, medievais, vimos Dante, Petrarca e Boccacio. Desde a Renascença, porém, há inúmeros. Basta dizer que foi o humanismo clássico que preparou os homens da incomparável Espanha Imperial.

Dizer que a Idade Média não conhecia a técnica é desconhecer essa época maravilhosa. Para apenas citar dois exemplos, o autômato criado por Santo Alberto Magno, Mestre de Santo Tomás de Aquino, não é o antepassado do "robot" moderno? E a máquina de pensar, tão bem ideada por Rogério Lúlio não é a antepassada do cérebro eletrônico moderno? Infelizmente foi crescendo a teoria de que a técnica dispensa os estudos humanísticos, encontrando atrasadas as épocas em que êsses estudos foram levados a sério. Seriam atrasadas ou é a nossa época que está desorganizada em absoluta perda de equilíbrio que a levará à ruina pelo excesso de técnica? Penso que é assim.

O estudo científico excessivo sem o contrapêso do clássico e da reflexão, está materializando o mundo, convertendo os homens em máquinas e "robots", levando às crises sociais e políticas que ameaçam a civilização. Que características têm as guerras modernas se não a econômica, material, petroleira, atômica, destruidora, ganhadora de dinheiro, e que infalìvelmente levará o homem à destruição, sendo uma humanidade infelicíssima e grosseira com tantas invenções, porque não tem o complemento da beleza, da harmonia e da ordem, ensinando-se ao homem o culto à deformação, ao feio, ao horror. No Oriente inculto, sem o classicismo, escravizado à idéia de domínio mate-

rial, esmagando a Europa, já não digo os Estados Unidos que, por terem ficado imersos nessa ânsia de conquistas materiais, são justamente os pródromos dessa luta, tentando vencer o adversário da mesma têmpera, vivendo no industrialismo positivista e não, como diziam, na poesia idealista. Não foi Teodoro Roosevelt no seu livro "*Ideal da América*" que tem o sub-título "expropriação das raças incompetentes" e no outro "*Vida Intensa*", em que dá a filosofia do ideal burguês, dizendo: "plantemos nossa bandeira antes que outros povos plantem a sua", na legítima seqüência da filosofia de Izoulet?

Essa, a filosofia burguesa, gozadora, ganhadora de dinheiro desdenhosa dos clássicos e dos idealistas! Teodoro Roosevelt escreveu: que valem os ideais, se não se tem dinheiro para os realizar?... Êsse homem jamais compreenderia Ulisses! E essa burguesia evolucionista gerou o comunismo, que é a complementação, pelo dinheiro e bens materiais, na escatologia social do operariado, que não passa de mero instrumento de demagogos. Por isso os porta-bandeiras do comunismo e da democracia (que é o ideal burguês, pois o socialismo sai do individualismo burguês, como o fruto sai da flor, ainda que pareçam diferentes), sempre pretenderam arrasar o classicismo. Em 1894, Jaurès votava contra os estudos clássicos para acelerar a decadência intelectual da burguesia gozadora, pelo seu feitio negocista e industrialista, ganhadora de dinheiro. E essa idéia de Jaurès mereceu os aplausos dos socialistas de tôdas as esquerdas burguesas ou não, pois o fruto do humanismo clássico é disciplinar a vida, espiritualizá-la, aristocratizar os espíritos e educar o homem para a vida presente e a futura. E para a formação humanística se requer sacrifício, que o burguês gozador da vida e o comunista materialista e ateu não querem, pois exigem-se percepções de pormenores artísticos e matizes de pensamento.

III — CONCLUSÕES

A Tecnicidade presente e o Humanismo — Balmes

Para completar, ainda falando da parte técnica e material, o gênio inventivo que depende da imaginação, desenvolve-se muito mais pela cultura dos clássicos, tão ágeis, penetrantes

e profundos, que seria de todo absolutamente útil completar a agilidade do pensamento e o espírito inventivo com tais estudos, pois a técnica teria muito mais a ganhar em desenvolvimento e em humanização. Não nos devemos esquecer que a decadência da Grécia se iniciou quando exorbitaram na prática dos esportes e do comércio.

A técnica trata das coisas materiais e mecânicas a fazer, cuida dos acessórios da vida e não da vida. Ora, o que importa é a vida, e esta, sem dúvida, humanamente falando, é espírito, principalmente, pois, se "persona est substantia individua rationalis naturae" (pessoa é substância individual de natureza racional) e o corpo não pode separar-se da alma para não termos um cadáver, a alma, num sentido mais alto, melhor representa o homem. Uma civilização técnica, se "civilização" podemos chamar a êsse conjunto de mecanismos que fazem o confôrto da vida e não a vida, seria a redução do homem ao animal pela negação completa do espírito, e seria o comêço do fim da técnica. Ora, pôr a técnica a serviço do espírito é o grande problema da atualidade materialista, pragmática, utilitarista. O fim da técnica é um conjunto de situações que levam ao comunismo ateu, materialista e materializante, pela redução de tudo a reflexos ordenados pelo Estado.

Mas civilização não é apenas técnica, que seria uma parte da cultura. Civilização, repitamos com Monsenhor d'Hulst, é um conjunto de instituições e de princípios tendentes a fazer o homem melhor e mais feliz. E, em que pode a técnica tornar o homem mais feliz, se a felicidade é a posse do bem sumo e estável e perfeito? Como pode a técnica consolá-lo ante a morte de um ente querido, nas solidões do espírito, nas dificuldades da vida, ou dar-lhe o sentido da sua finalidade última, da sua razão de ser sôbre a terra?

A técnica está para o homem, como o garfo para o gôsto. A técnica não dá felicidade a ninguém, daí a "insouciance" atual, o desespêro, o suicídio, porque em parte a humanidade está perdendo os sentimentos e a razão da vida. E, se necessàriamente o tecnicismo não é materialista, é ao menos mecanicista, especialmente numa humanidade que, em boa parte, não quer tirar partido do confôrto e abeberar-se em algo que a eleve, como "à la recherche du temps perdu".

A mocidade de hoje, dizia Filipe Ariès, é conformista, menos revolucionária que a geração 1920-1930. Na realidade, a tendência mostra uma juventude desorientada, sobretudo a que fugiu à herança européia. É de admirar que no Congresso dos pais de alunos das escolas, em maio de 1958, na França, se tenha obtido êste resultado: entre os 900.000 participantes, dentre 16.000 famílias e 12.000 jovens, chega-se à conclusão de que as profissões preferidas são: para rapazes — rádio-eletricistas, engenheiros, aviadores e desenhistas industriais; para as moças — educadoras, esteno-dactilógrafas, vendedoras. Quanto às famílias, não desejam ver seus filhos trabalhando antes dos 16 anos de idade, e as filhas, que tenham profissão rendosa, qualquer que seja a situação ou o estado civil.

A pressão econômica e financeira da vida é que leva à procura de profissões para utilitarismo. Portanto, o ideal será não desprezar a cultura humanística, conciliando-o, em parte, com as tendências técnicas da humanidade, uma vez que 40% dos estudantes, por exemplo, da Universidade de Paris, a maior do mundo, com uns 180.000 alunos, luta para ganhar o pão cotidiano.

Para que o mundo não perca a sua característica verdadeiramente humana, dizia Balmes, "nenhuma das faculdades do homem é inútil, nem intrìnsecamente má, a boa lógica faz compreender ao homem inteiro, com tôdas as suas faculdades, harmonizando-as". Assim, se a razão é fria, não vê claro, é preciso dar-lhe calor e não ofuscar sua claridade; se as paixões são cegas, não dão fôrça, é preciso dar-lhes direção e aproveitar essa fôrça.

O entendimento deve submeter-se à vontade; a vontade submeter-se à moral; as paixões submeter-se ao entendimento e à vontade e tudo isso deve ser ilustrado e dirigido pela Religião. Assim teremos o homem completo, o homem por excelência, no qual a razão ilumina, a imaginação pinta, o coração vivifica e a Religião diviniza.

Ora, ao humanismo dos educadores faltou essa filosofia da educação, levando ao devido fim moral, divino e humano, a cultra. Daí explicar Luís Farré que os que fracassaram como educadores é porque são egressos das mesmas teorias fenomenistas e positivistas, que fazem fracassar como homens, e o

humano desaparece. Humano, no sentido lato, dizemos, do homem de Deus e para Deus. "Praticaram na instrução, diz Farré, a estrita divisão material do trabalho que se leva a cabo em muitas fábricas; uma extrema especialização adversa à integridade humana. Hipertrofiada uma capacidade específica, a cujo serviço ficavam subordinadas tôdas as demais, desapareceria o humano. Repito, isto é a negação do Ocidente. Se não se reformarem êsses métodos, a defesa da cultura carece de sentido, pois de fato estamos renegando nossa íntima essência cultural. Lutaríamos ùnicamente por interêsses materiais, como lutam por uma prêsa maior os irracionais, governados ùnicamente pelo instinto de conservação. E esta é uma luta imperialista que não tem coração e justifica todos os meios, pois não a ilumina nenhum fulgor espiritual. Ora, o homem, é, antes de tudo, espírito, e não vale a pena que se sacrifique por economias, se elas, pelo menos, não serão o suporte da sua cultura e dignidade.

VALOR ESPIRITUAL DA CULTURA

Mas não pode ser única e exclusivamente humanista o homem que vive sua cultura, sem um sentimento universal da vida, como é o sentido católico, porque a cultura tem uma finalidade humana e divina, e a defesa da civilização não se verificará. No positivismo, a educação aparece sem raízes teológicas de dever, por uma razão de amor a Deus, de respeito à ordem que Deus estabeleceu em a natureza humana e no mundo exterior. Mas sim como uma regra de organização interior que é meio para assegurar uma organização exterior dentro da qual o homem seria materialmente feliz, sem nenhuma idéia de mérito ou demérito noutra vida espiritual.

Deriva, sem dúvida alguma, do repúdio que o protestantismo fêz dos princípios fundamentais do catolicismo, inaugurando a idade do princípio que "só a fé salva", mesmo sem obras, sem méritos, não havendo mérito ou demérito a levar para a outra vida, e o esfôrço humano se resume ùnicamente no sentido de justiça material e um comportamento moderado para viver em paz com seus semelhantes. É um deleite de obstinação

contra outra maneira de pensar, e que leva a caminhos alucinantes de divisão e anarquia.

A monarquia tradicional e aristocrática imprimia o caráter de culto aos antepassados dos quais recebemos a língua, o sentido da vida, a religião, os sentimentos e tudo quanto faz uma civilização e uma cultura; tradições essas que vêm do fundo dos séculos e constituem a continuidade essencial ao desenvolvimento das nações. Conciliar as necessidades do século presente com as tradições indestrutíveis, é um dever. Os estudos clássicos são, por isso, indispensáveis, uma vez espiritualizados pela Religião. E podemos dizer que como estudos essencialmente formativos, indiscutìvelmente as línguas clássicas são importantes também para o estudo das ciências técnicas. É lógico que tais conhecimentos são dispensáveis quando se trata de assunto puramente técnico, mas no conjunto, aos estudos técnicos, é lógico que os estudos clássicos tenham perdido o valor ante a materialidade da vida e a sua mecanização. Mas vejamos algumas afirmações valiosas.

Na Alemanha, até 1879, era absolutamente indispensável, para a entrada na Universidade, o conhecimento dos clássicos e ninguém dirá que a mentalidade daqueles que levantaram seu formidável império foi prejudicada ou inútil. E também ninguém dirá que a Alemanha, com êsse cabedal de classicismo, não é também uma nação tècnicamente adiantada. E diz o Padre José Maria de Cleza S. I. que, em 1880, os professôres de filosofia e ciências da Universidade de Berlim, entre os quais, Químicos como Hoffmann, Físicos como Helmholtz, e outros, dirigiram ao Ministro da Instrução Pública um memorial dizendo que, embora fôsse êsse curso de bacharelato não-clássico, os alunos que tinham clássico, sempre demonstravam maior desenvolvimento do que os que o não tinham.

Na Inglaterra foi declarado que o latim e o grego são integrantes da educação nacional, e não parece que a Inglaterra não seja adiantada.

Na França os esquerdistas trataram de tirar a importância dos estudos clássicos, mas as Câmaras de Comércio protestaram, alegando que a formação clássica prepara melhor os jovens para sobreporem-se com suas razões às dificuldades da vida. E não parece que a França não lucra com isso.

Nos Estados Unidos, nação prática, positivista, da vida, um livro publicado em 1911, diz o Padre Oleza, intitulado "*O Latim e o Grego na América do Norte*" declara: "Se o valor pedagógico dos estudos clássicos foi reconhecido nos séculos passados, não o é menos no presente."

Realmente há um esfôrço, de há poucos anos, nas Universidades dos Estados Unidos, com o objetivo de reabilitar o valor dos estudos clássicos.

E, para completar, podemos dizer que mesmo os maiores matemáticos, sem falar em Descartes e Leibnitz, deram aos estudos clássicos o devido valor, porque os ajudam na agilidade do pensamento; porque dão uma visão ampla de todos os horizontes do interêsse humano; são um exercício e desenvolvimento completo, gradual, vigoroso e harmonioso, hierárquico, aristocrático de tôdas as faculdades humanas, sobretudo dos adolescentes; dão uma grande ponderação de valores morais, adestramento no pensar e no exprimir-se com propriedade, qualidade, atrativo, emoção, vigor, em cada ocasião que seja conveniente. São, aliás, tais estudos clássicos um elemento dos mais eficazes na espiritualização, pois nas obras dos grandes literatos, diz o Padre Olaza, que estão banhadas no resplendor da beleza ideal, que é ordem e vida da alma, é onde se sente palpitar mais de perto a alma humana e brilhar o ideal sôbre o fundo escuro da realidade mesquinha da existência. Porque tais estudos supõem a alma em íntimo consórcio com a alma dos grandes artistas e pensadores da Grécia e Roma antigas, daqueles momentos culminantes da sua história, em que chegaram ao apogeu insuperável da perfeição humana, ainda que profundamente natural e não sobrenatural, pois a Grécia legou às gerações futuras uma caudal imensa de experiência e de princípios que são a base do humano, e Roma legou-nos sua robusta mentalidade organizadora e jurídica, acostumando-nos a uma rigorosa hierarquia nos nossos pensamentos. E ambas, tendo cultivado as artes com paixão, estabeleceram e praticaram a áurea regra da temperança, da proporção que o fundo e a forma devem possuir, para a qual voltaram e voltarão sempre os olhos da humanidade e se apoiarão os séculos quantas vêzes se tenha a humanidade extraviado nas suas aberrações artísticas. Isso porque a Grécia e Roma atingiram seu apogeu nos valores meramente humanos

e são as egrégias antepassadas da nossa civilização da qual têm a chave pela evolução histórica e natural da cultura européia de que somos herdeiros.

Nos nossos dias conturbados o esputinique fêz ruir duas mentalidades aparentemente antagônicas. A União Soviética, cujo símbolo é a foice e o martelo, representantes do trabalho material, o único a que deram valor, no seu baixo igualitarismo, teve um sucesso formidável com o esputinique, que é fruto da ciência, da cultura, da hierarquia, do anti-equalitário, da aristocracia, do valor em si e não em todos, e isso fêz ruir seu princípio fundamental do trabalho material. E ainda por cima foi um aristocrata — o barão Von Braun quem lho deu. E os Estados Unidos, que assentavam todo o seu poder no dinheiro, viram que com êle nem tudo se compra, e o seu pragmatismo e utilitarismo foram batidos. Não perguntaram os sábios para fazer a bomba atômica se era para assassinar duas cidades de uma vez; não perguntaram os sábios ao realizarem o esputinique se era o dinheiro arrancado da pele e do sangue das populações. Realizaram a sua obra, não fruto do regime, porque os sábios viveram sempre à margem dessas misérias políticas e a Rússia sempre teve uma grande cultura, como o demonstra Petrowsky na "*História da Cultura Russa*"; e os Estados Unidos atraíram os sábios da Europa. Faltou a essa cultura o sentido humano da vida, o sentido espiritual de recusarem-se a realizar obra científica com fins políticos, grosseiramente materialista.

É que se esqueceram de seguir AQUÊLE que, de tôda a eternidade foi o único que pôde dizer — *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.* Êle também faltou à Grécia e a Roma, mas os artistas não se moviam por interêsse político.

A POESIA TRIUNFAL DE PÍNDARO

P. HÉBER SALVADOR DE LIMA, S.J.

PÍNDARO é um poeta virtualmente desconhecido entre nós e no mundo moderno em geral. Entretanto, os pontos de tangência de sua poesia com os interêsses modernos são múltiplos e bem marcados. Hoje, como nos seus dias, os jogos atléticos movimentam cidades e nações; hoje, como então, os campeões são distinguidos com honras nacionais e procissões de triunfo. A única coisa que não possuem os vencedores atuais são poetas líricos que lhes eternizem no verso as vitórias olímpicas. Diante de tudo isto, o mundo moderno deveria apreciar e conhecer melhor o grande lírico de Tebas. É com esta esperança que ora apresentamos êste pequeno estudo.

Impossível, evidentemente, falar sôbre PÍNDARO, o grande vate das glórias atléticas, sem uma palavra sôbre o que constituiu o assunto principal de sua obra.

Os jogos na Grécia

Tem-se dito que a Grécia se perdeu pela falta de união política. Êste pequeno país, tão recortado de invejas e bairrismos, foi, entretanto, profundamente unido na afirmação e defesa dos valores da raça, do Helenismo, enquanto se opunha a tudo o que não era grego. Era êste amor à raça que diluia ódios dispersivos num só vozerio de torcida entusiasmada, durante as competições atléticas. Ao lado dêste elemento racial e patriótico, estava também o sentimento religioso como outro fator de união. Os jogos helênicos não existiam sòzinhos: eram parte de um festival sagrado em honra dos deuses. Simbolizavam o esplendor da fôrça humana, das qualidades do corpo,

oferecidos em homenagem aos representantes dos valores do espírito. Se, por uma parte, revelam um lado terreno e material do humanismo grego, estadeando músculos nús durante solenidades sagradas, por outra, apresentam também um aspecto inegàvelmente nobre qual seja o preito da fôrça e beleza físicas aos que deviam ser detentores das qualidades do espírito. É discutível, sem dúvida, quanto tenham os gregos percebido dêste último aspeto; não se pode negar, porém, a influência extraordinária que exerceram os jogos na intensificação e expansão do helenismo e a poesia de PÍNDARO parece atestar ainda hoje que a Grécia via nos seus jogos bastante mais que o estrépito de uma solenidade profana. Citemos um fato significativo. Em discurso pronunciado durante a guerra do Peloponeso, ALCIBÍADES procurou convencer os Atenienses de que merecia chefiar a expedição contra Siracusa apelando para suas recentes vitórias em corridas de quadrigas nos jogos Olímpicos.[1] Quase não há poeta algum de nomeada que não tenha referência ao atletismo. Os próprios trágicos, tão altos no seu pedestal de um drama psicológico, moral e transcendente, não denegavam apresentar em cena alguma descrição olímpica: haja vista a bela tirada de cem versos (*Electra*, 680-773), em que SÓFOCLES descreve uma corrida de carros atrelados. Muito antes dêle, HOMERO já descrevera um pugilato gravado por HÉFAISTOS no escudo de AQUILES. Filósofos e historiadores ecoam os poetas. PLATÃO tem inúmeras passagens em defesa de tais exercícios.[2] SÓCRATES eleva o atletismo ao nível de patriotismo quando repreende a EPÍGENES a fraqueza de seu corpo e lhe diz que todos os homens devem robustecer os músculos nos campos de esporte a fim de estarem prontos para as lides bélicas em prol da pátria.[3] ARISTÓTELES põe a formação física e excelência nos jogos como base necessária de aperfeiçoamento intelectual.[4]

A honra que advinha a um vencedor olímpico seguia-o por tôda a vida. Não tinha recompensas materiais de ordem financeira. A própria coroa que lhe cingia a fronte, após a vitória, era um simples ramo de louro, nos jogos Píticos, ou de oliveira

[1] TUCÍDIDES, VI, 16.
[2] *Xenofonte*, *Memorabilia*, III, 12.
[3] *República*, III, 403-4, IV, 424, passim.
[4] *Política*, IV, 16, V, 3.

silvestre, nos olímpicos. Se feneciam as folhas dêstes ramos, nunca murchava o renome de quem um dia os ostentara frescos sôbre a fronte. Nas cidades natais, esperava-os o privilégio de serem alimentados, até à morte, no Pritaneu, ao lado dos magistrados locais. Mas a glória imediata do campeão, talvez a mais apreciada, consistia na ode triunfal ou epinício cantado em sua honra, logo depois da vitória, durante um cortejo que o acompanhava ao templo, onde ia depor sua coroa aos pés da divindade.

Os jogos deixaram rastro por tôda parte na Grécia. A cerâmica está cheia de pinturas representando cenas de atletismo. A escultura deixou-nos os modelos imortais do Auriga de Delfos, do Discóbulo de Mirão, do Diadúmenos de Policleto e tantas outras estátuas. Mais que tudo, porém, foi a poesia de Píndaro que eternizou e consagrou as competições esportivas.

*
* *

Píndaro nasceu em Cinocéfalos, perto de Tebas, em 520 a. C. Sua idade madura coincidiu com os agitados tempos das guerras pérsicas, mas o fato principal da sua vida ficou sendo sua associação com nobrezas reinantes de então, especialmente as de Egina, Siracusa e Cirene. Esta aproximação terá vincado ainda mais em sua alma os traços do aristocrata de nascimento e daí também terá vindo a incomparável nobreza que ressuma de seus versos. Ainda antes de completar vinte anos, voltou a Tebas para começar sua famosa carreira poética. O têrmo carreira vem aquí no seu sentido próprio, porquanto consta que as poesias de Píndaro eram quase tôdas encomendadas, tornando-se, destarte, o verso, para êle, uma verdadeira profissão. Mais tarde, grandes oradores como Lísias e Isócrates ganharão também a vida escrevendo discursos para outrem.

Píndaro escreveu poesias em todos os gêneros líricos da época: hinos, peões, ditirambos, prosódias, partênias, encômios, trenos e epinícios. Um manuscrito antigo refere-se a 17 livros de poesias suas. De tudo isto, pouco mais nos chegou do que os epinícios ou odes triunfais cuja sobrevivência atesta, sem dúvida, valor superior ao das outras produções. A velhice de

PÍNDARO foi sombreada pelas desgraças que caíram sôbre sua pátria, Tebas, subjugada por Atenas. Êste fato deve ter sido particularmente amargo para êle por ter-se sempre referido a Atenas, nos seus versos, em têrmos do mais fino louvor e admiração.

*
* *

Crítica antiga

Comentando um ditirambo de PÍNDARO, assim escrevia, na era de AUGUSTO, em Roma, DIONÍSIO DE HALICARNASSO:

> *"Estas linhas têm vigor, pêso e dignidade. Trazem o vínco de uma grande severidade de estilo... Sucedem-se num ritmo lento com grandes efeitos de harmonia. Não ostentam a decoração espalhafatosa dos nossos dias, mas a beleza austera de um passado distante."* [5]

Na mesma época, HORÁCIO tributará ao nosso poeta o louvor mais generoso da antiguidade, afirmação superlativa dos cumes inacessíveis a que se elevou a "Águia de Tebas". Eis as duas primeiras estrofes da ode (L. IV, 1) que tanto contribuiu para a apreciação de PÍNDARO:

> *"Aquêle que pretende emular Píndaro,*
> *Em penas com dedálea cera unidas*
> *Se estriba, ó Julo, e há de dar seu nome*
> *Ao vítreo oceano.*
> *Sólto rio da serra, a quem as chuvas*
> *Empolaram além do sólito álveo,*
> *Tal ferve e de profunda bôca rui*
> *Píndaro imenso!*

Quase um século mais tarde, ecoando DIONÍSIO, HORÁCIO e outros, o grande humanista QUINTILIANO vai declarar o poeta "novem lyricorum longe princeps" e, explicitando mais: "PÍNDARO é o incomparável mestre do lirismo. Inimitável em

[5] *De compositione verborum*, c. 22.

grandiosidade, na sabedoria das máximas, nas figuras de linguagem e na torrente caudalosa da sua eloqüência". [6]

Entre os helenistas da época moderna, Píndaro tem tido menos admiradores, não porque a crítica moderna o tenha submetido a análises mais severas, mas simplesmente porque os estudos gregos vêm desaparecendo gradual e assustadoramente dos esquemas da civilização atual. No século passado, não poucos ataques foram feitos à poesia de Píndaro, tachada por vários de obscura, verbosa e confusa. Os defensores do poeta não pretendem negar uma tal qual obscuridade que envolve algumas de suas odes. No gênero lírico, o verso copia o ritmo interior dos sentimentos que nem sempre é uniforme e, quantas vêzes, desorienta e confunde, pelas contradições e reviravoltas súbitas, o próprio coração que os alberga. Seria, talvez, o caso de dizer com Boileau: "souvent un beau désordre est un effect de l'art". Não dizem ainda os franceses: "la clarté parfaite n'est-elle pas un signe de la lassitude des idées?". Os gênios líricos são seres à parte e, nas alturas a que se guindam, falta-lhes o vocabulário para as concepções grandiosas, como rareia o ar para os que escalam montanhas muito altas. Nesta atmosfera rarefeita de Himalaias líricos, êles forjam como podem suas próprias expressões, atiram-se a metáforas nunca usadas, no esfôrço de canalizar, dentro dos condutos estreitos de palavras gastas por séculos de uso, as torrentes impetuosas da própria inspiração. Píndaro é indubitàvelmente difícil, mas o que o torna difícil — não confuso — são suas freqüentes alusões a fatos da época e a lendas mitológicas perfeitamente compreensíveis para seus ouvintes, mas nas quais se emaranha o leitor moderno que não tenha uma boa formação clássica. A natureza da sua poesia é, necessàriamente, elevada, solene, majestosa. São odes triunfais — epinícios — donde não podia estar ausente o elemento de grandiosidade. As circunstâncias e a própria natureza do gênero escolhido o exigiam.

Estrutura da ode triunfal

Um epinício é composto de *tríades* que constam de estrofe, antístrofe e epodo. A estrofe cantava-se enquanto o côro se

[6] *De institutione oratoria*, XI, 61.

deslocava da direita para a esquerda do altar; a antístrofe na volta, enquanto o epodo era uma espécie de estribilho que os coristas cantavam parados. O número das tríades numa ode variava entre três e seis. No corpo da ode, em duas ou mais tríades, desenvolviam-se temas tradicionais, lendas sôbre a cidade do vencedor ou sôbre seus antepassados e também sôbre deuses e heróis mitológicos. A primeira e a terceira tríades eram sempre consagradas a assuntos da atualidade: aí é que o poeta falava do vencedor, da sua pátria, seus pais e outras circunstâncias com êle relacionadas. Aí tinham lugar os pensamentos elevados, as considerações religiosas e morais. Como se vê a ode triunfal apresenta um contôrno bem trabalhado, uma estrutura que exige contrôle e disciplina do gênio poético.

Os gregos estavam acostumados a considerar o homem menos como indivíduo do que como membro de um estado ou família. Adstringindo-se a essa tendência, PÍNDARO, ao cantar a glória dos seus vencedores, estabelece uma conexão entre êles e o passado de sua raça ou país. Havia, além disso, dois aspectos sob os quais podia o poeta considerar seu herói: o do destino e o do mérito, em outras palavras, podia cantar sua boa estrêla ou sua habilidade (*ólbos* e *areté*). Quando a ênfase caía sôbre o destino feliz, a boa sorte do vencedor, seguia-se, invariàvelmente nas odes os indispensáveis conselhos sôbre os perigos da "hýbris". Nisso PÍNDARO manifesta-se profundamente grego, neste mêdo da inveja dos deuses (*Phthónos Theôn*) que verberam os homens com os castigos decretados pela Nêmesis.

Píndaro reflexo de Olímpia

Uma ode de PÍNDARO espelha os reflexos dos esplendores de Olímpia. A linguagem opulenta e brilhante do poeta retrata o brilho exterior que Olímpia ostentava em formas variadíssimas: nas estátuas de mármore, nos templos, nas côres da púrpura que adornava os lugares reservados às grandes embaixadas e aos príncipes estrangeiros. Acrescente-se a beleza musical dos coros líricos que nunca faltavam em tais ocasiões, e a majestade dos ritos sacrificiais. Sôbre tudo isto, o famoso cenário da natureza de Olímpia, lavado por uma luz limpidíssima que rolava das neves distantes das montanhas arcádicas. "Se queres, diz êle na primeira olímpica, cantar grandes competições, prê-

mios altéticos, não procures uma estrêla que possa rivalizar com a luminosidade letificante do sol: não pensemos em elogiar sede de festivais mais gloriosa do que Olímpia". A tal resplendor acrescia a rapidez do próprio verso pindárico, copiando o movimento das corridas e o sibilar dos discos e dardos na freqüente mudança de imagens e de ritmos.

O segundo elemento olímpico que a ode de Píndaro reproduz é o da *tradição*. O solo sagrado que pisavam os atletas ano após ano, lembrava aos espectadores os grandes heróis da raça helênica. O poeta não demora muito nos pormenores da vitória atlética que canta em sua ode; apressa-se em vincular seu tema a alguma lenda heróica e em aproximar o vencedor de algum personagem ilustre da tradição grega, mitológica ou histórica. Isto muitas vêzes constitui a parte principal do epinício.

Os jogos atléticos caracterizavam-se ainda pelo seu caráter *panelênico*. Eram uma afirmação da unidade da raça, um renovar de energias no seio mesmo da mãe Pátria para todos os gregos que a expansão colonial dela afastara. Daí voltavam com os olhos cheios de mármore bem talhado e os ouvidos e a memória vibrando às tiradas imortais de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Tudo isto os blindava contra a penetração das influências bárbaras que pululavam nas colônias. Pode-se, portanto, imaginar o caráter profundamente helênico destas assembléias esportivas onde Dórios e Jônios se fundiam no entusiasmo de uma mesma torcida e onde a alma grega se espelhava num só imenso olhar aberto para o azul do céu de Olímpia, para as estátuas imortais de Fídias e Praxíteles. As odes de Píndaro refletem, no seu estilo majestoso, todo êste esplendor e todo êste panelenismo dos jogos. O vencedor por êle celebrado podia ser um ateniense, um filho de Esparta, ou algum soberano bronzeado pelo sol da Sicília. Pouco importa. Por isso dizia a Hierão de Siracusa nos dois últimos versos da primeira Olímpica:

> *"Possas tu caminhar lá nas alturas,*
> *praza aos céus, em todos os teus dias!*
> *Quanto a mim, quero viver entre campeões,*
> *sendo o melhor cantor entre os helenos*
> *de todo o mundo.*

Religião e Moral

Antes de começar os jogos, ao entrar no estádio, os atletas ouviam os sacerdotes de ZEUS pronunciar os presságios do futuro. Envolvia-os tôda uma atmosfera moral. Além disso era comum, nesta ocasião, ouvir-se a voz de algum filósofo ou grande estadista dispensando lições de sabedoria às multidões. PÍNDARO está em perfeita consonância com êste novo aspecto dos jogos nacionais gregos, quando entretece os versos de suas odes com máximas moralizantes e as debrua de preceitos religiosos. Então o poeta torna-se sacerdote e profeta — "emite, ó musa, os teus oráculos, eu serei teu profeta".[7] Algumas citações ilustrarão bem êste ponto. Se os jogos tinham um aspeto religioso e eram parte de um festival sagrado, a ode pindárica não podia deixar de reproduzir em si esta atmosfera profundamente religiosa e moral.

A convicção religiosa de PÍNDARO coloca-o acima da crendice popular habituada a ver na teogonia grega todo um desenrolar-se de aventuras indecorosas e irracionais. Na história de Pélops, por exemplo, narra a mitologia que seu pai, Tântalo, o servira em postas delicadas num banquete preparado para os outros deuses. PÍNDARO insurge-se contra esta selvageria. Rejeita-a peremptòriamente dizendo: "O homem não deve atribuir aos deuses senão ações honestas... Não, não posso chamar de canibal a deus algum"![8] Indiretamente êle rejeita aqui todo o erotismo desbragado das aventuras imorais de ZEUS.

Ainda a propósito de mitos gregos, PÍNDARO revela-se-nos um poeta sèriamente preocupado com o aspeto dogmático dos mesmos. O exemplo acima não é o único em que êle submete a lenda à crítica severa de sua alma religiosa. Certas passagens da mitologia parecem deixá-lo perplexo. Certos mitos não lhe soam em harmonia com os atributos divinos de que acredita dotados os deuses. Que necessidade tinha Apolo dos serviços de um corvo a fim de certificar-se da infidelidade de Corônis? O poeta revolta-se ante tal incongruência e dá-nos outra versão do mito donde risca o corvo, atribuindo a descoberta do fato

---

[7] *Fragmento* 150. Veja-se o magnífico livro de JACQUELINE DUCHEMIN, *Pindare Poète et Prophète*, Paris, Belles Lettres, 1955.

[8] *Olímpica*, I, 36.

ùnicamente à onisciência do deus: "Ela (Corônis) não pôde escapar ao olhar da divindade... Apolo soube de sua traição sem consultar outro confidente se não o mais imediato de todos, seu espírito onisciente. Nele tudo é verdade; nem deus, nem mortal algum o enganam em ato ou pensamento". [9]

Com êste conceito elevado da infalibilidade divina, a lenda tomou outro aspeto e a ode se reveste de um tom religioso-dogmático que muito bem se insere no ambiente para que foi escrita. [10] Esta mesma tendência transparece num outro episódio imensamente leve e gracioso, além de profundo em suas repercussões dogmáticas. Apolo vê a ninfa Cirene lutando com um leão. Enamorado, procura informar-se com o centauro Quironte sôbre ninfa tão robusta e destemida. Responde-lhe o centauro:

"Um amável capricho te induz
a assim dissimular tuas palavras,
porque não fica bem em ti sequer roçar uma mentira!
Perguntas-me, ó deus, a origem desta jovem?
Tu que sabes o têrmo supremo de tôdas as coisas
e todos os caminhos que aí chegam;
tu que podes contar tôdas as fôlhas
com que a terra reveste a primavera
e os grãos de areia que, nos mares e nos rios,
impelem as vagas e o sôpro dos ventos;
tu que vês claramente o futuro e sua origem...? [11]

Daí se vê que, para Píndaro, os deuses são entes supremos, infinitamente acima das limitações humanas e dêles é que escoa para os homens tôda a felicidade: "É aos deuses que as qualidades humanas devem tôdas as suas fontes". [12] "Com a ajuda dos deuses há mais de um caminho para a felici-

---

[9] *Pítica*, III, 27...

[10] No seu esfôrço de restauração, Píndaro pretende sacrificar o doce (*tà meílicha*) ao verdadeiro (*mártyres sophótatoi*). Esta preocupação da verdade ressalta em sua poesia, como veremos adiante. Veja-se Réné Schaerer, *L'homme antique*, Paris, Payot, 1958, pg. 136.

[11] *Pít.* IX, 42...

[12] *Pít.* I, 42.

dade". [13] A própria miséria humana se transforma quando sôbre ela descansa o olhar divino:

"O homem é o sonho de uma sombra!
Mas quando deuses pousam nele um raio de sua luz,
então vivo fulgor o envolve e adoça-lhe a existência". [14]

A crença de PÍNDARO na providência dos deuses é universal. Desta fonte decorrem também as vitórias olímpicas: "Ó Apolo, as empresas chegam ao têrmo tão bem como iniciaram quando um deus lhes dá o impulso. Foi graças a teu favor que êle (o atleta em questão) conquistou êste triunfo". [15]

Há para PÍNDARO uma linha divisória bem clara entre deuses e homens. O antropomorfismo das divindades olímpicas não significa ultrapassagem desta linha. Mas, num traço quase cristão, êle reconhece um misterioso parentesco entre o céu e a terra, entre os mortais e os imortais, apesar de quanta distância os separe em naturezas e essências:

"Uma é a raça dos deuses, outra a dos homens...
A humanidade não é mais que nada, enquanto os deuses
têm por morada um céu de bronze eternamente fixo.
Temos, porém, com os imortais, um certo parentesco,
pela sublimidade de nossa alma
e até mesmo pelo nosso próprio corpo, [16]
muito embora ignoremos o caminho
que nos traça o destino noite e dia". [17]

A idéia de que os caminhos humanos não estão no poder do homem, e que êste não pode enxergá-los na sombra densa do futuro, volta com freqüência à pena do poeta: "ZEUS não deixa chegar ao homem nenhum indício claro do porvir". [18]

---

[13] *Ol.* VIII, 13.
[14] *Pít.* VIII, 9-5.
[15] *Pít.* X, 10-15.
[16] Num fragmento de descoberta recente, esta idéia volta mais viva e mais precisa: "O corpo de todos os homens obedece à chamada da morte que tudo domina, mas permanece uma imagem que não morre porque apenas ela vem dos deuses". Veja-se E. R. DODDS, *The Greeks and the Irrational*, University of California Press, 1953, pág. 135.
[17] *Nemeana*, V, 1-8.
[18] *Nem.* XIV, 44.

"As esperanças humanas, que ora se erguem, ora caem,
vão como um leve joguete das ondas,
sulcando seu rumo num mar de ilusões.
Não permitiu jamais a divindade a algum mortal
lobrigar infalíveis sinais dos eventos futuros.
Os nossos pensamentos do porvir são todos cegos." [20]

Não podia faltar, como norma destas relações entre deuses e homens, num poeta grego do tomo de Píndaro, a idéia da moderação, o "medèn ágan" do espírito helênico. A esperança desmesurada, insensata, é sinônima da "hýbris" fatal. É preciso saber encontrar a justa dose de esperança. Esta medida ou moderação constitui a dimensão divina do homem. Ela é a versão humana do absoluto e a garantia única do futuro. "É a divindade só que os sucessos outorga: ora eleva êste ao céu, ora sua mão rebaixa aquêle. Saibas achar o teu caminho observando a moderação." [21] Esta moderação consistirá, antes de tudo, em confinar-se o homem dentro de seus limites humanos e não atirar olhares cobiçosos para as neves do Olimpo nem para as estrêlas do céu:

"Não se deve pedir aos deuses
senão o que convém a corações mortais.
É mister ter o olhar fixo nos próprios pés
para nunca esquecer a sua condição.
Não aspires, minh'alma, a uma vida imortal,
pelo contrário: exaure o campo do possível!" [22]
"Tôdas as coisas têm sua medida". [23]

Aspecto importante desta medida, penhor da perfeição e da paz do sábio é um são realismo que circunscreve o homem dentro do presente. Em outras palavras Píndaro nos dá em poesia a sua versão do "sufficit diei malitia sua" do evangelho: "...não é menos certo que uma quarta virtude distingue

[19] *Pít.* X, 63.
[20] *Ol.* XII, 5-13.
[21] *Pít.* VIII, 76.
[22] *Pít.* III, 58-62.
[23] *Ol.* XIII, 47.

o homem comum do sábio: é aquela que nos convida a considerar sempre o momento presente." [24]

O Artista e seu estilo

PÍNDARO escreveu, como seus predecessores líricos, no dialeto dórico. Não interessam aqui pormenores nesta direção. Como ficou acenado, a natureza do assunto e da sua inspiração pessoal combinaram para fazer dêle um lírico de grandes revoadas condoreiras. Agradam-lhe as palavras compostas e longas, de aspeto grandioso, no que será imitado por ÉSQUILO. Cada uma de suas odes é o resultado de um trabalho elaborado, de uma arte refinada e complexa. Há perfeita simetria na distribuição do assunto pelas tríades e, quando havia nelas a inserção de algum mito, fazia-se mister escolher uma lenda que calhasse bem com o assunto em mãos, que tivesse relação com a pessoa do vencedor. São detalhes bem pensados e realizados com arte. Daí se colige que a comparação de HORÁCIO, atrás citada, segundo a qual PÍNDARO desborda verso em fora, como torrente que salta do leito nas enchentes, não deve ser tomada ao pé da letra. [25] Não se lhe pode negar, entretanto, um certo arrôjo torrencial. Tem-se a impressão de que o poeta é impelido pelo sôpro de um poder irresistível saído de si mesmo, ansioso por encontrar a expressão exata, imensamente rico em recursos de imagens, sustentado sempre lá em cima por asas incansáveis. Depois dos vôos mais altos e mais longos, êle parece ter ainda fôrças de reserva. PÍNDARO é uma combinação maravilhosa do gênio arrojado, original, veloz, com o instinto de moderação e disciplina que apanagia todos os escritores gregos. Neste sentido é, de fato, inimitável para os modernos, como dizia HORÁCIO. Gosta das palavras raras e altissonantes, mas no seu ambiente geral de gradiosidades elas não deixam impressão alguma de pêso: algo parecido com o mármore que se imponderaliza na graça das estátuas. PÍNDARO é o MIGUEL ÂNGELO da poesia. Dêle escreveu também uma grande helenista da hora atual que sua poesia nos deixa uma profunda impressão

[24] *Nem.* III, 75.

[25] Sôbre o severo contrôle exercido pela métrica e pela técnica coral em PÍNDARO, veja-se BRUNO SNELL, *The discovery of the mind*, Blackwell, Oxford, 1953, pág. 84.

de ritmo e simetria musical: "De tôdas as poesias, é a que mais se assemelha à música, não à música que jorra em trinados das gargantas das aves, mas à que se baseia em estruturas, nas leis fundamentais do equilíbrio e da simetria, no efeito calculado: uma fuga de Bach, uma sonata ou sinfonia de Beethoven". [26] Êste contraste entre impetuosidade e técnica, arrôjo e método, grandiosidade de conjunto e perfeição de detalhe, é o que torna Píndaro intraduzível em qualquer língua moderna. Vá alguém tentar transformar em palavras as notas de Beethoven.

Nenhum poeta da antiguidade trabalhou mais e melhor com as imagens. Sua galeria de metáforas e comparações lembra a abundância dos trigais. Suas imagens nascem com naturalidade do próprio assunto que tem em mãos. Na sexta Olímpica, por exemplo, feita em honra do vencedor de uma corrida de carros, êle diz, fazendo, ao mesmo tempo, uma elegante transição para outra parte do assunto:

"É já tempo, ó meu Fíntis, de atrelares os cavalos quanto antes,
para que eu possa subir a uma quadriga
e, percorrendo a pista ilustre dêste canto,
chegar à descendência dos heróis". [27]

Sua inspiração de recursos inesgotáveis é uma "aljava de muitas setas". [28] No elogio de Hierão de Atenas, o poeta espera não ficar aquém dos méritos do vencedor de lançamento de dardo: eis como se exprime:

"E na ansiedade de elogiar o meu herói,
espero não lançar meu dardo aquém dos marcos,
êste dardo que brandem os meus versos". [29]

De outro Hierão, soberano de Siracusa, cidade rodeada por uma cinta de searas, o poeta diz que vai "colhendo todos os louvores como espigas pendoadas". Suas odes levam a fama do vencedor mais veloz "que galante corcel ou nave alada". [30]

---

[26] Edith Hamilton: *The Greek Way*, Mentor Book, pg. 47.
[27] *Ol.* VI, 27
[28] *Ol.* II, 83.
[29] *Pit.* I, 43.
[30] *Ol.* IX, 23.

Não raro, no ardor da inspiração e no ímpeto tomado pelo canto, PÍNDARO passa de uma metáfora à outra dentro do mesmo assunto. São os famosos saltos líricos. Assim, na décima Pítica (v. 51) pede à musa:

> *"Sustém agora o remo e, da proa veloz,*
> *deixa a âncora cair...*
> *Porque as flôres dêstes hinos de louvor*
> *passam de tema em tema como abelhas".*

Seu canto atravessa os mares, acompanhando os vencedores na volta às suas terras, como a púrpura fenícia, a mais preciosa das cargas de então: "Vai êste canto meu sôbre as ondas do mar como mercadoria Tíria".[31]

PÍNDARO tem sob os olhos tôdas as atividades humanas como fontes de metáforas e comparações. Não recua nem mesmo ante uma prosaica sandália como ilustração lírica, dizendo a um vencedor olímpico que sua ode lhe calha tão bem como uma sandália bem cortada.[32] O treinador dos jogos evoca-lhe o rebôlo dando gume ao bronze. Gosta das águias, êle a Águia de Tebas, mas não se esquece dos peixes:

> *"Eu me sinto feliz como um golfinho*
> *que, ao doce trinado das flautas desliza*
> *por sôbre um mar sem ondas".*[33]

Assim como para o místico S. JOÃO DA CRUZ e SANTA TERESINHA tudo é graça, assim, para o verdadeiro poeta lírico, tudo é poesia. PÍNDARO passa pela vida colhendo imagens como flôres. É a poesia universal que tudo atinge tudo espiritualiza

---

[31] *Pit.* II, 63.

[32] *Ol.* VI, 8.

[33] *Fragmento* 235 (Christ). O golfinho era peixe folgazão desde o tempo dos gregos da era clássica. No museu Britânico existe um belo prato de cerâmica do século quarto, figuras vermelhas sôbre fundo prêto, representando uma ninfa do mar brincando com quatro golfinhos. Veja-se também HERÓDOTO, I, 23-4. *Plínio* o jovem narra em uma de suas cartas a delicada história de um golfinho que fêz amizade com os garotos de uma povoação. Em HOMERO, porém, o golfinho não gostava de brincadeiras, pelo contrário... Veja-se *Ilíada*, XXI, 22-6.

pela graça das metáforas e comparações. Tivesse êle conhecido o nosso beija-flor, e ter-se-ia, certamente, comparado a êste pássaro pela rapidez fulmínea do seu vôo poético, pela graça com que paira vibrando ante os valores da natureza para sugar a beleza que em sí trazem, com o mel no âmago das flôres. Degustemos a arte consumada desta descrição:

"Lira de ouro, herança de Apolo
e das musas de tranças ornadas de violetas...
Lira a que o passo atende ao encetar alegre dança,
e a cujas notas obedecem os cantores
sempre que, com tuas cordas a vibrar,
feres as notas iniciais de uma canção!
Apagas do corisco o fogo eterno
domando sua lança incandescente.
Pousada na ponta do cetro de Zeus,
sua águia real deixa pender, no sono, as asas céleres:
sôbre a fronte curvada lhe vertcste uma nuvem sombria
e com leve ferrôlho os olhos lhe cerraste:
ela arfa e ondula o grande dorso sob o encanto
e a magia que pulsa em tuas cordas". [34]

Incidentalmente, além do mérito desta passagem como descrição poética, resta-lhe ainda um belo significado simbólico: a lira que era, a princípio, o instrumento da dança coral, tornou-se, aos poucos, o instrumento universal, a música divina que representa, no grau mais elevado, a beleza do mundo como repouso do espírito. A águia selvagem pousada no cetro de Zeus é, quando acordada, o ministro de seu raio: aos harpejos da lira ela adormece. Nestas linhas maravilhosas, Píndaro apresenta-nos uma visão do mundo como harmonia que desarma os próprios deuses.

Visão do homem e da vida

Sôbre o fundo das vitórias olímpicas, nosso poeta pincela tôda uma visão da vida. Píndaro nunca é mais profundamente

[34] *Pít.* I, 1-19.

helênico do que quando retrança celebrações da glória humana com máximas e avisos sôbre as limitações da vida. Que o atleta na sua hora mais luminosa de triunfo se lembre da terrível NÊMESIS. Precate-se de excitar a inveja dos deuses pelo desejo imoderado de subir: "Nenhum mortal pode encontrar caminho, por terra ou mar, que o leve aos Hiperbóreos: homem algum pode escalar o céu de bronze". Lembre-se o homem de que seus adornos e louros são usados por membros mortais e que, no fim de tudo, a terra é que há de ser sua vestimenta: "No espaço de um segundo os sopros inconstantes da sorte passam de um polo ao outro".[35] "A prosperidade dos mortais se eleva em pouco tempo, mas cai por terra com a mesma rapidez, derrubada por algum pensamento contrário".[36] Versos como êstes abundam em sua poesia, não pròpriamente criando uma atmosfera de pessimismo, mas ùnicamente reduzindo o horizonte humano às suas justas proporções. Apesar de tôdas as suas limitações, esta "sombra de um sonho" que é o homem pode acender-se com reflexos da glória vinda do céu no olhar dos deuses. PÍNDARO não é argumento, portanto, para os que defendam o pessimismo grego. Apesar de inúmeras citações que, tomadas isoladamente, deixariam a impressão de uma tristeza e pessimismo mórbidos, êle fica sendo, no conjunto de sua obra, o cantor da felicidade. Celebra a juventude com todos os bens que a cercam: beleza e amor, riqueza, poder e glória. A própria morte não é tão negra em PÍNDARO como nos demais poetas pagãos. Primeiramente porque a glória adoça-lhe o amargor: o homem que morre depois de uma vida ilustre, chega ao têrmo com um inefável senso de plenitude e de missão cumprida. Além disso, há os reflexos da felicidade futura vislumbrados na penumbra do sepulcro. Na segunda olímpica PÍNDARO descreve longamente a vida feliz dos justos no outro mundo, com acentos novos para a poesia grega, primeiros sinais das doutrinas místicas dos mistérios órficos. Nem pessimista sombrio, pois, nem otimista leviano. Tempera o brilho da glória com a sombra das limitações terrestres e suas instabilidades. Mas também, do fundo do poço desta miséria humana sabe elevar o olhar para

[35] *Ol.* XIII, 174.
[36] *Pit.* VIII, 131.

as estrêlas: a sua poesia é luminosa a despeito das sombras esparsas aqui e ali como nuvens passageiras. O que há de sombrio nele não é idiossincrasia sua, mas resultante necessária da perspectiva pagã em que se acha enquadrado. Os versos que se seguem, por exemplo, são os únicos aceitáveis como visão da vida numa época que desconhecia o prolongamento do homem no mundo sobrenatural:

"Há duas coisas só na nossa vida
que nô-la tornam sumamente doce
em meio às flôres da riqueza:
ter sucesso e gozar da glória que o coroa.
Se tais coisas possuis, tudo possuis.
Não procures ser deus, porque ao homem mortal
são medidas mortais que melhor lhe convêm". [37]

*

* *

Píndaro não poderia ter escolhido outro assunto para suas poesias fora dos triunfos e glórias atléticas porque o poeta foi sempre um aristocrata de nascimento e de convicções e, no seu tempo, era apanágio exclusivo da aristocracia a participação ativa nas competições atléticas. Seu tom aristocrata ressalta, sobretudo, nos versos em que coloca a própria poesia acima das outras. Declara de si mesmo ser uma águia pairando em alturas solitárias, enquanto os demais poetas são corvos que crocitam muito mais em baixo. Em inúmeras passagens profetiza sua imortalidade como o fêz Horácio. É interessante notar que, não obstante as freqüentes expressões de exaltação de si próprio, Píndaro não parece soberbo porque, ao lado destas afirmações, surgem com freqüência versos que atribuem tôda a inspiração genial aos deuses. O poder de escrever poesia não se adquire com o esfôrço pessoal, como não se obtém sangue nobre depois de um nascimento plebeu. Aquêle que haure a ciên-

[37] *Ístmica* IV, 12...

cia e a glória nos ensinamentos humanos e não na fonte divina, diz êle, é um homem de crepúsculos que não conhecerá jamais a apoteose do meio dia. PÍNDARO revela, mais uma vez, aqui seu credo de aristocrata ferrenho: a poesia é para êle uma aristocracia do espírito, sangue azul que já nasce nas veias com a vida. Nenhum poeta afirma com mais vigor e convicção a natureza da poesia como dom inato que difìcilmente se adquire com os esforços da arte: "O dom da natureza é sempre o mais valioso: quando está ausente o deus, é mais sábio calar-se". [38] "Hábil poeta é aquêle a quem a natureza muito ensinou". [39] Mas é mister não tomar tais afirmações ao pé da letra: PÍNDARO não despreza os recursos da arte; mais do que qualquer outro poeta neles se apóia, como já vimos. Não deixa nada ao jato traiçoeiro da improvisação: trabalha, retoca, acepilha. A poesia digna de tal nome é uma encosta "sofíai mèn aipenaí: íngremes são as alturas da arte poética." [40]

Um aspecto final que tencionamos mostrar na poesia que analisamos, aspecto profundamente simpático, é sua preocupação pela verdade. Odeia e evita em suás odes as louvaminhas ôcas de sentido; não elegia o vencedor mais do que êle o merece; não o tira dos seus limites humanos: deixa-o com os dois pés no chão. Para usar uma expressão sua, nunca entoou uma canção "adornada de mentiras refulgentes". Neste sentido, vitupera em HOMERO os empreendimentos impossíveis de Ulisses. Sem deixar de confessar que a arte do grande épico envolve estas "falsidades" numa atmosfera de magia e encantamento, contudo, é uma arte falaz, diz êle, esta "arte alada de HOMERO". O grande aristocrata não quer os delírios do vulgo: "Possa eu trilhar na vida os caminhos da simplicidade de coração sem jamais levantar a tocha de uma glória falsa". É a verdade que dá a têmpera decisiva aos seus versos lapidares: "Forja tua língua numa bigorna de verdade e o que daí saltar, seja embora centelha, há-de ter pêso". Uma vez que escolheu para pedestal de sua poesia a verdade que é eterna, sua arte não podia sucumbir com o tempo. Ela aí está, tão bela e tão verdadeira

[38] *Ol.* IX, 100.
[39] *Ol. II*, 82.
[40] *Ol.* IX, 115.

como esta profecia que se vai realizando séculos em fora através dos acentos sublimes dêste fragmento:

"Mais veloz do que nobre corcel ou nave alada,
a todos os rincões há-de chegar meu canto!
No seio do vale dourado de Apolo
eu construí meu templo, erário de canções:
nem chuvas hibernais que varrem oceanos
voando sôbre as asas das lufadas,
nem furacão com vergastadas de procelas
há-de deitá-lo abaixo. Em pura luz envolto,
o glorioso portal há-de cantar vitória".

SOBREVIVÊNCIA DO LATIM

GERALDO DE ULHÔA CINTRA

De muitas maneiras poderíamos entender a sobrevivência do Latim. Seja-nos lícito começar, afirmando que o Latim vive e sobrevive nas Línguas Românicas. Quando hoje ouvimos ou falamos francês, português, italiano, espanhol, catalão, sardo, rético, romeno, estamos é falando uma forma de latim.

Nem será preciso dizer com o bom Camões:

> ..... *"Vênus bela,*
> *Afeiçoada à gente lusitana*
> *Por quantas qualidades via nela*
> *Da antiga tão amada sua, romana*
> .....
> *E na língua na qual quando imagina*
> *Com pouca corrupção crê que é a latina"!*

Nem é, porém, dessa maravilhosa perpetuação e sobrevivência que vamos falar.

* * *

Ao mesmo tempo em que o Latim se transformava e engendrava as línguas românicas, continuava a viver, como língua de erudição, ensinada e aprendida nas escolas. Passou, portanto, a coexistir uma literatura latina nova que foi incomparàvelmente considerável e até mais numerosa em autores e obras do que aquilo que sobreviveu da literatura latina clássica.

* * *

Como língua oficial da Igreja, o Latim espalhou-se por todos os países do mundo e, enquanto lêdes estas considerações, dezesseis ou quinze séculos depois de Sulpício Severo, de Orório, São Leão e Boécio, ainda no mundo se redigem documentos em Latim, na China, na América e na Austrália, sem esquecer o pergaminho, que com muitas assinaturas foi depositado e escrito em boa latinidade, conjuntamente com jornais e moedas dos nossos dias, sob a réstia de mármore plantada, como primeira pedra do *Monumento a Cícero*, no largo do Arouche, por ocasião do desenrolar-se do *1.º Congresso Brasileiro de Cultura Greco-Latina*, de que tive a honra de haver sido Presidente Efetivo.

* * *

Ao lado de documentos escritos em Latim erudito, inúmeras obras de Ciência, Filosofia, Teologia, verdadeiras obras literárias aparecem e apareceram sempre em Latim.

São Bernardo, o santo Monge, devoto da Virgem (1091-1153), sem dúvida o homem mais eloqüente do seu século, falava Latim e em Latim sabia exprimir-se com poderosa e invejável originalidade, descrevendo quadros realísticos da época e seus costumes, onde a fina ironia contrasta com a maneira mais graciosa e forte ao expressar os sentimentos de sua grande alma.

Leia-se, por exemplo, parte do seu sermão (In Canticum XXVI), onde narra a morte do irmão e estaremos lendo um dos mais comovedores discursos saídos de lábios humanos.

Êste Latim do século XII, e, particularmente, o de São Bernardo, é mais corrente e elegante do que geralmente se pensa.

As grandes obras de teologia escolástica, qual a Suma de Santo Tomás, são escritas num Latim muito preciso e claro, mas muitíssimo afastado da Língua clássica.

* * *

Aquelas transformações das cláusulas ciceronianas até o "*cursus*" — planus, tardus, velox, dispondaicus — como se nota após o século sexto, por exemplo, no *Sacramentário Lionense*, baseado na acentuação tônica intensiva, expandem-se

nessa época, demonstrando quanto cuidado davam os escritores à forma.

Quando desaparece o "*cursus*", isto é, na *Renascença*, fala-se ainda na Europa, acreditamos nos autores que versam o assunto, um Latim bastante elegante e natural.

Se alguns humanistas se circunscrevem a imitar Cícero, o que não é pouco, outros, como Erasmo, têm estilo absolutamente peculiar. A arte e gôsto de escrever em latim se mantiveram até o século XVII e é curioso observar, para refôrço de algumas conclusões a que chegamos, que um tal gôsto decai à medida dos constantes progressos da gramática teórica. Povo que mais cultiva a gramática do que a língua tem estilo, literatura e língua em decadência.

Assim mesmo as obras publicadas em língua latina, depois do século XVII são geralmente mais numerosas do que pensamos. Em pleno século XIX se contam ainda, não por centenas, mas por milhares. Existem ainda revistas publicadas em Latim: revistas filológicas, literárias, sem contar documentários e outras que versam a filosofia e a teologia.

Só os textos literários-escolares das Faculdades Católicas do mundo, cujos institutos de filosofia e teologia exigem textos e aulas em língua latina, afora as obras, até recreativas, como o *Pinoculus* (tradução latina do Pinocchio ou Zé Pinho) ou *Carolus Gomes*, do Prof. Tristão Bauer, sem contar a correspondência especial da Santa Sé com os Bispos e Prelados do Mundo.

O Latim vive e sobrevive em si mesmo, como língua falada e escrita.

Que nos bastem os exemplos da "*Latinitas*" (do Vaticano), "*Mnemosyne*" (de Leyde), "*Vox Urbis*" (de Roma), "*Alma Roma*", "*Scriptor Latinus*", já conhecida como "*Civis Romanus*" (de Francfort).

* * *

Em nenhum tempo, desde o desaparecimento do Império Romano, na Idade Média, nos tempos modernos e contemporâneos, jamais cessou no mundo a composição de versos latinos.

Do século XVII poderíamos, da abundância de poetas latinos, compor uma história completa de Luís XIV. Ainda que

menos cultivados entre nós, ouviram, no ano passado, por ocasião do Congresso acima referido, na sua sessão solene de abertura, as santas paredes da Academia de Direito de São Paulo, tôda uma ode sáfica da autoria do Professor Marques Leite. E, já que há, todos os anos, na Holanda, um "*Certamen poeticum Hoeufftianum*", no qual é premiada a melhor poesia latina apresentada, poderemos concluir que não é a versificação que se cultiva simplesmente, mas sobretudo a poesia. Concurso semelhante também existe em Oxford.

* * *

Para exemplificar, mais perto de nós, a vivência e a sobrevivência do Latim, podemos citar o "*De Antiquitate Lusitaniae*", de André de Rezende, cuja perfeição latina é digna de ombrear com as obras do classicismo romano.

D. Jerônimo Osório (1506-1580), com o seu "*De rebus Emmanuelis Gestis*", cognominado o "Cícero Português", deixou-nos um ensaio filosófico em 5 livros — *De Nobilitate et Gloria* — em estilo igual, se não superior ao de Sêneca. E por nossas praias ainda canta, nas cordas do mar, a voz do mavioso Anchieta, em dísticos perfeitos:

"Eloquar, an sileam, Sanctissima mater Iesu?
Calar? Romper? Qual é melhor Senhora,
Mãe de Jesus, de Santidade Aurora,
Cantar-te-ei, ou mudo hei de ficar?...

* * *

Roma ainda domina o mundo com o seu poder, com o poder da palavra:

"*Tu, regere imperio populos, Romane, memento*"

Um dever temos, nós, Brasileiros, perante essa vivência do Latim, contra a qual pigmeus inúmeros, mas bem pagos, e detentores de posições-chaves, agora principalmente se levantam.

Não se trata de aconselhar mestres exímios a que amem, cultuem, escrevam, pensem e possam poetar em Latim. Isto já o fazem, sem dúvida.

Urge criar, por meio de mais intensos estudos e produções, no gênero, uma retemperada falange de bons e reais cultores do Latim, uma Guarda de Honra de *elite*, a fim de poderem tais mestres dizer, como Tito Lívio disse de Cévola:

"*Longus post me est ordo, idem petentium decus*".

RENOVAÇÃO DOS ESTUDOS CLÁSSICOS

JOSÉ FLORENTINO MARQUES LEITE

Renovar é essa palavra mágica que inclui certa energia e poder miraculoso. Em nome de renovação, quanta loucura se tem perpetrado, quanta riqueza esbanjado, quanto bem frustrado!

A fôrça da palavra renovar tem raízes profundas e psicológicas, pois se prende à curiosidade humana, à emoção de surprêsas futuras, à ânsia do inesperado e instinto de *evoluir*. Há, entretanto, um fato ponderosíssimo contra a renovação, que é o seguinte: as grandes realizações humanas, os motores, a electrotécnica, a utilização do vapor e da energia cinética, a eletrônica, o concreto armado, a física nuclear, *não foram renovações*. Foram, sim, ou criações subitâneas e casuais, ou fruto moroso e fatal de processos evolutivos muito lentos e caprichosos. *Renovar*, entretanto, importa, quase sempre, num quer que seja de violento. Para *renovar* uma cidade faz-se mister o desmoronamento, a demolição, a destruição, êsse passo atrás...

Dêsse aspecto fenomenal e de aparência a atualidade imediatista exteriorizada parece estabelecer seu ponto de partida nos processos renovadores de administrar. Derribar. Arrasar. Remover. Matar. Esterilizar. E, como na aplicação duma espécie de dúvida universal cartesiana, anular e aniquilar primeiro, para, depois, então, procurar substituir e repor.

O Cristo citou, através do estilo de parábola evangélica, aquêle exemplo de renôvo extraordinário: "*Olhai os lírios do campo*". Todo o princípio de primavera do bulbo subterrâneo sai o rebento, sai o brôto, saem as tenras folhinhas, sai a estirpe, surge na ponta o botãozinho — êsse escrínio hermético, donde,

superior à pompa de Salomão e sua grandeza — desabrocha a jóia liliácea em pleno alvor e embalsama o ar de aroma e inunda a alma de inspiração e estímulo de pureza. O nauseabundo estêrco sem ser destruído pela natureza — fâmula da Providência Divina — é *renovado* no perfume das rosas e das angélicas e metamorfoseado nos vivazes matizes das pétalas florais, e, coisa maravilhosa! restaurada no dulçor e sabor dos frutos — dádiva da terra. Houve *renovação*, não houve destruição.

É o que a humanidade deve aprender da sabedoria de DEUS: *renovar* sem destruir, aperfeiçoar sem derrancar, embelezar sem escarnar, esterilizar e purificar sem matar a *vida* — dádiva do céu.

Renovar no setor intelectual não pode basear-se jamais na supressão. O Brasil está assistindo, há muitos anos, a um processo de involução no campo da direção pedagógica e didática. Tal diretriz é incerta como maripôsas vacilantes, que de luz em luz, vão se crestando daqui e dali, desnorteadas, ofuscadas...

Ora as ciências físicas e naturais despenham-se em volumosas catadupas sôbre os ginasianos. Ora a geografia (misto de oceanografia, cristalografia, cosmografia, geologia, economia, estatística, etc.) campeia e domina, desde a primeira série, nos currículos do ensino, até para quem se destina à medicina ou às carreiras jurídicas. Outras vêzes é a história, em tôdas as minúcias e aspectos, até familiares e domésticos, quanto ao parentesco de vultos do passado brasileiro, com os nomes e datas precisas, a história — a grande mestra da vida — (quando, porém, conhecida criteriosamente) congestiona programas e sobrecarrega distribuições curriculares.

A matemática, quer ministrada por unidades, quer pelas suas seqüências ou interdependências, ensinada em larga escala e na totalidade dos cursos e séries, não preenche, quase nunca, suas finalidades teóricas e práticas, não obtém resultado geral, pois, como sabemos todos, pais e mestres, sem cursos de explicação suplementar e especializada, os moços brasileiros, com raríssimas exceções, não resolvem sua situação perante as bancas de provas e concursos.

A linguagem nossa, que ainda não mudou de nome e ainda se denomina — portuguêsa — essa, na quarta série ginasial,

não se sabe por quê, encontra-se em pior estado do que na primeira série ginasial. Descendo a fatos concretos, apelo para a consciência dos que me estão ouvindo, os moços laboram na maior carência de idéias para redigir, na maior pobreza de vocabulário, digamos, ultra-infantil, erram ainda em coisas tais como "retessem", "Cezar" (com *z*), "Jupter", "o análise" (gênero masculino), etc., etc.; não sabem acentuar nem ligam importância ao fato. E a língua portuguêsa é lecionada em *numerosas horas* do currículo. As idéias estão por tal forma *democratizadas* que o professor não pode esperar conceitos elevados dessa mocidade por demais materializada e que, via de regra, não tem ambiente doméstico, que propicie ocasiões e diretrizes sadias para sanar a deficiência. O professor não poderá exigir do aluno um pouco de pesquisa e sacrifício. Sòmente pode perguntar o que disse em aula, não pode, nem por sombra, contar com a dedução e o raciocínio de um discípulo que estudou *sòzinho* e teve o prazer espiritual de resolver uma dúvida, porque tudo isso é tido, hoje em dia, como lirismo passadista. Há uma *igualação*. Esta *igualação* tem que ser obtida a todo transe, entre aptos e ineptos, entre inteligentes e menos dotados, entre capazes e incapazes, a equiparação de tendências tem que ser *mecânicamente* resolvida, e êsse fenômeno social procede do hábito mau que a escola primária vem produzindo, com uma orientação descabida e que nasceu há uns trinta anos, pouco mais ou menos, sob o 'signo" e o cartaz de "escola nova", mau hábito, no sentido de altamente deficiente, pois, a facilitação em demasia *mata na criança o espírito de curiosidade e o desejo* de descobrir algo *por si própria*. É a *des*personalização do indivíduo. A criança do nível primário não tem que descobrir nada, porque tudo a professôra e o Estado já descobriram para ela e já pensaram para ela. O alfabeto não se aprende mais; é um regresso ao hieroglifo. Já se começa lendo (?) palavras ao lado de figurinhas: eis a matança do espírito de síntese e de generalização. É um *complexo* que se implanta *contra a pesquisa*.

A culpa ou mais precisamente a causa de tudo isso é, então, lançada mais tarde, no período ginasiano, com muita precipitação, ao congestionamento dos programas, ao célebre "acúmulo" de matérias. Ouvem-se a cada passo mães e pais, e até professô-

res secundários, levianamente comentarem e concluírem que, efetivamente, o número de matérias é elevadíssimo, que o aluno se vê assoberbado e confuso... Parece bem falso o aspecto criticado. A criança tem recursos novos e uma psicologia muito superior a tudo isso. A criança não se confunde tão fàcilmente assim. O adolescente quando gosta de alguma coisa, desce até as minúcias mais peculiares. Exemplifiquemo-lo com o esporte: o nome dos craques, sua família, a seriação das partidas célebres, as tabelas de encontros desportivos e suas datas precisas, etc. No cinema: os artistas, os principais filmes, a seqüência dos programas. Nos aspectos modernos e atualizantes da vida: as marcas de automóveis e motonetas, seus feitios e tipos com tôdas as minudências dignas do conhecimento de um propagandista, etc., etc. E tudo isso sem aulas ou preceitos, nem mestres outros senão a própria curiosidade. Nada confundem, tudo discriminam e situam com perfeição adulta...

O ensino secundário em tôdas as nações modernas é, como deve ser, encarado como um *todo generalizado e formador da personalidade humana e social.* Destina-se o estudante a uma carreira militar ou a uma das profissões liberais civis e comerciais: reúna, pois, uma soma geral de conhecimentos, num mínimo que não o possa envergonhar, inferiorizar ou incapacitar perante seus compatriotas ou diante de estrangeiros. Êsse mínimo de conhecimentos gerais e *humanos* é um *conjunto*, um *organismo*: o dentista não precisa de geografia para a sua clínica dentária, como o oficial do exército ou da marinha não necessita de literatura francesa ou pátria no momento de ação ou carga. Nem a trigonometria esférica jamais pôde ser base para o jurista nem para o advogado ou promotor público desempenharem suas funções de mantenedores do direito privado e do público: os desembargadores e juízes poderão sentenciar e julgar e interpretar e dar seus pareceres, sem a intervenção direta da cristalografia. Estabelecer diferenciação ou especialização de cursos desde a primeira série do currículo ginasial, seria supor a criança brasileira dotada de um grau de discernimento utópico, para saber escolher com acêrto o rumo da sua vida. Fazer os pais escolherem tal rumo é coisa que não cabe mais na mente sadia de qualquer indivíduo medianamente sensato. Dar ao estado essa atribuição, como alguns estão querendo estabele-

cer como norma, isto é, entregar à orientação escolar ou educacional a tarefa de "escolher" (sic) para o educando brasileiro a profissão ou carreira que deverá seguir na sua maturidade, é instituir, sob influxos de ideologias rubras e totalitárias, uma *fábrica de desajustados e revoltados* no Brasil do futuro. Ao pai e à mãe pertence, por direito natural e divino, a tarefa de educar, de orientar, aconselhar com verdadeiro interêsse pelo bem do jovem, o rumo que deverá ou poderá ser tomado por êle na encruzilhada da adolescência e da maturidade.

A especialização do curso secundário é tolerada, como aliás, já se vem praticando, com resultados humanamente bons, na fase em que o curso secundário se bifurca no ciclo colegial. O papel do orientador educacional, então, será certamente advogar os interêsses do orientado, apresentando-lhe a soma de prós e contras. Nada além disso. O ginásio não pode, pois, começar com especialização. O ginásio deve dar ao estudante incipiente, nessa fase de formação adolescente, apenas conhecimentos generalizados e totais, que visem justamente a esclarecer os caminhos das atividades e das profissões. Os anos, máxime hoje em dia, são preciosos, por um lado por causa do fator econômico das concorrências múltiplas e multiformes das condições e problemas sociais do momento; por outro lado, em face da vastidão incomensurável de conhecimentos especializados que um homem encara em todos os campos do saber e da técnica. Não é possível, pois, prolongar os anos de formação ginasial ou básica. Daí aparecerem em tôdas as organizações curriculares do mundo um acúmulo *aparente* de matérias. E é aparente, repetimos êsse apregoado acúmulo, pois, entre as cadeiras alegadas figuram quatro, que absolutamente ocupam apenas pouco tempo e de forma alguma exigem concentração mental: economia doméstica, trabalhos manuais, música, educação física e sob certos aspectos e limites, o desenho. Consultemos, cada qual, a nossa consciência e convenhamos que não são estas as matérias que acervam o curso ginasial. Aqui no nosso Brasil com vantagem a educação física podia passar para um regime de fiscalização dos professôres oficiais e ser exercida nos clubes sociais e desportivos, que pululam e absorvem diàriamente grande parte do tempo disponível da mocidade estudantil; a música ou canto orfeônico, poderia ampliar seu âmbito e sair do currí-

culo ginasial, ficando sob um regime análogo de fiscalização por parte dos professôres atuais dessa disciplina, uma vez que nem todos têm aptidões musicais, principalmente entre o grupo do sexo masculino, onde é muito e extremamente raro o aluno que lucra nessas aulas, pois é desafinado, e daí a razão de ser elemento forçado e perturbador. A música poderia ainda com vantagem ser substituída por matéria afim de caráter opcional: pintura, instrumento de orquestra ou banda, dança rítmica (para meninas), modelagem, etc. Tudo isso feito fora do estabelecimento ginasial, segundo o gôsto e as tendências do educando. A descentralização dessas ditas "matérias" representaria, por certo, o desejado descongestionamento.

Passemos os olhos de relance pelos sistemas educacionais equivalentes no estrangeiro, ao curso ginasial ou secundário, e seremos forçados a reconhecer que lá más fadas há, e, por vêzes, péssimas.

No México — 4.º ano científico, 14 matérias, 32 horas por semana;
4.º ano humanístico, 14 matérias, 33 horas por semana;
5.º ano científico, 15 matérias, 31 horas por semana;
5.º ano clássico, 13 matérias, 31 horas por semana.

Em Honduras — 1.º ano ginasial, 10 matérias;
2.º ano ginasial, 11 matérias;
3.º ano ginasial, 11 matérias;
4.º ano ginasial, 15 matérias;
5.º ano ginasial, 13 matérias.

No Salvador — A média das diferentes matérias oscila entre 10 e 11.

Na Guatemala — Entre 9 e 12 matérias.

No Haiti — Em tôdas as séries (6), nove matérias.

Na França — De acôrdo com as portarias de 27 de junho de 1945, modificada pelas de 13 de julho de 1946, de 27 de março de 1948, de 22 de julho de 1949, 13 de outubro de 1951, de 30 de maio de 1952, os currículos estão assim constituídos:

Classe de sixième (1.º ano) — 24 horas semanais e 11 matérias.

Classe de cinquième (2.º ano) — 23 horas semanais e 11 matérias.

Classe de quatrième (3.º ano) — 25 horas e meia e 13 matérias.

Classe de troisième (4.º ano) — 25 horas e meia e 13 matérias.

Classe de seconde (1.º ano colegial) — Pelo menos 12 matérias (são facultativas: Educação musical, trabalhos manuais, estenografia, dactilografia).

Classe de première (2.º ano colegial) — Pelo menos 12 matérias (são facultativas, além das matérias citadas, o desenho).

Para encurtar o enfadonho desta relação numérica, damos por terminado o presente vôo de relance sôbre países onde a vida do estudante do ensino médio é muito mais apertada que sob o céu do Cruzeiro do Sul, alegrado pelo samba e pela marchinha carnavalesca, empolgado e embebido pelo esporte das "multidões", higienizado pela idolatria justificadíssima das praias e piscinas, socializada pelos milhares de festas de formatura de tôda e qualquer espécie, desde os saraus dançantes de alto coturno das faculdades (do termômetro, dos calouros, dos odontolandos, do teodolito, disto e daquilo, etc. e tal), comemorativos das formaturas nas grandes academias e universidades — até as festinhas mais modestas das "formaturas" dos cursos ... primários (quase sempre com dancinhas) e as festinhas regionais juninas (tipo acaipirado) e também os *bailes* dos ginásios (aos milhares) e dos colégios brasileiros, onde ecoam as melhores orquestras locais e os "conjuntos" mais custosos e famosos e os "formandos" se apresentam quase sempre envergando seus *trajos a rigor*. E tudo isso, entre nós, onde o ensino é gratuito nos estabelecimentos oficiais e os pais lamentam e se queixam constantemente do alto custo do livro didático e o país se enfileira espontâneamente entre os *povos subdesenvolvidos*...

Descongestionar os currículos com a supressão de matérias básicas e, indiscutìvelmente indispensáveis, só pelo fato de apre-

sentarem dificuldade no aprendizado e no ensino das mesmas, seria o caso de abolir os motores e regredir à era do jumento e do boi, por ser difícil a construção e a concepção dêsses prodígios de fôrça em cavalos-vapor. Seria o caso de abolir dos currículos secundários a matemática, tão dificultosa e que causa tanto aborrecimento e reprovação aos alunos e vergonha e desgôsto aos pais. Não! Não se deve abolir nada a título de aliviar programas. Deve-se manter a todo transe o aprendizado e o ensino de qualquer disciplina ou matéria formativa da personalidade *humana*. Advogando, no momento, e em tôda a minha vida de profissional, os interêsses dos estudos clássicos e, em particular, do latim e do grego, aqui nos reunimos, no centro mais realizador da confederação brasileira dos Estados Unidos do Brasil.

Uma das "diretrizes e bases do ensino" estão em vésperas de ser discutidas e votadas por membros do Congresso Nacional a fim de se transformarem em leis federais de orientação nova didática e educacional. São diretrizes anticlássicas, sabemo-lo todos nós. O que não sabemos, o que não é público, em absoluto, é o processo de *renovação*. É e está sendo resolvido com gavetas semi-abertas e imprensa desinformada ou desinteressada. O excessivo de classicidade que talvez nos haja trazido, sem resultados apreciáveis, porque mal orientada, a reforma Gustavo Capanema, está para ser castigado com a abolição e destruição de fato do ensino do básico latim. Não há destruição nenhuma, afirmam os manejadores desta referida reforma de ensino; o que há é uma facultação, é uma opção, é um câmbio. Seja-nos, então, lícito e permitido formular êste raciocínio simples e claro, baseado em fato evidentíssimo. Se o nosso estudante não apresenta rendimento, não se interessa em absoluto pelas matérias que lhe são impostas por lei, que lhe são necessárias para obter o diploma ou o certificado oficial, é mais evidente ainda que o desinterêsse seja incomparàvelmente maior em se tratando de estudar matéria de certa complexidade na qual não é palpável o lucro e o proveito imediato. A autoridade sensata e bem formada, zeladora desapaixonada do bem público e do mundo discente brasileiro, não pode sàbiamente deixar nos têrmos de escolha livre êsse elemento imprescindível aos filhos de uma nação que se beneficiou sempre das irradiações salutares e ben-

fazejas da cultura latina, que tem na raça o sangue vibrátil e criador e ágil dos latinos, que fala e se serve dos radicais latinos quando descobre o avião, quando arranca o *méson* do coração nuclear do átomo, e até quando se impõe mundialmente pela superioridade desportiva perante tôdas as nações da terra.

Descongestiona-se uma coisa, suprimindo o entrave, o bagaço, o desnecessário, o coágulo, o impecilho, a ganga...

E pergunto eu agora aos corifeus dêste reformismo balofo e desta nova diretriz ôca e *demagógica*:

O latim é ganga? O latim é entrave? O grego clássico é coágulo, é impecilho?

Certamente que o é para quem não conhece êsse veio, para quem é leviano no ajuizar sôbre métodos e processos educacionais. Certamente que o latim é entrave para intelectos pesados e enferrujados. Certamente que o latim é óbice e pedra de tropêço para os que da natureza receberam uma capacidade limitadíssima de raciocínio e, portanto, apenas poderiam servir à pátria num âmbito de sua meia-cultura. Falar e escrever português, francês, italiano, espanhol sem conhecimento de latim e de grego, conseguintemente sem a base lingüística e literária subministrada por aquêles idiomas clássicos é a mesma coisa que saber física ou química pelo aspecto fenomenal e experimental, acreditando sempre nos efeitos, sem poder medir a profundidade e avaliar as conseqüências por falta de base matemática: será um *eterno acreditar e repetir*, nunca um desvendar, um explicar, um evoluir.

E a única razão ponderosa da supressão e abolição do estudo do latim e do grego clássicos é esta: a diminuição de estudo e de esfôrço pesquisador.

Isso é *renovação*? Isso é evolução? Isso é aquêle progresso da faixa da nossa bandeira auriverde? Tirar o que é bom, por ser difícil? Igualar o nível, rebaixando, arrasando, "democratizando ou comunizando" sem outro critério melhor que o demagógico?

O ginásio, o curso secundário deverão continuar a ser o precioso crivo, o *filtro* das capacidades verdadeiras. Substituí-lo por um ralo liberal, por uma peneira de rêde larga,

é consultar os interêsses verdadeiros do ensino ou construir um prestígio político, dentro da massa imediatista?

Que vale para um Brasil futuroso uma legião de falsos doutores com um anel no dedo, que os não fará superiores aos úteis e indispensáveis motoristas e fundidores de minérios?

Não é assim que fazem os povos estudiosos e progressistas do resto do mundo. Novamente vou ocupar a preciosa atenção dos que me lêem, com alguns exemplos de currículos secundários de outras nações, nas quais o latim aparece em doses maiores ou menores, nunca, porém, em caráter facultativo ou opcional.

No Chile estuda-se assim a língua latina: 1.º ano, 3 horas; 2.º ano, 3 horas; 3.º ano, 2 horas; 4.º ano, 4 horas; 5.º ano, 4 horas.

Na Colômbia o secundário é de 6 anos: estuda-se latim no 4.º ano, 4 horas; 5.º ano, 4 horas; 6.º ano, 4 horas.

No Equador estuda-se latim e grego, durante os quatro anos do curso do Instituto Superior de Educação e Letras de Quito, da seguinte maneira: nos dois primeiros anos, 3 horas semanais e nos dois últimos, 2 horas.

No México o latim é reservado para os cursos de filosofia, nos quais é estudado em 4 horas por semana, durante o 1.º ano; em 3 horas por semana juntamente com 4 horas semanais de uma língua românica, esta à escolha do discente, e mais 4 horas semanais no 3.º ano.

Em Honduras, nos cinco anos ginasiais, o latim é estudado no 4.º ano em 3 horas semanais e também no 5.º em 3 horas por semana.

Idêntica distribuição de 3 horas semanais, no quarto e quinto anos ginasiais está preceituada na Guatemala.

No Haiti estuda-se latim no 1.º ano ginasial num horário de 6 horas semanais, no 2.º também 6 horas, no 3.º, quatro horas de latim e 3 horas de grego.

Por demais fastidioso e interminável seria continuar a enumeração dêste fato em educação comparada e currículos: os estudos clássicos representados pelo latim e também pelo grego, bem que em menor escala, estão projetados em caráter de obrigatoriedade, de uma forma ou de outra, em todos os currículos secundários do mundo ocidental e latino. Peço ainda vênia para

reportar-me à França — a grande iluminadora da mentalidade mundial. De acôrdo com as citadas portarias do Ministério da Instrução, eis a situação dos estudos clássicos nesse país:

Classe de Sixième (1.º ano) — 5 horas de latim.

Classe de Cinquième (2.ºano) — 5 horas de latim.

Classe de Quatrième (3.º ano) — 4 horas de latim, 3 horas de grego.

Classe Troisième (4.º ano) — 4 horas de latim, 3 horas de grego.

Classe Seconde (5.º ano) — 3 horas de latim, 4 horas de grego.

Classe Première (6.º ano) — 3 horas de latim, 4 horas de grego.

O Brasil com todo o surto de nacionalismo sadio e brasílico não vai, certamente, pautar suas normas de agir e seu modo de vida interno à maneira dos outros. Concedamos e aplaudamos. Mas errar por nacionalismo? Retrogradar, para recuperar com dobrado esfôrço, o tempo desperdiçado? É sensato, é patriótico? Não será nacionalismo sovietizado?

O que urge não é suprimir estudos clássicos. Urge adaptá-los e fazê-los preencherem as suas verdadeiras finalidades, corrigindo excessos e substituindo métodos ineficientes e errôneos.

Não acuso a orientação administrativa e legislativa pela série de insucessos que até agora se vem verificando quanto ao estudo do latim.

Acuso, em primeiro lugar, o desinterêsse que, em geral, demonstram pelo seu assunto e pela sua tarefa os meus colegas, oficiais do mesmo ofício. E quem me autoriza a proferir tal acusação? Que poderia justificar a aparente presunção tão pouco irmã da ética profissional?

— Os próprios fatos. Faz mais de cinco anos que um pequeno grupo de professôres de latim e de grego estamos particularmente empenhados num despretensioso e singelo inquérito que nos levou a uma tal conclusão. Nossos apêlos e convites para a realização de qualquer atividade extracurricular, isto é, de qualquer trabalho, que, perante os alunos e não mediante

lucros ou proventos pecuniários, pudesse redundar na popularização e na divulgação do lado prático e útil do latim e do grego, foram e ainda estão sendo, noventa por cento, inúteis. As alegações e desculpas são as mais variadas e especiosas possíveis. Dizem uns que precisam é ganhar o pão da família. Dizem outros simplesmente que "não adianta nada", como textualmente nos foi dito em 1957 em uma das sessões ordinárias da Associação de Estudos Clássicos aqui de São Paulo. Cismam outros que desejamos notoriedade ou arranjar dinheiro. Outros chegam a deixar transparecer que não estão mais dispostos a receber instruções ou conselhos ou diretrizes de colegas desgraduados e quando muito iguais a êles mesmos. Outros, sem alegar nada, preferem sua pescaria domingueira, suas excursões lícitas e higienizantes dos feriados e fins de semana; outros mal disfarçando sua inatividade e inércia injustificável e quiçá um despeito profundo de não terem pensado antes em realizar algo em prol das letras latinas e gregas, quais elementos constitutivos da sua profissão, *têm procurado embargar nossos passos*, nossas viagens realizadas com os próprios recursos, *tentando desfazer e desmontar as modestas articulações*, por meio de campanhas surdas e inglórias, não exigindo dos diretores dos estabelecimentos em que trabalham o apoio devido e o respeito ao tesouro educacional imenso, latente no potencial do ensino do latim e do grego clássicos. É por isto que certo pasquim comunista do Rio de Janeiro, de publicação gratuita e pôsto por baixo da porta dos apartamentos, já ousou concluir, antes do Congresso e do Ministério da Educação, que "no Brasil ninguém quer mais saber de latim e de grego" (sic!).

Acuso — e acuso credenciado por êstes fatos que lhes acabo de revelar e por outros que não cabe aqui nem sequer mencionar, de tão tristes — acuso muitos dos meus colegas de cadeira, que estão julgando cumprirem seu dever, dando apenas suas lições dentro do paupérrimo e tão parco horário curricular.

Acuso também certa parte da legislação que encarrega um estabelecimento federal de ensino, dito colégio "padrão", o qual não dispõe absolutamente de recursos técnicos para compreender as condições variadíssimas do território vasto, desigual e multiforme do Brasil, encarrega-o, repetimos, de organizar,

reorganizar e impor, dentro de gabinete, um único programa para todos os colégios do país.

Acuso a unidade de provas para turmas heterogêneas e de receptividade diferente, causando o desnível e desadaptação completa dos quesitos, ou então rebaixando lastimàvelmente o grau mínimo frente ao elevado número de alunos incapazes por não terem sido devidamente instruídos.

Acuso essa "democratização" exagerada e mórbida, essa pretensa igualdade intelectual, que só existe em alguns livros de páginas e encadernação vermelha. A humanidade nasce com a cútis diversa, com os traços individuantes, por isso mesmo que individuam, variados até o infinito das permutações matemáticas e caprichosas leis genéticas. Os homens vão renovando-se de acôrdo com a causalidade divina, com tendências, aspirações, grau de inteligência e sentimentos próprios de cada alma, responsável individualmente pelo bem e pelo mal. Os processos "democratizadores" em excesso, são e estão impotentes, ante a avalanche das diversificações naturais e sociais da humanidade.

Acuso os responsáveis pela educação dos seus filhos e protegidos, quando, levados apenas pela vaidade e não pela experiência que se tem o direito de esperar e exigir de quem tem essas funções educativas, acuso-os de visarem ùnicamente a que os jovens venham a ser doutores, quando deveram estudar, pelo prisma da realidade, se êles estarão aptos a cumprir êsse papel na pátria brasileira. A felicidade não reside para todos na cultura elevada, embora a cultura elevada efetivamente proporcione aos que tiverem vocação real, uma condição de bem-estar e ajustamento.

Acuso a rotina, que enfastia.

Acuso o esquecimento, em que o professor pode laborar, dos processos pedagógicos que aprendeu na Universidade ou que leu em livros dessa técnica.

Acuso a imposição do livro didático, como sucede no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde eu, que lhes falo, ensino latim há quase vinte anos e tenho a obrigação, penosa para alguns dêstes cabelos brancos, de ministrar aulas que são verdadeiras leituras até das páginas indicadas, com discriminação de

aula por aula, de acôrdo com duas portarias, que os professôres de latim recebem anualmente, as quais tenho em meu poder, colecionadas desde vários anos.

Acuso o livro didático de latim no Brasil e tenho pena dêsse ensino que tanto prezo e amo, ao ver os compêndios didáticos da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos da América do Norte e de outras nações civilizadas. Neles há uma fôrça tradicional de ensinar. Não há a desconsideração ao espírito do estudante, atraiçoado pela chusma *infinita* de erros de imprensa e dos que *não são de imprensa*, como, por exemplo, certo livro didático que, para não citar o costumado verbo *capio*, estampou numa primeira edição que possuo ainda, o verbo *facio*. Até aí andou bem o novel catedrático. Mas o pior é que depois a voz passiva também foi ensinada por essa forma tão esquisita, quanto macarrônica: *facior* (sic), *faciebar* (sic), *faciar* (sic), em vez de fio, fiebam, fiam, que sempre foi o certo. Os exercícios dêsses livros, em lugar de apontarem o caminho e sugerirem a feitura, cifram-se a um determinado número de frases que os alunos já estão fartíssimos de conhecer desde os anos anteriores: resultado: decoram-nas para ver se conseguem nota para passar. Aprendem? Não aprendem. Exercitam-se realmente? Não e não. O exercício deverá ser ministrado exclusivamente pelo professor, pois êste, na hora da aula é quem sabe o de que precisam seus pupilos. A teoria gramatical deve ser uniformizada e reduzida a um mínimo, ficando as exceções para quando forem encontradas na tradução de alguma frase dos textos comentados e esplanados nas aulas. O uso do dicionário e o seu manuseio não deverá de jeito nenhum ser proscrito do curso ginasial nem do universitário, como se está procedendo em muitos estabelecimentos oficiais, como, por exemplo, no estabelecimento federal padrão, como êle próprio costuma intitular-se — o Colégio Pedro II. O dicionário tem que ser manuseado, porque o latim é língua que deixou de ser falada. É idioma fonte. É seara de investigações. O vocabulário deve ser decorado por processo lógico e oportuno e não em carradas, como os sacos empilhados nos caminhões da Cofap e da Coap ou dos mercadinhos de emergência. O dicionário faz amar o estudo: ao procurar-se um têrmo, quantas vêzes deparamos outro e

outros que nos despertam o interêsse e provocam ondas benfazejas de dúvidas construtivas e discussões profícuas.

Acuso o espírito leviano dos que desejam descongestionar o currículo secundário com a supressão do latim e do grego, pois êles estão assestando um dos mais certeiros golpes na continuidade dos estudos românicos no Brasil. Se não, que me respondam os tais reformistas das diretrizes e bases. Que diretriz é essa que vai abolir o instrumento número *um* do romanista? Que base é essa de *cultura sem latim*, que jamais em lugar algum da terra civilizada e culta deixou de ser reconhecido como a base idiomática e o maior representante dos falares indo-europeus da proto-história lingüística? Se êsse movimento arrasador reformista tivesse algo afro, polinésico, asiático ou soviético, para apresentar como substitutivo dessa base diretiva, vá lá... Mas arrasar, sem poder reconstruir, não demonstra interêsse verdadeiro e sincero ou, pelo menos, sensato e orientado, pelos problemas educacionais do Brasil. Não sejam cirurgiões que ressecam órgãos vitais e, depois, ficam na impotência de suprir-lhes a ausência, porque não têm outro igual ou melhor para sucedâneo.

Acuso a multiplicação dos ginásios. Essa proliferação rápida e improvisada não está produzindo os resultados esperados. Parece que a mira da legislação nese particular se baseava no seguinte: multiplicando os ginásios brasileiros, os gênios se multiplicarão. Não foi assim, porém. Em qualquer agrupamento humano os privilégios da inteligência são a fina flor, a nata da raça dos mortais. Por que iria o Brasil furtar-se a essa lei? A proporção de estudantes aproveitáveis em estilo, em matemática, em adaptação a línguas peregrinas, no ramo das ciências físicas e naturais e nas outras matérias, continuará constante. Eram menos os homens de valor intelectual antes, porque o volume demográfico brasileiro era mais reduzido. Não foi por falta de ginásios. Pelo contrário, há certas disciplinas, que pelo sutil do seu próprio conteúdo parece uma profanação e um desperdício o banalizá-las. Não será esta uma das causas da decadência aparente do latim entre nós?

Acuso-me também neste passo, por estar prolongando em excesso esta série de idéias.

Renovemos os estudos clássicos no Brasil sem os abolir disfarçadamente dos currículos. Sem esquecer o que Jesus Cristo nos disse: *Ex fructibus eorum cognoscetis eos.* Os frutos do estudo do latim e do grego são os maiores argumentos em favor da sua continuidade entre nós.

O latim e o grego são elementos formadores da educação. Os lábios de Jesus também proferiram a investidura divina dos seus apóstolos e continuadores: *Vos estis lux mundi. Neque accendunt lucernam et ponunt eam sub modio.* Sois a luz do mundo. Não se acendem lâmpadas para escondê-las debaixo dos potes. As verdades boas e úteis à humanidade, não se velam por meio de cortinas, sejam elas de sêda, de lona ou de ferro. O frade medieval é o símbolo da cultura na era das cavalarias. No seu escondimento por detrás daquelas pedras e muralhas preparavam êles, pena e pergaminho em punho, essa luz apregoada e preceituada pelo Salvador. O clero de hoje continua a missão iluminadora do frade medieval. O progresso ofuscante e vertiginoso tem, a seu lado, o demônio medievalista da guerra atômica ... o páraquedista moderno, o escafandrista, cientista e o experimentador nuclear revestido das suas proteções e vestes típicas de defesa, não é o mesmo guerreiro trajado de ferro e armadura? O clero católico é um baluarte de idéias sadias e da difusão mais amplificada da cultura e do saber. O latim e o grego os formou desde os seminários menores até os dias do diaconato e do presbiterato. O latim e o grego os preparou na frase, na cultura geral e especial da sua vocação, na sua reserva filosófica. Nos Estados Unidos da América do Norte — país de hábitos e tradições não católicos — os institutos de ensino superior (universities, colleges) totalizam a cifra redonda de dois mil (2.000). Pois, sabem os ledores quantos dêsses estabelecimentos são mantidos e dirigidos por entidades católicas? A resposta é algo surpreendente, dados, não sòmente as tradições e o ambiente anticatólico do país, mas muito mais a importância relevante e superior de algumas dessas universidades e colégios. São duzentos e cinqüenta (250) os institutos de instrução superior de orientação católica nos Estados Unidos da América do Norte.

As escolas de instrução de nível médio (high schools) atingem um total de trinta mil (30.000), das quais 4.000 são parti-

culares e católicas umas duas mil e duzentas (2.200). Numa discriminação um pouco mais miúda verificamos o seguinte, quanto aos estabelecimentos católicos nos Estados Unidos:

210 high schools em New York
150 high schools no Michigan
150 high schools no Illinois
150 high schools na Pennsylvania
120 high schools no Massachussets
120 high schools no Ohio
114 high schools na Califórnia

e assim por diante. Sòmente os Jesuítas dirigem e mantém vinte grandes Universidades na comunidade americana do norte, disseminadas pelo país. Estão sendo a luz do mundo que Jesus Cristo acendeu ao passar pelos mortais. Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur?

Aqui no Brasil o quadro parece ainda mais significativo. Em 1933 fundava-se no Rio de Janeiro a primeira Universidade Municipal com faculdade de Filosofia. De então por diante foram crescendo rápidas e eficientes essas fontes difusoras de cultura e formação de professôres, somando atualmente (meados de 1958) o total de cinqüenta. E sabem os leitores qual o contingente prestado pelos membros do clero regular e secular? Talvez para alguns não seja mesmo crível, principalmente para os que se despreocupam dêsse aspecto estatístico ou estão impedidos por motivos sectários de ver claramente, que as faculdades católicas criadas, dirigidas e mantidas pelos padres no Brasil atual atingem a cifra de *trinta e três* (33).

Oito em São Paulo:

1) Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae.
2) Fac. de Filos. Cienc. e Letr. da P.U.C.S.P.
3) Fac. Filos. do Sagrado Coração de Jesus (Bauru).
4) Faculdade de Filosofia de Campinas.
5) Faculdade de Filosofia Auxilium (Lins).
6) Faculdade de Filosofia Salesiana (Lorena).
7) Fac. de Filos. Cienc. e Letr. de Santos.
8) Fac. de Filosofia de Sorocaba.

Seis no Rio Grande do Sul:

9) Fac. de Filos. da P.U.C. de Pôrto Alegre.
10) Fac. de Filos. Marcelino Champagnat — Pôrto Alegre.
11) Fac. de Filos. Cristo Rei — São Leopoldo.
12) Fac. de Filos. Imaculada Conceição — Santa Maria.
13) Fac. de Filosofia de Pelotas.
14) Faculdade de Filosofia de Ijuí.

Quatro em Minas Gerais:

15) Fac. de Filos. Cienc. e Letr. Santa Maria — Belo Horizonte.
16) Fac. de Filos. e Letras de Juiz de Fora.
17) Fac. de Filos. Santo Tomás de Aquino — Uberaba.
18) Fac. de Filos. Cienc. e Letr. D. Bosco — S. João D'El Rei.

Duas no Distrito Federal:

19) Fac. de Filos. da P.U.C. do Rio de Janeiro.
20) Fac. de Filos. Cienc. e Letr. Sta. Úrsula — Rio de Janeiro.

Duas em Pernambuco:

21) Fac. de Filos. Cienc. e Letr. da Univ. Catól. — Recife.
22) Fac. da Universidade do Recife.

Duas no Estado do Rio:

23) Fac. de Filos. N. S. Medianeira (com duas seções: masculina e feminina) — Nova Friburgo.
24) Fac. Católica de Filosofia — Petrópolis.

Duas na Paraíba:

25) Fac. de Filos. N. S. de Lourdes — João Pessoa.
26) Fac. Católica de Filosofia — Campina Grande.

Em Alagoas:

27) Fac. Católica de Filosofia — Maceió.

Em Goiás:

28) Faculdade de Filosofia de Goiânia.

Na Bahia:

29) Faculdade Católica de Filosofia — Salvador.

No Maranhão:

30) Faculdade de Filosofia de São Luís.

No Paraná:

31) Fac. de Filos. Cienc. e Letr. de Curitiba.

No Ceará:

32) Faculdade Católica de Filosofia de Fortaleza.

Em Sergipe:

33) Faculdade Católica de Filosofia de Aracaju.

As outras dezessete faculdades de filosofia são mantidas, via de regra, pela União e pelos Estados ou Municípios. As Faculdades de Filosofia, pois, de orientação e manutenção católica constituem atualmente no Brasil o contingente de setenta por cento (70%) do conjunto dêsses estabelecimentos irradiadores de cultura.

Lux mundi.

O clero é o fruto beneficentíssimo da formação clássica, cujos pilares são o latim e o grego.

Não se pode dar um passo no sentido da renovação dos estudos clássicos — o grego e o latim — sem o concurso do clero católico. A êle deveremos dar êsse encargo sublimado, que no momento se bifurca da forma seguinte:

1.º — numa atuação solerte, clara e eficiente no sentido de impedir que se destrua no Brasil a continuidade do estudo do grego e do latim, como o estão insinuando alguns elementos do Ministério, das Secretarias e das comissões do Congresso Nacional, procurando fazer onda desfavorável ou disfarçada em prol do caráter de facultação no seu ensino;

2.º — numa ação direta no sentido de *renovar* e reconstituir os meios, métodos e programas no ministrar o ensino das

matérias em aprêço, por intermédio do conselho autorizado e prestigioso, da escolha dos bons livros didáticos ou da sua feitura editorial, criando bons instrumentos de didática, nos moldes das coleções de textos latinos e gregos da França, como "Belles Lettres, Hachette, Garnier" e finalmente a criação de associações *realmente eficientes* que zelem pelo interêsse do estudo da classicidade em todos os setores.

A DEFESA DE NOSSAS TRADIÇÕES DE CULTURA GRECO-LATINA

JOSÉ HERMENEGILDO LEONI

1 — *Cultura greco-latina;* 2 — *Nossas tradições de cultura greco-latina;* 3 — *Defesa de nossas tradições de cultura greco-latina*: a) *Contra o quê?* b) *Como?* — *Conclusões.*

1 — A CULTURA GRECO-LATINA

Sem pretender discutir o que venha a ser "cultura", partimos da premissa de que a civilização ocidental está impregnada de cultura greco-latina, ou seja, daquele modo de encarar o mundo e os fenômenos sociais, modo que herdamos dos romanos, quando senhores do maior império da História.

Esclarecemos, contudo, que a adjetivação "greco-latina" não expressa a realidade. Dever-se-ia antes chamar: "cultura greco-latina cristã". Porque, de fato, êsse frontão soberbo apoia-se em três robustas colunas: Grécia, Roma e Cristianismo. Êsses os três pilares do templo da cultura européia, da nossa cultura e, pràticamente, da moderna cultura universal.

Grécia, Roma e Cristianismo sucederam-se cronológica e ideològicamente, sem se destruírem; antes, superpondo-se e completando-se. Roma trouxe-nos os despojos opimos da Grécia, quer na política, quer na estética — "Graecia ferum victorem cepit et artes / Intulit agresti Latio", segundo a expressão de Horácio.

O Cristianismo, escoimando a herança clássica de sua ganga impura, tornou-se o depositário da romanidade. Graças

a êle a civilizaão mais requintada das priscas eras não pereceu; antes, o facho da luz tornou-se mais vivaz e avançou pelos séculos afora, até chegar a nossas mãos. A nós agora compete levá-lo aos pósteros. Se bruxoleou, como dizem, na Idade Média, voltou a luzir, com chama renovada, na Renascença. Dante escolhe Vergílio como guia das suas peregrinações pelo além — Tu Duca! Tu, Maestro! Petrarca chama a Cícero de pai. A chama greco-latina se reaviva e provoca aquêle incêndio colossal que se alastrou pelo Ocidente todo. Nascem, então, as grandes literaturas modernas, acalentadas pelo espírito clássico, adjetivo que passou a qualificar o que fôsse excelente e perfeito. Sem possuir êsse espírito é impossível compreender Camões, Shakespeare, Tasso, Cervantes, e a multidão de gênios, que floresceram, então, em tôdas as nações cultas. Cultas, porque abeberadas na tradição greco-latina.

É na Renascença que ressurge mais lépido e vibrante o Humanismo, isto é, a formação integral do Homem. Modêlo típico é êsse gigantesco Leonardo da Vinci, talvez o gênio mais completo que a Humanidade produziu.

A cultura greco-latina é a argamassa que liga entre si tôdas as pedras dos conhecimentos humanos, erguendo com elas um edifício harmônico, como a Basílica de S. Pedro, obra do outro Titã renascentista Miguel Ângelo.

É essa cultura que permite a síntese das Ciências e das Artes, formando com elas uma estrutura inabalável. Síntese! Não há palavra mais bela no dicionário! — dizia-nos Antônio Mariani, quando organizávamos a Enciclopédia Decimal.

Eis a meta de tôda a cultura: a síntese humana, a síntese do espiritual. E essa meta foi atingida pela cultura greco-latina, que por ter sido a única a chegar até tal escopo, por isso deve ser tida por ideal, mesmo na solução dos intricados problemas hodiernos. Queiram ou não, os volúveis, os apressados, os rebeldes, essa cultura deve nortear, como até agora norteou, a civilização ocidental, a nossa civilização.

2 — NOSSAS TRADIÇÕES DE CULTURA GRECO-LATINA

Quando os lusitanos plantaram em plagas brasileiras o marco das quinas e o estandarte da Cruz, transplantaram para

nosso solo a cultura greco-latina, plasmadora da cultura portuguêsa.

Somos latinos; visceralmente latinos, em que pese às opiniões de certos sociólogos novidadeiros, que pretendem desencadear na Ibéria remotas origens fenícias, árabes, celtas e até sefardínicas. Quem somos nós para nos opormos a um Gilberto Freire? Concordamos em que tôdas essas influências contribuíram para a cristalização ibérica, mas, absorvidas, assimiladas e adaptadas pela greco-latinidade e pelo cristianismo.

Portugal, no ápice de sua glória, transfundiu-nos essa cultura trinominal, agindo como os conquistadores romanos: sem destruir o autóctone, sublimaram-no e melhoraram-no. Para os nossos canteiros transplantaram a "última flor do Lácio". Aí vemos Anchieta, num notável contraste, a compor a primeira gramática brasílica e a ensinar latim aos curumis.

Sem que o percebêssemos sugamos com o primeiro leite a seiva forte e nutriente das tradições greco-latinas. Nossos primeiros mestres, os Jesuítas, incomparáveis criadores da Ratio Studiorum, mediante o classicismo formaram os maiores vultos do Brasil colonial, como também o fizeram na culta Europa, nas Índias, na China e no mundo. A êles muito devem nossas tradições greco-latinas, até a perseguição pombalina. Restaurada a Companhia de Jesus, as tradições clássicas, sem sofrer hiato, se aviventaram mais.

O Colégio Anchieta de Friburgo, o São Luís de Itu, o Antônio Vieira, da Bahia, os demais congêneres do Norte e do Sul, um após outro, oferecem à Pátria figuras destacadas. Homens ilustrados, sem serem eclesiásticos, falam e escrevem tão bem o latim com o vernáculo. Conhecem Vergílio, Ovídio, Cícero, Homero, Ésquilo, Sófocles profunda e cabalmente. Versavam os clássicos "manu diurna atque nocturna", conforme o conselho sábio de Horácio. Não causa espanto, pois, para quem conhece a capacidade buriladora dêsses autores, deparar entre nossos vultos históricos, um Joaquim Nabuco olímpico, nem saber que o magnânimo Sr. Dom Pedro II tivesse traduzido com afinco amoroso os trágicos da Hélade.

Perdoem-nos o mencionarmos tão sòmente a lide jesuítica, preterindo o Caraça e outros viveiros de classicismo, que também entregaram à Nação varões de envergadura tìpicamente

romana. É que os filhos de Inácio de Loiola desbravaram a messe, quais autênticos pioneiros. Antes de se criarem as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, que ora brotam como cogumelos, às vêzes tão desprovidos de clorofila como de tradição greco-latina, já os colégios jesuíticos davam relêvo e dinâmico impulso aos estudos clássicos. O Padre Madureira, Padre Yábar, Padre Leonel Franca, tido como o maior cérebro filosófico do Brasil, o Padre Armando Cardoso, tradutor do poema anchietano, e muitos outros, que longo seria citarmos, elevavam bem alto a nossa latinidade cristã. Talvez que nas aulas jesuíticas não se exibisse tanto aparato filológico, inçado de escólios transcritos de obras anglo-saxônicas; talvez que ali não se perdesse tanta energia em bizantinas nugas semânticas, recurso com que muitos pseudo-eruditos disfarçam sua pouca intimidade com os clássicos; mas, saía-se falando, escrevendo e, o que é mais, assimilando o pensamento greco-latino. Com isso atingia-se o alvo colimado: a completa e formal humanização discente.

Não iremos insistir, por mais .que conhecido e experimentado, no quanto de benefícios os estudos clássicos proporcionam a quem a êles se dedica. Nem vamos repetir o de que estão convencidos. Língua lógica e epigráfica, obrigando a condensar muito em poucas palavras, o latim, especialmente, constitui salutar exercício de equilíbrio mental e de raciocínio ponderado, tão faltos nesta geração extravagante e insatisfeita.

Não se pense, porém, que a escola jesuítica estacionou, contentando-se com o curso já arcaizado do Padre Álvarez. Sempre pioneira abalançou-se à renovação, entre nós, da filologia clássica. Levantou-se, no momento exato, a serena e sobranceira figura de Augusto Magne, que vai construindo "magna et augusta", sem alarde, sem autopropaganda, como sói acontecer com os "cymbala tinnientia", que, mais vazios, mais barulho emitem. Na esteira da caravela do Padre Magne, outros seguiram, trazendo suas mercancias de novos tesouros descobertos.

Plantemos um marco divisório em nossa história cultural. Não sò: oponhamos um dique indestrutível à torrente indômita de desorientação, de subversão de valores, que já arrasou com quase tudo o que tanto custou ao classicismo erguer. Derrotistas e ultramodernos unem suas fôrças iconoclastas. Pretendem não

deixar pedra sôbre pedra daquele venerável templo de nossas tradições greco-latinas. Crêem que, pela suposição de em breve embarcarem para Marte, em "esputniques", têm que, à moda russa, destruir tudo quando vão abandonar.

Na recente exposição de Bruxelas, onde se pretendeu mostrar como será o mundo de amanhã, o pavilhão da Santa Sé apresentou a imagem do homem moderno. Totalmente cibernética: em vez de cabeça, uma máquina de calcular; em lugar de coração, um refrigerador...

Cáustica e terrível sátira que não se esperaria do Vaticano. Era, porém, necessário se alertasse a humanidade, que cada vez mais se desumaniza, tornando-se calculista e gélida.

3 — DEFESA DE NOSSAS TRADIÇÕES DE CULTURA GRECO-LATINA

Não nos iludamos: se muitos há que propalam como estupenda e ideal a cultura greco-latina, outros muitos há, que por inexplicável ojerisa ou por indisfarçável nesciência, solapam-na sistemàticamente. Tomemos posição e adquiramos nítida consciência do que se passa. Não estamos para tecer loas aos clássicos, nem para cantar o "Hymnus Brasiliensis", na versão homeométrica de Mendes de Aguiar. Congreguemo-nos para defender as tradições da cultura greco-latina, as nossas legítimas e únicas tradições.

Quem fala em defesa, supõe ataque. Será possível haja atacantes? Há-os e multiplicados. Conhecê-los e opormo-nos às suas táticas, eis o que nos interessa. Quando aceitamos a sexta tese do temário dêste Congresso, moveu-nos não o desejo, aliás humano, de patentear erudição; nem ainda nos moveu a honra de falar a próceres intelectuais; e, sim, a vontade de alertar as vigias de nosas tradições, se bem que na posição de humilde esculca. Sabemos que nada comunicamos de inédito e desconhecido, quando repetimos que, na época pragmatística atual, a espiritualidade perde terreno, dia a dia. Pouco ou nenhum caso se faz do Humanismo. Vota-se exagerado mérito à técnica e à especialização. Em vez de se procurarem "homens humanamente humanos", como diria Papini, estruturam-se robotos, para dentro de algumas décadas desenvolverem-se em tubos de

ensaio criaturas condicionadas, como sarcàsticamente prevê o sutil Aldous Huxley, em seu "*Admirável Mundo Novo*". A fascinação da novidade está a tentar outra vez o Homem.

Não pretendemos, pois, ser profundos nem originais. Apenas constatamos o comprovado. Contribuímos com um pouco de experiência adquirida. Desde os dez anos de idade vivemos enfronhados nos clássicos, alunos que fomos dos jesuítas. Lecionando há bem catorze anos, não pouco vimos e, com amargura o confessamos, do desfavor em que andam os ditos estudos, com detrimento dessa cultura que ainda alguns corajosamente teimam em afirmar greco-latina e nossa.

Baseados na observação e não em citações eruditas, antes inoportunas e pedantes que adequadas e conclusivas, exporemos algumas sugestões práticas, que não nos parecem ousadas, porquanto visam "ad altiora": a defesa de nossas tradições greco-latinas.

Para maior clareza procedamos por partes: primeiramente devemos defender essas tradições, contra o quê? Em segundo lugar, como proceder nessa defesa?

---

1 — De início, convém declarar que os inimigos dessa cultura greco-latina não são, a bem dizer, especificáveis e não se mostram às claras. Antes, valem-se de certa indiferença, de certa apatia, que envolve a nossa chamada intelectualidade. Todos admiram e repetem encômios aos olímpicos helênicos e aos jurisprudentes e organizadores latinos. E contentam-se com isso! Esquecem-se de que essa cultura greco-latina é a nossa cultura, a cultura que nos plasmou e que, por um dever sagrado, temos que defender dos bárbaros, mas, também da indiferença, do descaso e da ignorância.

O proceder que ora censuramos origina-se da superficialidade com que nossos adversários tratam o que compõe essa cultura. Ouve-se falar em Cícero, em Demóstenes, em Homero e em Vergílio. Mas pouca gente os leu. Se o mesmo acontece com autores mais recentes! Celebra-se Rui Barbosa, evoca-se Euclides da Cunha e contentam-se os superficiais em passar os olhos por "*Seleções do Reader's Digest*". Superficialidade,

mal do tempo, inimiga da verdadeira cultura, que exige meditação e aquêle "otium", de que fala o vate.

É essa ânsia pelo brilhante, pelo momentâneo, pelo fácil, que arrasta o vulgo (odi profanum vulgus et arceo, Hor.) a buscar, sem capacidade e sem crítica, em culturas adventícias o que não são capazes de extrair do rico filão da nossa. Somos latinos. Não obstante, apreciamos o ruído, que se diz música; os borrões, que se consideram arte; a cacofonia, que se proclama poética — tudo importado de culturas ainda embrionárias, infantis ainda perante a nossa já milenar.

Deslumbrados pelo fulgor da civilização técnica, esteada no dinheiro e no confôrto material, os arremedadores do alienígena, atropelam tudo quanto os estorve na cata do prazer e da aventura. Para que estudos acurados? Para que tantos anos gastos em formação sólida? Contentemo-nos com "panem et circenses". Fora o latim! Fora as velharias obsoletas! E os inimigos do Latim, como se intitulam, quando deveriam apelidar-se os inimigos da cultura, engrossam já fileiras! É doloroso verificar existam nelas pessoas de prol, como um ilustre Minisrtdo da Saúde, que, a pretexto, talvez, de higiene mental, quis à viva fôrça banir a língua latina do currículo secundário.

Conseqüência de tal mentalidade é o bacharelismo ôco e balofo, que de há muito se vem alastrando. Palavras sonoras, anéis de formatura, canudos de pergaminho, poses senhoris, ademanes imponentes, tudo a camuflar estratificada esterilidade intelectual. — Lá comentaria Fedro: "O quanta species! Cerebrum non habet!"

Cultura não é, resumindo, superficialidade, imitação, moda, comodismo, "café society". É "ars longa", custosa de adquirir e ciosa de cultivo. Significativamente o mesmo vocábulo *cultura* se emprega tanto no campo espiritual, como no agrícola. Aqui, como lá, cultura supõe abnegação, cuidado, amanho, poda e enxêrto contínuos, persistentes, aturados e amorosos.

2 — Como bons lavradores, quais se orgulhavam de o ser os antigos Catões e Cincinatos, lançamos algumas sementes de idéias práticas, esperando germinem na ubertosa seara do magistério brasileiro.

A) Para principiar, concordamos com a reforma no método de ensino das Humanidades, especialmente do Latim.

A continuar o atual processo, rotineiro e amorfo, em breve o conhecimento da língua do Lácio acabará por estiolar-se. Sérias são as dificuldades com que lutam discentes e docentes, neste setor. Daí a urgência com que êste Congresso deve examiná-las e resolvê-las. Enquanto não aponta nova reforma oficial, dependerá de cada professor transformar o Latim em disciplina atraente e viva. Para tanto convença-se o mestre de que ensinar a língua latina não se limita a impingir declinações e verbos. É preciso que os jovens recebam substancioso quinhão de cultura greco-latina, alimentando-se das instituições clássicas, que nutriram as nossas. É preciso que se crie o ambiente; que se estabeleça a atmosfera greco-latina. Promovam-se, por exemplo, certames latinos, como as Exposições "Lux Latina", dignas de aplauso e de seqüela. Organizem-se peças teatrais, declamações, sessões de língua e história clássicas. Não precisam ser aparatosas, mas vividas pela classe e pelo mestre.

Se a "teneris unguiculis", se desde o ginásio, não incutirmos nos pupilos o espírito greco-latino, só nos sobrará trabalho perdido, se não, suplício odiado.

B) No curso superior devia-se cuidar mais de um panorama da cultura greco-latina, que perder-se em questiúnculas de filologia tipo germânico. Um quadro geral completo, antes da especialização. Forme-se a mentalidade clássica do futuro professor e deixe-se para depois a elaboração analítica da pesquisa. Não contribuirá muito para a defesa das nossas tradições greco-latinas conhecer "ad unguem" a evolução semântica das partículas latinas, se não se fôr capaz de redigir, com elegância, em latim, ou ainda, de comentar culturalmente um trecho de César. Enfim, se não se viver a cultura que pregamos.

C) Egressos da Faculdade, nossos professôres empenham-se logo no ganho do pão cotidiano. Cristalizam o pouco que aprenderam e fossilizam-se. Conviria, então, se fundasse uma sociedade de estudos greco-latinos, estimuladora do progresso contínuo de nossos lentes e professôres. Eis chegado o momento das especializações, o aprofundamento, com o apoio catalisador dos consócios. Após a horizontalidade e a síntese chegar-se-ia à verticalidade e à análise.

D) A pressuposta Sociedade lançaria órgão vulgarizador: boletim, revista, arquivos que fôssem. Publicaria tal órgão

notícias, relatórios, trabalhos e pesquisas. Mas semelhante publicação exigiria cooperação, esfôrço e sacrifício. Assim é. Julgamo-la, porém, inadiável e imprescindível, caso queiramos, de fato, defender nossas tradições culturais. Não deparamos, entre nós, como no Velho Mundo, ruínas e relíquias históricas, que "de visu" ativem o lume do classicismo. O recurso será, pois, firmarmo-nos mais em monumentos outros, para perpetuarmos essa cultura entre nós, monumentos horacianos e mais duradouros do que o bronze. Os fundadores da revista pôr-lhe-iam o colofão: "Exegi monumentum aere perennius".

Quanto assunto não se poderia tirar dessa mina inesgotável do classicismo! Quanto não melhoraria a posição dos estudos greco-latinos! Caso fôsse editada entre nós uma publicação em latim nos moldes da revista "*Latinitas*" do Vaticano!

4 — CONCLUSÕES

De nada adiantam, contudo, silogeus e grêmios, onde se congreguem dez ou doze anciãos das letras clássicas, a cavaquearem sôbre política, a inquirirem mùtuamente pelos achaques; de nada adiantam revistas e arquivos mensais ou bimestrais, que, ao depois, ficarão a empoeirar-se em estantes ou serão mais úteis, vendidos a fábricas pirotécnicas; de nada adianta se não entrarmos em ação. E imediata. E construtiva.

Reunamo-nos, discursemos, homenageemos os benemerentes, alegremo-nos em ágapes intelectuais. Mas, passada a euforia, perguntemo-nos: em que posso ajudar concretamente a causa das letras clássicas, a defesa das tradições culturais da nossa Pátria?

Se, na verdade, as respeitamos, se percebemos que correm perigo, se cordialmente as amamos, a boa vontade, a fé, o patriotismo hão de inspirar-nos decisões úteis, na iniciativa e no trabalho de cultivar em nós e nos compatriotas essas sacrossantas tradições greco-latinas, que são nossas, como de todo o mundo cristãmente civilizado.

Crendo que deixamos ser necessário defender a cultura ocidental e nossa, defendendo os estudos greco-latinos contra os tecnicistas exagerados, os superficiais e os partidários de pseudo-culturas alienígenas, formulamos estas conclusões:

PARA OS DISCENTES:

Primeira: Incentivar no currículo secundário o amor pelas letras greco-latinas, aproveitando as oportunidades para mostrar o profundo e sólido humanismo dos autores clássicos.

Segunda: Despertar nos alunos o interêsse pelas instituições, costumes, histórias e lendas helênicas e romanas, que tanta influência exerceram e exercem sôbre nós.

Terceira: Criar o ambiente greco-latino, mediante exposições de trabalhos, fac-símiles, mapas, modelagens, teatralizações, academias, música, etc., como tem sido realizado nos certames "Lux Latina".

Quarta: Reformar a didática do grego e do latim, mesmo obedecendo aos atuais programas, sem se ater tanto à gramática e à tradução, áridas e insípidas, antes, tecendo comentários estilísticos e culturais, adequados à capacidade juvenil.

PARA OS DOCENTES:

Primeira: Compenetrar-se de que o verdadeiro humanismo não consiste na pesquisa pedante de minúcias filológicas, mas, na síntese grandiosa da arquitetura majestosa do classicismo.

Segunda: Criação duma Sociedade de Cultura Greco-Latina, que congregue todos os estudiosos e lhes apoie as iniciativas construtivas.

Terceira: Publicação de Revista ou Jornal, órgão da sobredita Sociedade, a divulgar as elocubrações dos latinistas e helenistas.

Quarta: Congressos nacionais, estaduais e municipais, para manter sempre viva a chama da cultura greco-latina, zelar pela sua perpetuidade entre os brasileiros e defendê-la contra tudo e contra todos.

MOVIMENTO DE RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL

C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA

Acaba de ser publicado o Manifesto dêste Movimento, dizendo-se: "Nova Etapa" do trabalho, aparecido em abril de 1932, então subscrito por duas dúzias de professôres, que se intitularam "modestamente" educadores de maior destaque, "Pioneiros da Educação Nova"!

Naquele tempo estava na moda esta Educação que hoje compreende os métodos ativos na formação da mocidade, nome mais apropriado por traduzir um modo de ensinar de importância indiscutível, pois, sabemos — desde Sto. Tomás de Aquino: o preceito, aprender é atividade peculiar do aluno, guiado pelo mestre, digno dêste nome.

Não é, aliás, dessa didática que trata o prolixo documento ora redigido com simplicidade maior do que o anterior. Para o provar, basta ler o seguinte trecho: "não desejamos de forma alguma esquivar-nos à confissão pública de culpa onde porventura a tenhamos tido, com ato, negligência ou omissão".

Êste "*mea culpa*" — de cuja sinceridade, decorridos tantos anos, para alguns, não podemos duvidar — muito atenua a altíssima pretensão do Manifesto de 32, no qual do elevado pedestal onde subiram ditaram regras para a "construção educacional no Brasil, estabelecendo a laicidade do ensino, como base da sua organização; heresia, diz Newman, em pedagogia do caráter.

Na "Nova Etapa" discute-se, quase exclusivamente, a questão do monopólio estatal e a das escolas com o ensino livre. Não contestamos a relevância dêste problema, no qual muitos — teórica e apressadamente — enxergam o remédio para todos os males apontados, às vêzes com demasiado rigor, na crítica

com parcialidade feita e sem apurar os responsáveis. Afirmar, como desculpa, que nunca tiveram em mãos os meios para os minorar, isto não procede, porquanto entre os Pioneiros muitos foram Diretores de Instrução nesta Capital, cargos onde gozaram de prestígio pedagógico, em todo o Brasil, e outros ainda o possuem, graças à política dominante, à qual, sem qualquer reserva, sempre serviram.

A *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, dirigida por Anísio Teixeira, conforme estatística de 1956, menciona, para uma população escolar de 7.595.000, o total de 4.921.986 alunos de escolas primárias. Dêstes vão ao 5.º ano 466.957, menos de 10% chegam ao fim dos estudos neste grau. No ensino médio com 230.000 estudantes, alcançam a conclusão dos diversos cursos apenas 42.000. Nas Universidades entram pouco mais de 20.000. Tudo isso, para uma população, em nossa terra, de 63.000.000 de habitantes!

Se no Ensino Primário o Estado mantém em seus cursos 88% dos alunos, no Ensino Secundário, ao contrário 80% estão em Colégios Particulares, sòmente o restante freqüenta estabelecimentos públicos. Daí exatamente, conclui o Manifesto, "decorre tôda a grave crise em que se debate êsse grau do ensino no país". Nesses têrmos, sumàriamente pretende-se a educação pelo Estado, embora reconheça que "a educação pública, por tôda parte, está sujeita a crises periódicas.. e atravessa, entre nós agora, por causas conhecidas e outras por investigar, uma dessas fases atribuladas".

Entregar ao Poder Público o trabalho educador, tirado da família, a esta negando um direito natural reconhecido pelo mundo civilizado, como primordial, graças a uma filosofia da vida, concepção determinante da estrutura da sociedade, isto constitui um êrro grave. "A criança não é mera criatura do Estado, os que a sustentam, gozam de um direito unido ao alto dever de a educar", proclamou a Côrte Suprema dos Estados Unidos da América do Norte.

A êsse propósito, sentindo a situação atual do Brasil, sem meios de atender à população que anualmente reclama o ensino primário gratuito, deixando sem escola verdadeira multidão de candidatos, o Manifesto levanta o problema da religião, com as seguintes considerações: "Êsse, o aspecto religioso, que

temos o intuito de apenas apontar, como um fato histórico que está nas origens da questão, e sem a menor sombra de desrespeito aos sentimentos que somos os primeiros a reverenciar, da maioria do povo brasileiro. Ela se disfarça, com freqüência, quando não se apresenta abertamente sob o aspecto de conflito entre a escola livre (digamos francamente de educação confessional) e a escola pública ou, para sermos mais claros, o ensino leigo a cujo desenvolvimento sempre esteve ligado o progresso da educação pública.

Com as devidas restrições, êste "sempre esteve ligado o progresso da educação pública", resquício do anterior Manifesto de 32, da lamentável V Conferência reunida em Niteroi, da qual muitos Professôres se retiraram, discordando da laicidade estabelecida como princípio escolar. Folgamos, entretanto, lendo agora admitida a liberdade de culto e de crenças, conforme ensina o notável dominicano P. Henri Didon. Os "Pioneiros" citam êste orador, quando escreveu "nada na fé católica, nada na autoridade eclesiástica, se opõe a uma opinião liberal, republicana e democrática".

Vale repetir aqui um trecho do nosso saudoso companheiro na Associação dos Professôres Católicos, o ilustrado Prof. Jonatas Serrano sôbre o ensino religioso, tão sumàriamente tratado pelos antigos e novos "Pioneiros":

> "Fôra matéria para longa exposição essa fobia de alguns jornalistas que se ocupam de coisas do ensino, quando se trata de matéria religiosa, demonstram uma intolerância realmente lamentável em pessoas que tanto se ufanam de pensar livremente, sem quaisquer preconceitos.
>
> E ainda esquecem o que já se debateu longamente aqui mesmo a propósito das chamadas emendas religiosas, nos primeiros tempos da República Nova, e o que ainda mais remotamente, já explicara o nosso Rui, quanto à interpretação da liberdade religiosa consignada na Constituição de 24 de fevereiro de 1891. Rui Barbosa invocava o exemplo norte-americano, a que contrapunha o francês: êste de intolerância anti-clerical, aquêle de perfeita harmonia en-

tre credos diferentes dentro da grande nação de Washington e Lincoln.

No mundo de hoje, reler as palavras de Rui tem especial significação. Sabemos a que chegou a pobre França dos homens que queriam apagar as estrelas do Céu. Mas as do pavilhão da liberdade flutuam em todos os pontos do globo, agora como acaba de revelar a palavra do extraordinário chefe da heroica pátria de Wilson, êsse Roosevelt que já não é simples glória da América do Norte, porque o é da própria humanidade. Se o ensino religioso, em todo o mundo, fôsse uma realidade e produzisse os seus benéficos efeitos, não estaríamos a sofrer o maior dos crimes contra a verdadeira cultura, contra o direito e as prerrogativas da personalidade humana".

Para a regeneração social, por todos almejada em nossos atormentados dias, lembremo-nos do ensinamento do eminente pedagogo Spalding: "A sociedade baseia-se não na ciência, mas na consciência e da lição da Encíclica "Divini Illius Magistri". "Para obter uma educação perfeita é de suma importância cuidem de tudo quanto rodeia o educando, isto é: do que costuma denominar-se ambiente e deve corresponder bem ao fim em vista. O primeiro ambiente natural e necessário à educação é a família, precisamente a isto destinada pelo Criador... E sendo necessário que as novas gerações sejam instruidas nas artes e disciplinas, com as quais aproveita e prospera a convivência civil, e sendo para esta obra a família, por si só insuficiente, daí vem a instituição social da Escola, primeiramente por iniciativa da família e da Igreja, e só depois, por obra do Estado. É instituição subsidiária e, portanto, deve não as contraditar, mas harmonizar-se com elas, em perfeita unidade.

Traçado por mão de mestre, o ambiente educativo, cabe-nos manter, com o devido respeito a liberdade e a personalidade humana, na formação das novas gerações; personalidade, como a definiu J. Burret, é a sinceridade total e perseverante, observadora da alheia, mas firme no aperfeiçoamento pessoal e no contínuo progredir pela sua fôrça moral, tudo sempre orientado para o Altíssimo, Nosso Divino Criador, no excelso pensamento de um dever filial!

RESENHA DE LIVROS

J. DANIÉLOU, *O Mistério do Advento* — Tradução de M. DE LOURDES NORONHA. Agir — 1958. In-12.º, 224 páginas.

Todos aquêles que não vêem a história como um mero fruto do acaso ou como um processo de uma evolução sem causa, chegam espontâneamente à conclusão de que os cordéis misteriosos que dirigem o mundo e os homens se encontram enfeixados nos dedos de DEUS.

E quando nos colocamos dentro dos marcos da revelação cristã, vemos que não existe outra norma de interpretação histórica, senão esta: tudo o que houve de anterior e posterior ao cristianismo só encontra sua cabal explicação a partir do VERBO INCARNADO, do "LOGOS que ilumina todo o homem que vem a êste mundo".

CLEMENTE DE ALXANDRIA e AGOSTINHO na era patrística, BOSSUET no século XVII, e modernamente H. URS VOM BALTHASAR no campo católico e no protestante O. CULLMANN tentaram esta árdua tarefa de desvendar o misterioso traçado divino no mapa da história. Nesta corrente tão nova e tão antiga se encontra o livro de DANIÉLOU, que procura descobrir a presença divina no meio dos homens à luz do mistério do Advento.

Fiel ao pensamento de CLEMENTE DE ALEXANDRIA e AGOSTINHO, considera não sòmente a religião judaica, mas tôda a cultura e religião antiga como "paedagogus ad CHRISTUM". Insiste sobretudo na preparação judaica ao Advento, apresentando sob uma luz forte as figuras de ABRAÃO, MELQUISEDEQUE e JOÃO BATISTA, como aliás faria posteriormente com igual mestria, em seu novo livro: *Sacramentum Futuri* (1.ª parte, caps. 1.º e 2.º; 2.ª parte, cap. 2.º).

O aspecto mais interessante, porém, e sôbre o qual insiste com mais vigor é o seguinte: o mistério do advento ainda continua em nossos dias. Em cada momento vai crescendo o corpo místico de CRISTO, num progresso constante, até à Parusia, quando se concretizará plenamente o pedido que o próprio CRISTO colocou em nossos lábios: "adveniat regnum tuum". Neste sentido, os cultos e as religiões pagãs, que vivem ao nosso lado, continuam a função que desempenharam outrora gregos e judeus. Funções de precursores de CRISTO, nesta grande preparação para o retôrno glorioso do MESSIAS. Nesta linha de idéias salienta sobretudo a presença simbólica de MARIA entre os pagãos, preparando-os para o advento de seu FILHO e de sua Igreja (segunda parte, cap. 3.º).

E finalmente, é na Cruz, diz-nos DANIÉLOU, que encontramos o ponto de contacto, o elo de união de todos os homens e do mundo todo. A cruz,

em sua realidade para os critãos (mormente para os Santos Padres) e em seus símbolos para os pagãos, foi sempre considerada como o centro de união de tôdas as coisas. Daí esta verdade paradoxal. Que a cruz, sinal de contradição e loucura para os pagãos, constitua para o missionário exatamente o elo de continuidade com o cristianismo (III parte, cap. 1.º).

Nesta mesma orientação se constroem os demais capítulos sôbre que não nos deteremos expressamente.

O livro de DANIÉLOU é, pois, um livro de interpretação histórica.

Um livro de alto alcance missionário, uma vez que de contínuo está solucionando a dificuldade angustiosa, que levanta êle mesmo na introdução: "que tipo de relação estabelecemos entre o cristianismo e as religiões não cristãs?"

Um livro também para as almas interiores, pois lhes abre uma visão ampla do mundo sobrenatural e as coloca em sua verdadeira posição diante de DEUS, da Igreja e do cosmos.

J. W. S.

MICHELE SCHIAVONE, *Problemi filosofici in Marsilio Ficino* (Publicazioni dell'Instituto di Filosofia dell'Università di Genova, VI), 1 vol., 22-14, 327 págs., Milano, Marzorati, 1957.

O estudo do pensamento filosófico renascentista afronta duas dificuldades típicas, que só podem ser vencidas com o emprêgo de um método rigoroso de interpretação dos textos e com sua aplicação em monografias bem delimitadas. A primeira dificuldade reside no caráter assistemático da maioria dos escritos humanistas, a imensa erudição em que se comprazem seus autores, a mescla indiscreta dos temas mais variados que nêles se cruzam, da mística e da astrologia à crítica histórica e filológica. Em segundo lugar o pensamento renascentista, pensamento de uma época de transição, tem ainda muito da especulação medieval e já prenuncia o que será a filosofia moderna a partir de DESCARTES. Daqui que os estudos consagrados à filosofia da Renascença ou não conseguem passar além da pesquisa erudita mas inorgânica, ou perfilham uma das teses opostas, da *continuidade* com a Idade Média ou da *ruptura total* e a descoberta de um novo estilo de filosofar. Na Introdução da obra que estamos apresentando, M. SCHIAVONE começa precisamente por discutir problemas de método e por recusar interpretações unilaterais. Êle tenta, do seu lado, a aplicação ao caso privilegiado de MARSILIO FICINO de categorias historiográficas que permitam, a seus olhos, situar com exatidão o lugar histórico dos pensadores da Renascença. Estas categorias referem-se às opções metafísicas fundamentais e, no caso de FICINO, permitem concluir pela sua essencial "modernidade", embora sem fazer dêle um DESCARTES *avant la lettre*.

Trata-se, com efeito, de decidir, segundo M. SCHIAVONE, se FICINO se move ainda no âmbito da ontologia clássica ou do realismo greco-medieval, que atribui prioridade ao ontológico sôbre o gnoseológico, ou se participa já em alguma medida do "fenomenismo" que será característico

da idade pós-cartesiana, e que faz anteceder a crítica do conhecimento à Metafísica (*Intr.* p. 3-4). Através de três longos capítulos, minuciosamente analíticos mas vigorosamente organizados em tôrno do problema central, SCHIAVONE estuda a concepção da realidade em FICINO, sua concepção do Absoluto, e traça as linhas gerais da sua gnoseologia. A Conclusão (p. 319 segs.) responde inequìvocamente à questão posta de início, com atribuir a FICINO uma orientação especulativa radicalmente diversa daquela que domina a ontologia clássica. Sua reflexão, com efeito, segundo as conclusões de SCHIAVONE, com a desvalorização do inteligível como "presença" do ser ao pensamento, e com a afirmação do *amor* como arquétipo dinâmico da realidade, lança os fundamentos de um naturalismo fenomenístico que — na lógica, senão na intenção do pensamento ficiniano — termina numa concepção imanentista do ser como *unidade-totalidade*, numa forma, portanto, de panteismo.

O valor monográfico do estudo de SCHIAVONE parece-nos indiscutível. Sua conclusão poderia admitir, a nosso ver, alguns matizes; mas para isto seria necessário não opor tão rìgidamente no ponto de partida, realismo antigo e fenomenismo moderno. Sobretudo porque aquela concepção dinâmica e voluntarista da realidade que, para SCHIAVONE, faz de FICINO um "moderno", bem pode ter suas raizes no neoplatonismo, na mística e no nominalismo da tarda Idade Média. Mas aos especialistas é que convém pronunciar-se autorizadamente a respeito.

P. Henrique Vaz, S. J.

ALBERTO CARACCIOLO, *Studi Jaspersiani* (Publicazioni dell'Instituto di Filosofia dell'Università di Genova, XII), 1 vol. 22-14, 191 págs., Milano, Marzorati, 1958.

KARL JASPERS é um dos grandes nomes que dominam a filosofia alemã contemporânea. Entretanto, a obra difícil do mestre nem sempre se mostra acesssível aos leitores ocasionais e, por outro lado, cresce contìnuamente e se enriquece com novas direções e com o aprofundamento sempre recomeçado de temas anteriores. A utilização de comentários especializados torna-se indispensável para quem não pode levar a efeito uma pesquisa exaustiva nos textos mesmos do filósofo e almeja, por outro lado, manter-se ao corrente dos desenvolvimentos de uma das reflexões mais ricas e sugestivas do nosso tempo. Sôbre a primeira fase do pensamento de JASPERS temos a obra clássica de M. DUFRENNE e P. RICOEUR (Paris, Seuil, 1947). A teoria da Verdade que, com a grande obra *Von der Wahrheit* (1.º vol., 1946) marca uma curva na sua evolução, foi estudada magistralmente por X. TILIETTE, S. J., numa série de artigos dos *Archives de Philosophie*, em 1957. Entrementes KARL JASPERS interveio na polêmica suscitada na Alemanha em torno do "programa de demitização" do Cristianismo, proposto por RUDOLF BULTMANN. O confronto com BULTMANN, cujo pensamento se inspira declaradamente em HEIDEGGER, foi ocasião para JASPERS desenvolver brilhantemente sua própria concepção da ciência e do mito, e da natureza mesma da religião. É precisamente sôbre o problema da "demitização" que versa o primeiro

capítulo do livro de A. CARACCIOLO que ora apresentamos. Sua riqueza informativa e seu equilíbrio crítico tornam-no indispensável, não hesitamos em afirmá-lo, a quantos desejem uma primeira aproximação não só ao pensamento de JASPERS a respeito do tema momentoso da *Entmithologiesierung*, como também ao próprio pensamento de BULTMANN.

Em 1957 foi publicado o primeiro dos três grandes volumes previstos para a obra *Die grossen Philosophen* que representa uma nova retomada por JASPERS dos temas mais originais do seu pensamento, na perspectiva *weltgeschichtlich* de um grandioso confronto com as maiores figuras da história espiritual do mundo, de JESUS a LAO-TSE e de PLATÃO a KANT. O segundo capítulo de CARACCIOLO oferece-nos excelente introdução à nova obra de JASPERS e, sobretudo, esforça-se por situá-la na intenção especulativa do autor, que termina por fazer da filosofia um *Heilsvollzug*, um "processo de salvação" de inequívoca natureza mística (cf. p. 107 segs.). Filosofia e Ciência é o título do terceiro capítulo em que é analisada com grande penetração uma lição de JASPERS pronunciada em 1948 na Universidade de Basiléia e reproduzida num volume de discursos e ensaios de 1951. A crítica de CARACCIOLO à posição de JASPERS (p. 134 segs.) aparece plenamente justificada aos nossos olhos, enquanto ela visa a rejeição do conceito jaspersiano de Filosofia como iniciativa do espírito resultante de um fracasso no terreno "objetivante" da ciência (p. 138-139). Os capítulos quarto e quinto tratam do conceito de "trágico" e da interpretação jaspersiana de LEONARDO DA' VINCI filósofo. O sexto capítulo finalmente oferece-nos uma resenha dos estudos críticos mais recentes sôbre JASPERS, sobretudo do volume coletivo que lhe foi dedicado na *Library of Living Philosophers* de A. L. SCHLIPP.

Estas breves indicações bastam para mostrar o interêsse do livro de A. CARACCIOLO, escrito ademais em estilo exemplarmente claro.

P. Henrique Vaz, S. J.

JEAN ULLMO, *La pensée scientifique moderne* (Bibliothèque de Philosophie scientifique), 1 vol. 19-12, 283 págs., Flammarion, Paris, 1958.

O nome de JEAN ULLMO ocupa um lugar de relêvo na literatura recente de filosofia das ciências. Seus estudos sôbre a causalidade em mecânica quântica e sua discussão do teorema de VON NEUMANN tornaram-se clássicos. A obra que temos em mãos coroa com rara felicidade uma produção já longa e dá-nos uma das melhores introduções à filosofia das ciências até agora escritas.

A importância da reflexão filosófica sôbre a ciência experimental assume hoje caráter decisivo, na hora em que nossa civilização se torna definitivamente uma civilização da técnica e coloca-se iniludìvelmente sob o signo da inteligência científica. Antes, porém, de nos interrogarmos sôbre a significação cultural da ciência ou de tentarmos definir um "humanismo científico", é necessário que nos ponhamos de acôrdo sôbre a *natureza* da verdade científica. Não basta crer na ciência nem mesmo praticá-la, ou ainda recolher com entusiasmo os seus resultados. É preciso compreendê-la na sua estrutura epistemológica para medir com exatidão

seu alcance e seus limites. Ora, nêsse plano precisamente em que a filosofia das ciências deve começar por construir uma epistemologia do saber científico, a situação aparece-nos hoje particularmente confusa. Há tôda uma literatura filosófica (sobretudo de procedência existencialista) que se mantém em polêmica contra as ciências, que fala de "desumanização da técnica" mas que se move, infelizmente, dentro de uma problemática ultrapassada, tem diante dos olhos um "cientificismo" de 1900 ou de antes, e parece desconhecer a prodigiosa transformação do pensamento científico que marcou os primeiros cinqüenta anos do nosso século. Há ainda, entre tantos representantes da filosofia clássica e sobretudo entre os neoescolásticos, um persistente desconhecimento da novidade epistemológica que representa a ciência moderna, e um esfôrço, que se mostra cada dia mais inviável, para inseri-la em quadros lógicos evidentemente inadequados, como a teoria aristotélica da divisão das ciências teóricas pelos gráus de abstração. Por outro lado, uma promoção indébita da verdade científica, um culto intolerante dos seus métodos, está no centro da agressiva visão do mundo encarnada pelo marxismo. Entre os cientistas ocidentais que estendem sua preocupação ao campo filosófico é dominante a mentalidade neopositivista com seu minimalismo epistemológico de uma parte, que retira ao conhecimento científico qualquer coeficiente de realismo objetivo, e com seu absolutismo de outra, que decreta *meaningless* qualquer proposição que não obedeça aos cânones de uma lógica empirista.

A urgência, pois, de uma rigorosa epistemologia do conhecimento científico sem os anacronismos de tantos textos de filosofia e sem os unilateralismos dos escritos neopositivistas — para não falar do dogmatismo marxista — é hoje imperativa. Não duvidamos em afirmar que JEAN ULLMO oferece-nos, nesta ordem de problemas, uma contribuição das mais preciosas. Sua reconhecida competência científica e sua familiaridade com o pensamento dos grandes mestres franceses da epistemologia das ciências, sobretudo L. BRUSCHVIBG, É. MEYERSON e G. BACHELARD, aliam-se a notável equilíbrio e independência de juízo. E, assim, dá-nos êle uma obra que nenhum cientista como nenhum professor de Filosofia deveria deixar de conhecer.

Para que sua leitura seja realmente frutuosa e para que sejam respeitadas as perspectivas exatas do autor é preciso, entretanto, ter presente desde o início que ULLMO trata aqui exclusivamente da verdade científica. Êle começa por definir rigorosamente seu objeto no capítulo I como "objeto construído" através da "definição operatória" e das "relações repetíveis" (p. 17-28). Inspira-se aqui, em parte, nas idéias de PERCY W. BRIDGMAN, mantendo-se porém a equilibrada distância do nominalismo do grande físico americano. É a tais "objetos científicos" que se aplicam as considerações do profundo capítulo VII, dedicado precisamente à verdade científica. A verdade é definida aí pelos critérios de "verificação" e "coerência", e ULLMO mostra como a definição clássica da adequação (estática) entre a inteligência e a coisa, mostra-se inoperante quando se trata de caracterizar a verdade intrìnsecamente vinculada às iniciativas operatórias da experimentação científica. Longe, entre-

tanto, de ceder ao exclusivismo neopositivista, ULLMO marca honestamente os limites da verdade científica: "*...la science, n'étant pas totalitaire, ne peut rejeter a priori la possibilité d'un mode différent de connaissance et de certitude*" (p. 186).

A rigorosa colocação inicial do problema do conhecimento científico, com a definição precisa do seu objeto, é, sem dúvida, a razão da límpida coerência com que se sucedem os capítulos. O estudo do "objeto científico" ocupa os capítulos I e II. Os capítulos III e IV são dedicados à "teoria física". Encontramos aí uma crítica pertinente do positivismo e neopositivismo de uma parte, do energetismo (OSTWALD, MACH, DUHEM) e do convencionalismo (LE ROY, POINCARÉ) de outra. É introduzida a noção de "estrutura" (p. 88 segs.) que desempenha papel central na concepção da teoria física segundo ULLMO. O capítulo IV dá-nos, com efeito, uma distinção luminosa entre teorias *formais*, em que figuram grandezas "globais" (v. g. energia, entropia, ação, potencial...) e se estendem a novos domínios por um procedimento prevalentemente "formal" (exemplo privilegiado na mecânica das matrizes de HEISENBERG e DIRAC), e teorias *estruturais*, em que "estruturas" concebidas intelectualmente projetam-se realìsticamente nos fenômenos (exemplo no *meson* de YUKAWA). A interação entre os dois tipos de teoria é, aliás, constante no desenvolvimento da ciência. O realismo da teoria física é um "realismo operatório" que exclui tanto o nominalismo do objeto *puramente* construído e convencionalmente aceito, quanto o realismo precientífico do *fato bruto* (p. 108-110). O parágrafo sôbre Física e Axiomática, em que ULLMO retoma (págs. 121-132) um artigo de 1949 da *Revue de Métaphysique et Morale*, parece-nos uma elucidação definitiva do difícil tema.

Os capítulos V e VI, respectivamente sôbre "causalidade" e "causalidade e determinismo", formam, sem dúvida, o centro da reflexão de ULLMO e propiciam sua contribuição mais original à filosofia contemporânea das ciências. A exigência da causalidade como exigência de racionalidade é afirmada com fôrça desde o início. Bom discípulo de BRUNSCHVICG (sem perfilhar o seu idealismo), ULLMO recusa decididamente qualquer intromissão do irracional no corpo do conhecimento científico. Esta a razão mais presumível da sua rejeição da interpretação probabilista da mecância quântica, defendida pela chamada "escola de Copenhagen". Por outro lado, ULLMO mostra longamente a estreiteza do determinismo mecânico (no sentido da mecânica clássica) e a impossibilidade de se restringir a um tal esquema a causalidade científica. Esta é definida (pág. 139) a partir de critérios operatórios de modo a enquadrar também as relações de probablidade. Um parágrafo sôbre "Matemáticas e causalidade" (págs. 145-148) tem por fim mostrar a ductilidade do instrumento matemático (contra a objeção vulgarizada por BERGSON) para a própria compreensão do devir físico. Mecânica estatística clássica e mecânica quântica são os campos de batalha por excelência do debate em tôrno da causalidade e do determinismo no mundo físico. Fiel ao seu critério inicial de discriminação dos objetos científicos, ULLMO mostra (cap. VI) como nem o determinismo absoluto

nem os pressupostos do famoso teorema de VON NEUMANN (sua definição de "sistemas idênticos"), tem caráter operatório. Assim, a causalidade como "exigência de razão" pode perfeitamente enquadrar-se num esquema evolutivo onde a probabilidade é compreendida racionalmente como impossibilidade de determinação exaustiva das condições iniciais de um sistema: impossibilidade de *conhecimento* nascida da perturbação ineliminável completamente (segundo o limite marcado pelas "relações de incerteza" de HEISENBERG) introduzida pelo "observador", e não *indeterminação* (irracional) da *realidade* mesma (Ver págs. 173-177).

Já nos referimos ao capítulo VII sôbre a "verdade científica". O capítulo VIII (sem dúvida o de mais austero conteúdo filosófico) estuda a razão em ato na construção da ciência. Ela é definida como a "capacidade de instituir um número indefinido de sistemas de regras" (pág. 206) e é assim que se torna "quadro de fenômenos". À diferença da razão aristotélica que compreende "reduzindo a uma essência" (ver o importante parágrafo sôbre conceito aristotélico e conceito científico, páginas 66-72), a razão científica no sentido moderno compreende "refazendo" o dado pela definição operatória. O caráter essencialmente "ativo" da razão científica é posto em plena luz num confronto imensamente sugestivo com a "intuição" bergsoniana. A inteligência científica (na Física quântica) mostra-se capaz de realizar aquela "compreensão" do movimento como mudança qualitativa que BERGSON reservava à sua "intuição".

No capítulo IX, sôbre "a inteligibilidade da natureza", todos os resultados obtidos são retomados em vista de uma solução rigorosamente elaborada do problema da "adequação" entre a razão científica e a realidade. A melhor expressão desta adequação é dada pela idéia de uma "convergência" entre seus dois termos, expressa na noção matemática de "grupo" (págs. 230-231). Esta noção torna possível uma definição precisa de "estrutura" como "conjunto de relações consideradas como *características* para determinados elementos, característica que se define pela sua *invariância* com relação às operações do grupo (pág. 237)". A noção vaga de "abstração qualitativa" aparece como deduzida da existência de uma relação *simétrica* e *transitiva* entre elementos de uma classe (equivalente a um "grupo"). O "grupo" apresenta-se, assim, como o exercício por excelência da razão científica, com seu tríplice aspecto progressivo, construtivo e reflexivo. Êle mostra-se como critério e fonte de objetividade e generalidade, e como condição *necessária* da experiência. Nesta utilização aprofundada da noção de "grupo" para uma compreensão estrutural do mundo físico, ULLMO encontra-se com o grande filósofo alemão das ciências F. DESSAUER na sua importante obra *Naturwissenschsftliches Erkennen* (Frankfurt, 1958, págs. 263-270), da qual esperamos poder dar conta em breve aos leitores de VERBUM.

No fim da sua obra ULLMO insere ainda um apêndice de preciosos complementos sôbre o pensamento matemático (págs. 267-279).

Se a constituição de uma renovada Filosofia da Natureza é hoje, como acreditamos, uma das tarefas mais importantes da reflexão filosófica, ela só será possível à base de trabalhos como êsse de JEAN ULLMO. Porque só a partir da definição rigorosa da inteligibilidade própria do

objeto científico será viável uma reflexão que se aplique a fundar no plano filosófico a consistência ontológica do mundo construído pela ciência, e onde se joga hoje o destino do homem.

P. Henrique Vaz, S. J.

LUCIO MENDIOTA Y NÚÑEZ, *Teoría de la Revolución*. Cuadernos de Sociología. Instituto de Investigaciones Sociales. Universidad Nacional. México, 1959.

Mais um estudo do professor LUCIO MENDIOTA Y NÚÑEZ vem de ser divulgado na sempre excelente coleção "Cuadernos de Cultura", publicada pelo Instituto de Investigaciones Sociales, Universidad, México. Tem o título de "Teoría de la revolución". E é bastante êste título para se compreender o significado da obra. É, na realidade, uma análise teórica das revoluções encaradas do ponto de vista da Sociologia; ou seja o conceito sociológico das revoluções.

Parte o A. do conceito de revolução como fenômeno social, e em conseqüência tem seu estudo no campo da Sociologia. A respeito, os sociólogos têm exprimido, examinando o tema, seus pontos de vista, não raro divergentes. O professor MENDIOTA Y NÚÑEZ expõe uma teoria que se baseia na análise crítica de investigações e estudos sociológicos sôbre o tema. É um ensaio em que procura situar os pontos marcantes do conceito das revoluções.

Em 16 capítulos distribui-se a matéria dêste ensaio; definições e conceitos, características das revoluções, o processo revolucionário; a revolução e a contra-revolução, o intelectual e a espada, a vitória; as causas, a tipificação, os sistemas, os efeitos sociais da revolução, as realizações, a periodicidade, o problema da prevenção; e, finalmente, a teoria da revolução são os temas abordados nos diferentes capítulos desta nova e valiosa obra do professor MENDIOTA Y NÚÑEZ. É mais uma contribuição aos estudos sociológicos, que se deve ao ilustre sociólogo mexicano, cuja obra, em variados volumes, vem abordando diversos temas da Sociologia.

No capítulo final encerra o A. a síntese de seus pontos de vista, com os quais formula uma teoria das revoluções. Desde a importância e a definição de revolução, até as leis que norteiam as revoluções, em suas origens ou em seus efeitos, formula o Autor conceitos que baseiam sua teoria.

Manuel Diégues Júnior

ALFONSO TRUJILLO FERRARI, *Fundamentos de Antropologia Geral*. 1.º fascículo. Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo, 1959.

A publicação do primeiro fascículo de "Fundamentos de Antropologia Geral", do prof. Alfonso Trujillo Ferrari (Escola de Sociologia e Política de São Paulo, S. P.), proporciona oportunidade ao estudioso e, sobretudo, ao estudante dêsse campo disciplinar, de um conhecimento inicial adequado, ou bem dosado, da matéria. Êste o mérito inicial que me parece ter essa publicação: o seu caráter didático.

Êste fascículo consta dos seguintes capítulos, cada um dêles acompanhado de bibliografia, através da qual o leitor poderá aprofundar os

conhecimentos que lhe são ministrados: Fundamentos de Antropologia; Cronologia; Sistemática; Semelhanças e diferenças anatômicas e fisiológicas entre o homem e os hominoides; e Paleoprimatologia.

No primeiro, o A. expõe a posição científica da Antropologia, sua natureza e seus fins, suas relações com as outras ciências, e os campos em que se divide. Já no segundo, trata da contribuição da Cronologia para conhecimento no tempo dos fatos antropológicos, considerando a palcocronologia (fatos produzidos no cenário da terra) e a antropocronologia (fatos do passado humano no tempo) incluídos na Antropologia Física; a história da terra e a da vida, datas com sua relatividade, métodos e técnicas cronométricas são examinados. O terceiro capítulo versa a posição do homem na escala zoológica, ao passo que o quarto é perfeitamente identificado por seu título, ao focalizar semelhanças e diferenças entre o homem e os hominidea. O último capítulo focaliza os primatas fósseis, examinando os fósseis existentes em diferentes épocas climatológicas.

Sente-se no Autor o desejo de dar ao seu livro um cunho nìtidamente informativo; focaliza, como o título o indica, fundamentos, e por isso mesmo tem um sentido expositivo bem claro. Assim é que no capítudo primeiro informa, quanto à terminologia antropológica, o uso dos nomes Etnologia, Etnografia, Antropologia Cultural, Antropologia Social e onde surgem essas variações. Ressalta, aliás, que no Brasil, só a Escola de Sociologia e Política de São Paulo e a Universidade de Campinas consideram a Antropologia Social como campo distinto da Antropologia Cultural, distinção que, como vimos, o Autor aceita.

Em relação à subdivisão da Antropologia Cultural, mostra a posição da Etnologia, da Arqueologia e da Linguística. E focaliza um aspecto merecedor de atenção: o de que nas Universidades do Brasil a cadeira é denominada Etnografia Geral e Etnografia do Brasil (esta hoje acrescida de Lingua Tupi), quando a primeira deveria chamar-se Etnologia. Desejamos salientar êsse ponto em face de nossa concordância com a observação, tanto que temos procurado preservar sempre, nos cursos da Universidade Católica, a denominação de "Etnologia" e de "Etnografia do Brasil e Lingua Tupi", nos cursos de Geografia e de História, e aquela no de Ciências Sociais e na Escola de Sociologia e Política. Muito embora preferíssemos o nome de Antropologia para a primeira cadeira, em todos os cursos em que é ministrada.

Apesar de aceitar a discriminação entre Antropologia Social e Antropologia Cultural, como partes da Antropologia Geral, o Autor, entretanto, tem a sinceridade de reconhecer que essa discriminação "é, porém, de caráter artificial e até certo ponto forçada" (pág. 22). E mais adiante frisa que "qualquer separação não atravessa o limiar dos artifícios usados pelas ciências" (pág. 23).

Outros aspectos haveria que ressaltar neste primeiro fascículo de "Fundamentos de Antropologia Geral", do prof. Alfonso Trujillo Ferrari. Uma observação, entretanto, desejamos assinalar: não encontramos uma só vez citado, nem ao menos arrolado na bibliografia, o nome do padre Teilhard de Chardrin. Seus livros ou artigos sôbre as origens do homem,

a evolução do gênero humano e sua posição na escala zoológica, são hoje em dia fundamentais, indispensáveis de apreciação, mesmo — o que não nos parece possível — que se discorde de alguns de seus pontos de vista. O mérito da contribuição do padre Chardrin, porém, não pode ser ignorado. É pena — e é a única coisa a lamentar nesse livro — a omissão. Contudo, o leitor sairá enriquecido com a leitura dêsse trabalho; sobretudo o iniciante de Antropologia encontrará em suas páginas um caminho fácil e acessível, e ao chegar ao fim só deseja que venham logo os outros fascículos.

Manuel Diégues Júnior

MANSUETO KOHNEN, O. F. M., *Ao Pai por Cristo no Espírito Santo.* Mensageiro da Fé, Salvador, Bahia, 1959. In-8.º, 163 págs.

Com esta mais nova obra da lavra indiscutìvelmente autorizada de Frei MANSUETO KOHNEN, O. F. M., o eminente Catedrático de duas Universidades enriqueceu a literatura religiosa do Brasil.

Temos muitas traduções, boas sem dúvida, mas não temos muito de nosso. MANSUETO KOHNEN cria do íntimo de sua convicção, uma apresentação original do sentido da nossa filiação divina. O belo livro que a Editôra Mensageiro da Fé (Salvador — Bahia) lançou é um verdadeiro tratado de "Sociologia Divina". A nossa relação social dentro do Corpo Místico de Cristo assume importância vital para cada um de nós. A única importância razoável da vida de todo homem é chegar ao Pai. Sendo Cristo o Mediador, é por Êle que se processa essa "jornada". Pelo Espírito Santo, que tudo vivifica e renova, realiza-se no Universo e na alma de cada um, o plano divino.

"Ao Pai por Cristo no Espírito Santo" foi por isso intitulado o precioso livro. O autor faz logo de início a pergunta:

— Deus quer encontrar-se ainda com o homem de nossos dias? E MANSEUTO KOHNEN mostra na 1.ª parte da obra, como o Pai é pai da alma humana. Pai nosso por adoção como o de Cristo, por natureza, Pai que "tudo marca e tudo vê". Temos uma vida divina em nós. Mas, é mister guardar da destruição a vida divina. Aparece na 2.ª parte Cristo, o Verbo. Em quatro belos capítulos aprende-se a "conhecer Jesus Cristo, para viver com Êle e como Êle".

"Dai lugar ao Espírito Santo", assim principia a terceira parte desta "Trilogia" santa. Trilogia e Trindade! Trindade Santa. "Tudo depende da Trindade", é a conclusão.

E nós, tu e eu, vivemos, — oxalá sempre vivêssemos, — conscientemente dentro desta Santíssima Trindade.

Sôbre "*Ao Pai por Cristo no Espírito Santo*" diz um abalisado crítico:

"A obra revela um escritor amadurecido, um teólogo profundo, um místico de nossos tempos. É uma obra que não visa os outros, mas a cada um em particular, porque é uma obra vivida, pensada, meditada, rezada. É, afinal, uma obra não de um dia, mas de uma vida".

Prof. Fr. Severino Gisder

ARQUIVO NACIONAL — DIRETOR E. VILHENA DE MORAES. *Publicações. Volume XXXIX* (XXXVI e 366 págs. in folio).

Com mais três volumes de publicações, depois de tantos outros, não é hipérbole afirmar que o Prof. Eugénio Vilhena de Moraes continua vivendo no Arquivo Nacional, a cuja reorganização e pujante florescimento consagrou os melhores 20 anos de sua integérrima existência.

Non omnis moriar — podia com o poeta dizer ao despedir-se em 1958 dêsse fecundo manancial de erudição histórica o perseverante servidor do Brasil no que o Brasil tem de mais caro, que são as glórias *arquivadas* do seu passado, as fontes documentárias da sua história.

Bastava ter feito sair da penumbra herois da estatura de Potiguar com a simpática auréola dos mártires, ou um Visconde de Cayrú, caráter impecável em que se aliam harmoniosamente a fé e o saber, e tantos outros de semelhante estrutura moral; bastava ter projetado nova claridade na vida e obras dum Anchieta, pondo à luz do sol seus imorredoiros poemas, ter cercado de tantos refletores gloriosos figuras como as de um Duque de Caxias ou de um General Osório, para também êle entrar na história como benemérito da cultura brasileira e da sua expansão mundial.

É certo, sim, que a sua obra não morre; mas o que mais é para admirar é que continuem vivendo e revivendo no Arquivo em incessante germinar os frutos da sua fecundidade intelectual e do seu dinâmico espírito de iniciativa. É o que dizem e continuam dizendo obras que depois de tão aturada elaboração mental não dão trégua aos prelos nacionais.

Em 1887 iniciara o Arquivo Nacional as suas *Publicações* sob a orientação do Dr. Joaquim Pires Machado Portela que a essa data o dirigia.

Em 1940 já sob a direção do Dr. Vilhena de Moraes exercia uma exuberante fecundidade na continuação dessa tarefa, quando a vê entorpecida pela inesperada incorporação das suas oficinas gráficas à Imprensa Nacional. Daí a lentidão com que passou a funcionar a maquinária editorial do Arquivo com não pequeno prejuízo da cultura histórica brasileira.

Ainda assim não ficou paralisada com tão rude golpe. Ninguém melhor do que o próprio Diretor do Arquivo pode prestar contas da sua atividade. É o que faz no prefácio dêste XXXIX volume.

Vale a pena ouvi-lo confessar como logo no começo da sua gerência pôde dar à publicidade o volume XXXVI "concernente às Sesmarias, de par com numerosos opúsculos históricos, quais sejam a *Bíblia de Gutenberg* — catálogos de Mapoteca e das *Publicações*, albuns ilustrados e contribuições do Arquivo a assembléias e congressos históricos nesta capital e fora dela", como pôde organizar "as vastas exposições periódicas, bibliográficas, cartográficas, e sobretudo documentais, divulgadas perseverantemente nas colunas do *Jornal do Comércio*, como pôde elaborar e colecionar cronológica ou alfabèticamente cêrca de dois milhões de "*Verbetes Documentais Inéditos Prontos para o Prelo*", estupenda pululação de recursos históricos, como talvez se não encontre igual nos inúmeros arquivos do mundo.

O alvorecer do 4.º centenário da fundação da Companhia de Jesus inspirou ao Prof. Eugenio Vilhena de Moraes a generosa idéia de associar o seu querido Arquivo a essa comemoração, publicando nesse mesmo ano de 1940 em edição monumental e artística de 440 páginas quase infolio o famoso poema anchietano, ainda inédito *De Beata Virgine Dei Matre Maria*. Acompanha o texto íntegro latino uma versão rítmica, portuguesa, do P. Armando Cardoso, S. J. com extenso comentário do poema e uma introdução histórico-crítica do mesmo tradutor. O Professor Juan Maria Fernandez, S. J., da Pontifícia Universidade de Comillas, numa crítica magistral põe em destaque a primorosa nota preliminar com que o Prof. Vilhena de Moraes quis encabeçar o poema.

Mas não acaba aqui a atividade realizadora do Arquivo Nacional no campo das vulgarizações.

Do reino, recolhidos à pressa e por classificar, trouxera D. João VI cem mil documentos inéditos, que aqui se acumularam com muitos outros durante a estadia da côrte em terras de Santa Cruz. Era a herança histórica da Pátria que a previdência do Regente subtraiu ao vandalismo voraz das hostes napoleônicas para sobreviverem incólumes sob a bandeira providencial duma nova pátria.

Ainda na já mencionada comemoração do 3.º centenário de Portugal (1640-1940) teve o Dr. Vilhena de Moraes a feliz inspiração de proporcionar ao Brasil por meio do Arquivo Nacional o ensejo de manifestar a fidalguia e magnanimidade da gigantesca alma brasileira: operou o milagre de devolver à pátria-mãe todo êsse opulento espólio histórico, *sem* ao mesmo tempo *se desfazer dêle*. De que modo? Recorrendo ao expediente das duplicações dactilográficas, fotostáticas, ou da microfilmagem, com que se organizaram os volumes luxuosamente encadernados, que constituiram o memorável *Elenco*. E com êstes também exemplares do poema de Anchieta e as memórias de Cayrú foram depois enviados aos arquivos de Portugal pelo mesmo caminho por que 130 anos antes viera para o Brasil o núcleo primordial do seu Arquivo Nacional.

Foi, pode confessar com legítima ufania o seu emérito ex-Diretor, "a maior transferência documental de arquivo para arquivo, até hoje realizada no continente americano".[1]

Mui oportunamente celebrava o *Diário de Notícias* de Lisboa, em 12 de março de 1943 essa valiosa contribuição do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro para as comemorações tercentenárias de Portugal, realçando a notável atuação e carinho, verdadeiramente brasileiro, do seu Diretor, que merecidamente chama "milagre de esfôrço e tenacidade". E diz ainda o referido diário:

"É surpreendente o que esta obra revela: a soma de trabalho efetuado em curto espaço de tempo para levar a bom têrmo a colaboração que o título refere. Surpreendente e desvanecedor para nós, portugueses, pelo carinho votado ao nosso País, e pela cópia avultadíssima de importantes

[1] *Publicações*, vol. XXXIX, pág. XIII.

elementos que êsse trabalho tornou acessíveis aos estudiosos e investigadores da história pátria, em especial duma época tão próxima de nós e ainda tão discutida — a época de D. João VI".

Na impossibilidade de inventariar todos os fecundos partos tipográficos do Arquivo Nacional, baste-nos citar alguns dos referidos no Prefácio dêste XXXIX.º volume, como o que dá a conhecer, por ocasião do bicentenário do autor da *Flora Fluminense*, os naturalistas célebres do Brasil, e suas informações oficiais sôbre o ramo que cultivaram; a monumental edição do poema anchietano *De gestis Mendi de Saa*, a que nos referimos no último número da nossa revista e que aí deixamos rotulado com o nome de *Mendisseia*.

Outras séries documentais saltam à vista de quem percorre o sumariado *Recheio* dêste XXXIX.º volume. Fazendo a autópsia dêle, encontramos de entrada as Efemérides do Arquivo desde 1938 a 1957, abrindo logo com a *Secção Histórica*, que se desenrola através de 13 capítulos, abrangendo no seu conjunto a relação das coleções de verbetes documentais, o inventário dos documentos arquivados nos mostruários e armários da Secção (96 volumes, mais 362 documentos distribuidos por 3 mostruários, e 253 distribuidos por 5 armários, mais 54 separados no armário n. 5, num total de 293 mostruários e 386 armários).

Temos a seguir, dentro da mesma secção histórica, a Exposição comemorativa do 112.º aniversário do Arquivo Nacional, que só em 1950 arquivou 240 recortes da imprensa, sobretudo do *Jornal do Comércio*.

Acrescente-se constituindo novo capítulo a resenha de 687 documentos referentes ao movimento da Casa Imperial.

Passando à subsecção eclesiástica, encontramo-nos com 79 ofícios, seguidos de 198 bulas, decretos, cartas e outros documentos pontifícios, e logo 132 decretos e documentos imperiais concernentes ao corpo eclesiástico do exército.

Dentro ainda da grande Secção Histórica temos a Coleção de Portugal, constituida por 326 documentos, e que logo, como veremos, será objeto de publicação separada, e constituirá o volume XLI das *Publicações*.

Aparece-nos logo, constituindo o cap. VIII da mesma secção a resenha de "Licenças para casamento de pessoas nobres". São 142 documentos autorizando casamentos; e logo relatórios e ofícios sôbre assuntos diversos da época imperial. Mencionemos ainda a correspondência do Ministério dos Estrangeiros, com a recensão de 469 ofícios e comunicações oficiais.

O cap. X da mesma *Secção Histórica* dá testemunho de 452 ofícios todos pertencentes à *Colecção Cisplatense*.

O cap. XI faz o inventário de numerosos ofícios e extratos de correspondência sôbre a colônia suiça de Nova Friburgo, ao passo que o capítulo XII é o extrato alfabético da coleção de verbetes de fôlhas de serviço, que visam os veteranos da guerra do Paraguai.

A prolongada Secção Histórica é finalmente encerrada com o breve Index do Album de Autógrafos.

Entrando logo na *Secção Administrativa*, é a resenha de 428 mapas e de 41 cartas de sesmarias que primeiro se nos depara, seguida de abundante documentação referente à atividade do Senado. E logo em 7 volumes, distribuidos por 3 armários, uma série de 24 memórias, a primeira das quais é a relação histórica da entrada dos franceses na comarca de Torres Vedras.[2]

Depois é a relação dos 198 documentos brasileiros copiados em vários arquivos da França por Luís Gastão de Escragnolle Doria e que constituem a *Coleção Escragnolle Doria*. É ainda a Relação dos Inventários, Testamentos e Partilhas prontos para o prelo, alfabèticamente organizada, bem como a de Documentos Judiciários Relativos a Titulares do Império.

Por fim o índice geral do poema Anchietano *De Gestis Mendi de Saa*, com a apresentação e extratos do original latino e da tradução portuguesa, texto iluminado pelas preciosas notas do tradutor. A êsse trabalho nos referimos detidamente nas páginas desta revista (Tomo XVI, fasc. 2-3, referente a junho-setembro de 1958, pág. 153-171).

E todo êste volume XXXIX é rematado por documentos e relatório de António Gonçalves Dias sôbre Instrução Pública em diversas Províncias do Norte do Brasil.

B. — Volume XLI — *Coleção de Portugal* — (128 págs. in folio).

Como um dos números comemorativos do centenário de Portugal (1940), saiu à luz da publicidade no ano seguinte, como já dissemos, o *Elenco* (I-XX, 736 págs.), parte integrante da chamada *Coleção de Portugal*. Esta constitui o vastíssimo repositório de documentos inéditos conservados no Arquivo Nacional. O *Elenco* era apenas a resenha dos documentos, cujas cópias fotostáticas o mesmo Arquivo nessa altura ofereceu microfilmadas aos arquivos de Portugal.

Mas havia ainda a mole incomensurável do precioso material já classificado, integrado na mesma Coleção e constituindo alentados volumes da série intitulada *Documentos prontos para o prelo*.

---

[2] A título de curiosidade e como amostra das disposições dos Portugueses para com os invasores de além Pirineus, não resistimos à tentação de transcrever esta breve passagem desta "Memória":

"Faz-se a Paz de Tiloit, e chega então o tempo do Malvado Napoleão "dezemvolver, e por em Execução os senistros fins da sua Perfidia Trai-"ção, e Malevolencia; e que sempre, rezervou e escondeo no seu Mons-"truoso Coração contra Hespanha, e Portugal. Execrando Godoy alegrate! "O teu Napoleão vem consumar as tuas Aleivozias, Perfidas e Traidoras "obras!! Obras em que trabalhas há mais de 18 annos! E servirte-ha "agora a Diplomatica xicana do Tratado secreto de Fontain Creau de "27de 8bro de 1807. Ah Pacovio, e Insensato, que te enganas com Napo-"leão, e com este Tratado. E o que mais hé com os Portugueses! E tens "dado sobejas provas de que os não Conheces!!! Mas os Exercitos Fran-cezes se preparão! Sim. Pois. Que unica entre si a Quadrilha dos Perfi-"dos Monstros Francezes destinados Contra Portugal, denominando-se "Exercito de Observação de Gyronda..."

Dos 5 volumes ali sumariados, o 12.º agora incorporado na consecutiva série da publicação integral de todo êsse patrimônio histórico legado ao Brasil por D. João VI é apresentado ao público, ocupando entre os volumes já publicados pelo Arquivo o XLI.º lugar. Refere-se êle ao período que abrange a segunda metade do século XVIII, já bem agitada, e o tormentoso comêço do século XIX.

Com relativa facilidade se pode assim formar uma idéia mais ou menos aproximada do que eram as preocupações e apreensões da governança numa época em que o despotismo totalitário e intolerante tudo absorvia, com todos os expedientes burocráticos que asfixiavam as Secretarias, sem excluir o que hoje seria implacàvelmente relegado para as ínfimas repartições da vulgaridade administrativa.

Êste volume traz a resenha de 2.289 documentos, catalogados sob várias epígrafes ou rótulos, como "Gabinete del Rei" — "Negócios da Fazenda" — "Domínios, Consciência e Ordens, Recursos, representações", etc., etc.

C. — Volume XLII — *Perfil de Cayrú* — (128 págs. in folio).

Com razão lamenta o Prof. Vilhena de Moraes que o ilustre Visconde de Cayrú, José da Silva Lisboa, tão avultada figura da História do Brasil e sobressaindo tão agigantadamente na sua obra prodigiosa entre a plêiade dos economistas, sociólogos, historiógrafos, jornalistas, parlamentares e censores régios, seja tão pouco celebrado, digamos até, ande tão eclipsado na galeria dos nossos publicistas. Justo e louvável empreendimento é, portanto, o do preclaro Diretor do Arquivo fazê-lo sair das catacumbas do esquecimento e colocá-lo no pedestal que os seus méritos estão reclamando.

E neste XLII.º volume das publicações temos traçada por mão de mestre a simpática e empolgante silhueta do Visconde de Cayrú. Bem haja quem assim o expõe à luz do dia, chamando antes de tudo a atenção do leitor para os traços da sua imortal fisionomia de catequista leigo, autor do *Catecismo da Doutrina Cristã*, que, sem desprimor para ninguém, foi o primeiro compêndio nacional da doutrina cristã no Brasil. Por todos os títulos o reconhece Vilhena de Moraes como legítimo patrono leigo do professorado católico no Brasil. E superabundam as provas documentadas. Tôda a sua carreira é apresentada como lucidíssima trajetória de astro que ascende sempre até atingir o seu zenite, desde os bancos da Universidade de Coimbra até às mais exigentes cátedras do ensino. Foi êle ainda o inspirador e principal realizador do franqueamento dos portos ao comércio internacional.

Deputado, membro da Constituinte e Senador do Império são nomes que històricamente dizem muito no berço da nacionalidade brasileira. Nem é inoportuno neste ano da graça de 1959 evocar o gesto que o devia deixar para sempre imortalizado. Numa atitude patética e desassombrada cai de joelhos em público Parlamento, quando sôa a hora de defender

pro aris et focis a invocação do Nome de Deus na Constituição do Império Brasileiro.

Êste XLII.º volume regista nada menos de 185 documentos referentes à vida política de José da Silva Lisboa, incorporados em várias coleções do Arquivo Nacional, à sua multiforme atuação na vida do Império, aos cargos que nele desempenhou, aos nobres ideais que advogou, aos discursos que pronunciou como Senador e membro da Constituinte em 259 sessões parlamentares.

Êste XLII.º volume, intitulado *Perfil de Cayrú*, sob certo aspecto bem se pode considerar um complemento documentário de outro volume da autoria de ALFREDO DO VALLE CABRAL, intitulado "Vida e escritos de José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú", editado também pelo Arquivo Nacional. É constituida por excertos da obra inédita *O Espírito de Cayrú*.

Bem haja o Prof. Vilhena de Moraes pelo relevante serviço prestado ao Brasil, colocando em evidência solar um dos seus filhos, que bem merece ser apontado como espelho de virtudes cívicas e cristãs e como mestre do mais são patriotismo.

São tôdas estas publicações alguns dos relevantes serviços prestados pelo Dr. Vilhena de Moraes ao Brasil e à causa da cultura universal, que tôda ela é favorecida, ao Brasil intelectual sobretudo. São o testemunho irrefragável da infatigável laboriosidade que com êle entrou nessa instituição nacional, do espírito de disciplina, de método e organização que ali assentou arraiais, ao mesmo tempo que mostram a transcendente utilidade da obra que aperfeiçoou e dirigiu à custa de 20 anos de canseiras, utilidade superior a todos os encômios.

É que um Arquivo assim instalado e ordenado em todos os pormenores, satisfazendo a exigências de coordenação e subordinação de tôda a sorte, só por um tenaz espírito de iniciativa se pode empreender e levar a cabo. E dêsse modo se torna um opulento arsenal dos mais variados recursos históricos, o cofre augusto dos preciosos tesoiros do Brasil, aonde qualquer dos seus filhos pode ir abastecer-se e aumentar o patrimônio da sua erudição.

Mas de que valeriam êsses tesoiros sem luz que os alumiasse, hermèticamente fechados e selados ou seqüestrados a todos os olhares? De que valeria um Arquivo se apenas um ou outro privilegiado soubesse o que nele se contém armazenado? Mas o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro é agora um cofre cristalino, transparente a todos os olhares; e as publicações do Prof. Vilhena de Moraes são a transparência mágica dêsse cofre. Agora já todo o Brasil pode conhecer os recursos documentados que possui, claros como a luz do sol, já todos podem ir dessedentar, a essa fonte de ciência histórica, a avidez de conhecer todo o seu passado de glórias, já todos podem consultar o seu recheio, porque êle está à vista e êle está iluminado. E todos devem ficar agradecidos a quem teve o incomparável mérito de acender em todos os seus recantos uma luz que não mais se apaga.

P. José de Oliveira Dis, S. J.

BOLETIM DE PEDAGOGIA

ANO X | DEZEMBRO DE 1959 | N.º 2

CURSO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

PSICOLOGIA EVOLUTIVA (II)

P. AFONSO RODRIGUES, S.J.

Cap. 3.º — SÍNTESE

Lei da evolução da personalidade

I — *Definições*

1 — *Personalidade* é síntese dinâmica estável das tendências operativas.

a) Para Klages é o conjunto de motivos, ou móveis, que dirigem a conduta humana.

b) Para Spranger é uma forma de vida sistematizada em função de um dos 6 transcendentais: verdade, beleza, bondade, govêrno, economia, religião.

c) Para os Escolásticos é uma substância indivídua de natureza racional.

2 — *Organogenética* é o processo de sistematização selectivo-teleológica de elementos diversos em função de um todo harmonioso, isto é, em que as partes são polarizadas por uma energia única integradora.

a) *No campo vital*, há uma forma substancial, um princípio assimilativo e aumentativo que, na semente ou no embrião, produz a autogênese, edifica o próprio corpo, diferenciando física, química e funcionalmente

as partes, por ex.: olhos, ouvidos, coração, aparelho digestivo, em relação umas com as outras para o bem do todo. Esta fôrça organogenética é a hegemonia gestáltica do todo sôbre as partes que tem como origem o domínio da da forma sôbre a matéria. Esta forma viva é um esquema estrutural e dinâmico que virtualmente contém todos os mecanismos funcionais futuros, a maquete do edifício seminalmente.

b) *No campo mental,* encontramos um crescimento análogo ao do embrião. O princípio vital, que construiu o corpo humano numa estruturação de partes tão harmoniosas e funcionalmente perfeitas, edifica também uma mentalidade variadamente múltipla e coerentemente una. Êste fator geral que coaduna os esquemas dinâmicos de estruturação, a alma racional atua com uma energia lógica, que na sua essência é a faculdade intelectiva. Suas modalidades de operar são três. O mecanismo da percepção comunica aos dados objetivos e subjetivos uma estruturação própria e um sentido pessoal. V. g.: visão do universo em diferentes tipos. A organogenética da atividade pensante aparece na construção de uma frase, por um ignorante. O sentido trabalhou as palavras, na flexão apropriada dos vocábulos, na disposição sintática dos têrmos, produzindo um sistema variado de sinais vocais na unidade do significado. Quantas regras gramaticais agindo inconscientemente nos reservatórios memoriais do sujeito, mas subordinadas às intenções e interpretações da inteligência chamada por Delacroix "fábrica de sistemáticas e abstrações".

Outra constante, ou esquema antecipador, é a capacidade de produzir juízos teoréticos uns, de valor outros. Os escolásticos chamaram a êste mecanismo "Habitus Principiorum". De um axioma esta faculdade constroi toda uma geometria. Êsse dispositivo da inteligência é a raiz donde surgem os sistemas mais ricos de conclusões coerentemente travadas. É êle que cria a lei da síntese mental. Exemplifiquemos no trabalho de composição literária de um repentista, repórter de profissão ou poeta de valor. Quanto à matéria: a abundância do pensamento, a viveza e colorido da imaginação, a riqueza das lembranças, a acuidade e perspicácia das observações acarretam um vasto repertório para ser redigido. Quanto à forma: as leis da elegância do estilo, as regras da propriedade dos vocábulos e torneio de frase, as normas da estética e do bom gôsto são hábitos intelectivos, mecanismos coordenados pela tendência lógica, que funciona automàticamente. O tema é uma sistemática selectivo-teleológica que organiza seu corpo literário, filosófico ou matemático. Os gênios nas suas criações originais ou descobertas, mostram o complexíssimo aparelho das invenções e inspirações perfeitamente montado e agindo sapientìssimamente no fundo do inconsciente.

O terceiro esquema antecipador é a faculdade da inteligência de adquirir verdades novas pela indução ou dedução.

A logística, com seu código de leis e técnicas, funciona silenciosamente de modo muitas vêzes implícito, inadvertido. Na aprendizagem científica, age a descoberto e constrói as amplas e densíssimas sínteses mentais como a física, a química, a mecânica, etc.

Êste estudo da mentalidade e das maneiras de pensar chamam noologia.

c) *No campo personológico.* A ciência do caráter, do modo de sentir e agir é a etologia, complexo de dados, leis e sínteses que regem a interpretação do universo e o proceder quotidiano, de modo estável. A sistemática dinâmica dos axiomas transcendentais orienta e coaduna os esquemas do pensamento para uma sintetização de idéias, a mentalidade. A personalidade tem como alma de sua construção o finalismo, que cada qual imprime à sua existência e que agrupa as correntes de sistematização afetiva e as constantes dinâmicas do pensamento prático e de agir. Esta estrutura básica e seminal é o "eu" ideal, o embrião da personalidade que através do poder de assimilação psíquica crescerá até a plenitude da estrutura adulta. Esta intenção finalista é o amor que tudo impera, tudo informa, tudo interpreta.

3 — *Lei fundamental* da formação da personalidade.

"A personificação se realiza através da lei de síntese mental que tenta reduzir tôdas as idéias- fôrças à unidade da estrutura".

a) *O eixo da cristalização* ou a espontaneidade criadora.

Sua constituição é a vontade-natureza. Tendência racional automatizada, raiz da deliberação e da liberdade; é uma intencionalidade inteligente, original e secreta que tudo unifica, uniformiza e dirige. O eu dinâmico, o conceito que de nós mesmos nos formamos com um finalismo bem categorizado produz o tônus psico-mental, o campo magnético da construção pessoal. A inteligência intuitiva, base e fundamento do discursivo e dialético, age contìnuamente, das sinergias inconscientes, orientando a conduta em benefício do fim preestabelecido, dispensando muitas vêzes as deliberações explícitas, pelo poder de persuasão que ela comunica na carga de racionalidade com que ela impregna certos fatos emotivos. Esta racionalização das paixões vêm da energia organogenética da personificação. Seus hábitos ou mecanismos adjuntos são: uns intelectuais que controlam os pensamentos como sabedoria, religiosidade, dom de conselho; outros comportamentais, que governam os atos, como o domínio de si, a coragem, a perseverança.

b) *Processos formadores* ou mecanismos da organogenética.

1 — *Assimilação intencional.* Tudo o que é recebido no psiquismo toma a figura do recipiente. O interêsse vital é que interpreta os dados vindos de fora. A mentalidade informa e conforma os elementos objetivos numa compreensão pessoal.

2 — *Fatôres individuantes.* O Eu específico é um núcleo imutável, um homem eterno que oferece as estruturas básicas e perenes da raça. O Eu individual é a periferia variável da mesma realidade, o homem hodierno com as diferenciais da arquitetônica pessoal. Na formação dêste as influências sociais, educação, exemplos, modos, atuam de modo uniformizante impingindo sentimentos, atitudes, opiniões e teorias, convenções e preconceitos. Veículo do gênio nacional, a linguagem marca a mentalidade de quem a fala com traços inconfundíveis. Além do léxico e da

gramática com seus esquemas e métodos do pensamento estereotipados vem-nos através da literatura uma impregnação cultural que plasma a chamada "Alma Coletiva". A noosfera se densifica ùltimamente pela proliferação excepcional dos instrumentos de transmissão do pensamento: imprensa, cine, rádio.

3 — *Energia espiritualizadora.* Pradines friza no prólogo de seu Tratado de Psicologia Geral que a característica do homem é pensar com lógica, sentir com estética e proceder com moral. Isto exige a hegemonia do racional sôbre o animal, ou do espiritual sôbre o psíquico. Êste predomínio não é um dado hereditário; porque cada pessoa é uma construção individual livre e fortuita.

A hegemonia da mente sôbre as emotividades é uma conquista lenta e trabalhosa que conduz à personalidade sadia e madura. Paulhan, depois de S. Paulo, chamou esta tarefa imprescindível de espiritualização. Os instintos, por exemplo, de alimentação e de reprodução recebem uma interpretação digna, nobre, moral, devido a esta espiritualização das tendências. Todo o cientista que elabora as sínteses mais vastas entra no terreno filosófico. E muitas vêzes contradizendo e relutando faz metafísica. Esta energia de espiritualização é a inteligência-intuitiva, de que já falamos, que com suas disposições noológicas representa a pré-formação do caráter.

c) *Elementos de síntese.* Componentes materiais e formais.

1 — *Constantes dinâmicas do pensamento.* Um sistema de idéias-fôrças, uma codificação de princípios morais, atitudes mentais organizadas em tôrno de deveres sociais, dogmas estruturados num credo religioso, êstes elementos todos podem plasmar uma mentalidade dinâmica. O agrupamento coeso e lógico destas energias mentais é básico na formação do caráter; cumpre porém harmonizar com êle os estratos psico-orgânicos.

2 — *Tendências instintivas da conduta.* Dinamismos emocionais que os antigos apelidavam paixão e dividiam em concupiscíveis e irascíveis são organismos inatos, para produzir determinadas ações úteis. Entre êstes automatismos afetivos destacam os modernos a sexualidade e a agressividade. Assim como os princípios morais se agrupam numa corporificação mental, também os esquemas emocionais se mobilizam em unidades mais ou menos coesas. A deficiência da integração das tendências surge dos conflitos íntimos não bem resolvidos. Transferimentos, compensações, compromissos, sublimações podem representar uma má formulação de síntese afetiva.

3 — *Sintonização estabilizante do pensamento com o sentimento.* Uma intelectualidade difusa carregada de um esquema de valores imanta os automatismos emocionais dando-lhes elevação humana, organicidade funcional comum na direção finalista do todo racional. O cultivo esmerado da estética e da ética robustece esta espiritualização das tendências psico-orgânicas. O exercício explícito das virtudes morais (ascética) complementam a ação das virtualidades criadoras (mística).

4 — *Idades*. A lei da síntese mental comporta três quadras nítidas, na sua evolução.

A 1.ª — Aquisição do material. A pesquisa científica acumula os dados; a investigação histórica inventaria os fatos; o estudo literário arrecada os elementos necessários. As noções, as idéias, as imagens da futura síntese descem em aluvião para os reservatórios da memória.

A 2.ª — Busca da forma. Todos os conceitos têm poder polarizador, atraem a si uma côrte de outros conceitos. As lembranças, em seus resíduos impressos, trabalham por se construirem, no fundo da reminiscência. Estabelecem-se correntes cônscias ou incônscias no psiquismo. É a anarquia das tendências, do pensamento, à caça de uma estrutura e de uma dominante organogenética. Os princípios e leis se formulam.

A 3.ª é a produção da síntese .A matéria imantada por um fluido espiritual e buscando a unificação total encontra afinal a forma que dá um lugar a cada coisa, traz a harmonia e a paz da mente. Resolveu-se a problemática angustiante e estabiliza-se a esquematização lógica que aquieta os esquemas formadores.

Ora, a personalidade não é outra coisa que uma síntese de idéias-fôrças, obedece na sua composição à lei e às etapas da síntese mental.

A 1.ª infância, até aos 14 anos, época aquisitiva e pesquisadora. Intensa curiosidade volta a criança para o mundo exterior e para a aprendizagem da língua. Centrada nos sentidos periféricos, vive o momento e ambiente atual com perfeita descontinuidade interior. Cada manhã, uma criação; sente-se outra, novinha, refeita dos pés à cabeça. Cada tarde, um fim do mundo, um esquecimento total. A Razão não dispõe ainda de intrumentos adequados, parece que a alma da criança está mergulhada no vegetativo. Vem o uso da razão ainda imperfeito e a assimilação inteligente das coisas e dos fatos. Na idade escolar a metodização e dialética do ensino lhe traz a cultura da comunidade, os conhecimentos bem conceituados e formulados. Aos 14 anos, o rapaz está pràticamente equipado materialmente para a vida: todos seus órgãos psíquicos maduros e em funcionamento e a bagagem de noções, que o acomodam no meio ambiente, já está adquirida. A atitude aquisitiva marca a criança com o memorismo e o egoismo. Seu pensar é ainda dirigido pelo emocional e lúdico ou mágico. A formação de seus costumes é fruto de uma imitação ou mimetismo psicológico e da imposição de fora. Moral heterônoma, mas egocêntrica porque mira as vantagens do seu cumprimento.

A 2.ª juventude, época de ebulição e tentativas de sistematização. Suficientemente maduro fisiològicamente, surgem de repente duas vitalidades novas e pujantes: intelectualidade e emotividade.

1.º) Inteligência à busca do fim e forma. O acréscimo das energias mentais produz um repentino alargar de horizonte, a ânsia de conhecer a fundo todos os seres, de pesquisar a razão de ser de tudo, de compreender as últimas causas das coisas em todos os campos. As exigências de uma mentalidade metafísica toma contato novo com o universo e a sociedade. Interêsses predominantes de ordem abstrata e cultural prendem o jovem a uma literatura de cunho filosófico. Indiferente ao útil, entusiasma-se

pelo belo e pelo bom: o homem belo e bom da pedagogia helênica o fascina. O conhecimento conceitual e abstrato desenvolve a independência intelectual, o senso crítico e as exigências de modalidade científica.

A atuação desta intelectualidade hegemônica passa por três períodos:

a — Da oposição, 12 a 14 anos. Desligamento dos que o rodeiam; mais emancipação e acinte contra pais e mestres. Impertinências e implicâncias, inclinações ao proibido, rejeição da disciplina, regulamento ou jugo. Suas finalidades concretas, suas normas e moral concretas não satisfazem, porque lhes falta a motivação nova, racional e autônoma. Só com os da mesma idade se encontram a gôsto. Só para êles há sinceridade, abertura, verdade, justiça.

O 2.º, de negação, de 14 a 17 anos. A descoberta do eu com a conquista do mundo interior produz a superestimação dos próprios valores com o combate declarado às idéias e costumes alheios. Ânsias reformatórias utópicas, rejeição do exterior, concentração em si examinando a própria confusão interna produzem com facilidade dupla vida: a interior de sonhos e idéias e a externa, a social de um desajustado ao ambiente, de um desequilibrado e desorientado.

O 3.º, de afirmação, de 17 a 20 anos. Igualação harmoniosa entre o valor próprio e o valor alheio. Compreensão e apreciação dos outros, da cultura e civilização em que vive. Mais perspicácia para conhecer-se a si mesmo, suas deficiências e imperfeições. Percebe a diferença entre querer e executar e perde a petulância e presunção interior. Seus pendores predominantes são para a ciência e a técnica, para a natureza e a arte, para a religião e a moral, para a filosofia prática ou sabedoria. Seus conceitos e juízos são mais objetivos, seu amor mais oblativo e desinteressado.

2.º) Emotividade à busca do objeto estável. Repentino e intenso despertar dos instintos com impulsos e exigências violentas, põe em jôgo o coração e o cérebro. O jovem torna-se fantasista e passional. É governado pelos sentimentos e desejos orgânicos. O amor nas suas manifestações mais humanas e concretas começa tateando no escuro, no impreciso, no implícito, no concreto. No primeiro período as amizades para com os colegas são carregadas de dedicações, ternuras e zelos, mas não duram.

No 2.º o amor espiritualiza-se: busca-se um amparo, um auxílio, uma compreensão, um ideal ou modêlo humano, um complemento da alma própria. Ama-se o amar. Despreza-se o sexual, entrega-se ao entusiasmo pela nobreza e beleza da pessoa em si.

No 3.º o amor está bem focado e maduro. Ama-se de modo complexo e rico, de modo realista oblativo e sacrifical.

A 3.ª idade da vida é a natureza. Adquiriu-se a síntese: sensação de estabilidade e ordem definitiva, de bem estar e felicidade, de capacidade e de poder.

A plenitude do acabamento de um homem funcionalmente perfeito rege o todo e as partes na unidade da estrutura. Sua mentalidade é uma

sabedoria, estalão de valores polarizado por um máximo, um absoluto, um centro universal de gravitação e cristalização.

Sua personalidade é uma prudência que sempre visa o fim último pré-estableecido para a verdade buscando com soberana indiferença os meios mais conducentes não escravizados por afeições desordenadas e centrifugantes.

Os sentimentos superiores imperam: o senso da verdade no campo da objetividade; o senso do bem e do dever, no da subjetividade; e o senso da beleza e amor na interação dos dois campos.

Crises da elaboração inconsciente

Entremeando as etapas, temos a crise de puberdade e a de madureza.

II — *Provas*

Todo ser é uno e, se tem o poder de se organizar, trabalha por realizar a unidade na pluralidade dos elementos.

A alma humana foi o princípio vital que desde os germes primitivos do embrião edificou o corpo funcionalmente perfeito.

A função organogenética do princípio que deu a vida e construiu a matéria é uma energia de síntese vegetal e biológica.

Mas, a análise detalhada dos órgãos com seu funcionamento superior exige uma alma espiritual. Êste dinamismo racional elabora também as sínteses mentais no campo intelectual e o agrupamento global no âmbito da personalidade.

As análises experimentais mostram o caminho e as leis desta síntese no terreno das idéias, da cultura, ciências e artes.

Conclusões educacionais

1 — A hegemonia da evolução obriga o educador a ir sempre um passo adiante do educando saciando uma ânsia de crescimento. Eliminará os atrasados infantis e os apegos juvenis. A morte da infância, que se faz na crise da puberdade, ainda que seja um automatismo cego nem sempre é bem concluída, porque é particularmente dolorosa. Agarrar-se desesperadamente à juventude, através da crise da madureza, impede o acabamento feliz da síntese. O orientador deve inculcar o desprendimento sadio e total.

2 — A integração se faz ao redor do eixo de cristalização que é o finalismo que se imprimiu à existência, o mestre deve inculcar o "in omnibus respice finem". De todos os sonhos do jovem devemos escolher um só para realizá-lo e esposá-lo de modo definitivo e exclusivo.

3 — A inteligência, que polarizará os instintos, deve estar equipada da jerarquia de valores, que elevará as necessidades orgânicas a uma racionalidade humana e dignificante e as organizará dando, a cada uma, função subalterna e peculiar. Êste estalão de valores em função do absoluto é o código moral.

CAP. 4.º — PERFEIÇÃO E NORMALIDADE

Fatôres psicológicos de uma personalidade sadia

Os profissionais da formação religiosa da juventude e os estudiosos da orientação educacional sentem, cada vez mais, a necessidade premente de uma codificação categórica das leis do crescimento sadio da personalidade e da técnica daí resultante.

O problema apresentado é psico-pedagógico; mas cumpre-nos prèviamente situá-lo bem e delimitá-lo com referência aos campos vizinhos do sobrenatural e da moral.

1.º — No âmbito do sobrenatural, a personalidade madura e sadia "o varão perfeito em Cristo" [1] evoluiu até sua plenitude dentro de "uma economia da graça" [2] que S. Paulo chama "anacefaleose" [3] ou lei de sintetização personológica.

Esta sistematização organogenética do ser humano é um surto construtivo que evolui, por etapas sucessivas. São elas: o tipo carnal ou infantil, o tipo psíquico ou juvenil e finalmente, no término, o espiritual ou o tipo que acabou sua estruturação. [4] Para trás da teologia mística do apóstolo encontramos um arcabouço psico-pedagógico da natureza humana em tudo conforme à filosofia perene e às conquistas experimentais e científicas mais modernas. Verifica-se, então, que no binômio natureza e graça a lei fundamental, que rege sua metafísica é: "A graça é ato da natureza e comporta-se em tudo como ato dela". Vem a ser: modalidade existencial divinisante, o dom "factus sub lege", [5] obedece às condições do efêmero, na prossecução do absoluto. A graça se sujeita a tôdas as leis do psiquismo humano, "que segundo Deus, foi criado" [6] em que é recebida. Sua função, enquanto elevante, é divinizar a natureza, sem modificar sua constituição, suas faculdades ou leis; e enquanto sanante é aumentar o dinamismo nativo da criatura para o Criador e assim melhorar e intensificar o trabalho das tendências de realizar em si "a imagem d'Aquêle que as criou". [7]

No edificar, pois, da personalidade sadia, a graça age dentro da natureza. Opera de acôrdo com suas leis, etapas e crises do crescimento. O pecado não é natural; é desordem da natureza. É um estrago psicológico. A desorientação que êle traz, colocando o "eu" como fim último, em lugar de Deus, é o mais desastroso dos desajustes e fonte de tôdas as anomalias mentais. A graça medicinal, enquanto medicinal, orienta a natureza para seu fim nativo, genuino, verdadeiro, o absoluto. Do refôrço trazido a esta teleologia divina resulta o saneamento de tôdas as nossas faculdades, sem

---

[1] Ef. IV, 13.
[2] Ef. III, 12.
[3] Ef. I, 10.
[4] I Cor. III, 2.
[5] Gal. IV, 4.
[6] Ef. IV, 24.
[7] Col. III, 18.

que a graça precise trabalhar dentro de um regime de exceções e de milagres.

Estudaremos, pois, o psiquismo humano com suas leis a que a graça se sujeita.

2.º — No campo da moral, personalidade sadia ou perfeita é a que possui, de modo cabal, as virtudes cardiais.

Quem adquiriu, num grau notável, a prudência, dispõe também de sanidade mental exímia. Com efeito, o discernimento criterioso com que o prudente sabe com eficácia organizar os meios para elevados objetivos, supõe robusto bom senso e fácil domínio do racional e consciente sôbre o emocional.

A justiça é a disposição de espírito que encontra sempre, para os múltiplos e complexos problemas da vida, aquela "solução satisfatória a todos os fatôres que não sacrifica nenhum dêles. É a solução sintética, e no fundo a única solução justa". [8] Esta capacidade eliminadora de desharmonias e conflitos, geradora da ordem e da paz não só pré-requer uma personalidade sadiamente integrada, mas o cultivo desta só atitude é de efeito psiquiátrico total, harmonizando tôdas as tendências numa organização de fundo racional.

A temperança é a disposição da mente, que governa silenciosamente o corpo; do espírito, que vivifica o material e orgânico numa sinergia feliz. Em outras palavras: é a capacidade das vivências racionais de informarem de modo humano as tendências passionais de fundo harmônico. A sanidade psíquica não consiste noutra coisa.

Diz a respeito o P. Jordan Aumann O. P.: [9] "Êste é um dos numerosos pontos, onde se encontram psiquiatria e teologia espiritual, porque as virtudes da vida cristã, em especial as virtudes morais, implicam e conservam a sanidade e o equilíbrio da personalidade. Sob êste respeito santidade e equilíbrio são têrmos correlativos".

A fortaleza nos leva a falar do psiquismo adulto. Segurança interior nascida de uma atitude profundamente objetal, oblativa e autônoma. Nem o sofrimento ou a dificuldade, nem a frustração ou o desastre lhe rompem a energia e a unidade interna. Liberação do passado com suas fraquezas e fracassos, independência do contôrno presente e doação integral às obrigações impostas por Deus: eis um perfil moral, sadio e bem formulado.

No campo moral, as quatro virtudes cardiais poderiam ser consideradas como os quatro fatôres máximos da personalidade sadia.

Mas o tema ganhará em ser ventilado dentro do campo da psicologia experimental. Procuraremos, pois, catalogar tudo que se nos ocorreu sôbre o tema, dentro dos três capítulos de Willwoll: "Tôda a personalidade sadia se sujeita à lei do tríplice primado, vem a ser do objetivo sôbre o subjetivo, do total sôbre o parcial e da evolução". [10]

---

[8] H. Baruk, *Psychiatrie Morale Experimentale* (1950), IX.
[9] Suppl. La Vie Spirituelle 15 Nov. 56, pg. 444.
[10] *Dictionnaire de la Spir.* Art Ascèse, Psychologie de la —

I — *Objetivismo*

A — Provas

a) *A priori*:

Doença psíquica é enfermidade do conhecimento.

O conhecimento sadio é o que adequa a inteligência à verdade. Para esta assimilação à coisa fora de nós, nossa mente deve ser um "intelecto passivo" capaz de maleabilidade total a êste seu objeto: só assim o reproduzirá intencionalmente, de modo cabal.

Mas o fato do conhecimento, como algo vital, endógeno, leva também o cunho da faculdade que o plasma. Na percepção normal, pois, com os dados que entram de fora, surgem de dentro por simpatia, vivências passadas, esquemas estruturadores ou interpretadores dêstes mesmos dados externos. Mas, para que o conhecimento seja sadio e verdadeiro deve herdar o perfil da coisa que representa na hegemonia do objetivo sôbre o subjetivo.

O subjetivismo exagerado está na base de tôda a anomalia mental. Os psiquiatras o apelidam "egocentrismo". Enferma o indivíduo pelo fato de alçar-se, dentro de si, como o absoluto, colocar-se como um fim em si, como centro de gravitação e de interpretação do universo.

O primeiro e fundamental fator, pois, de uma personalidade sadia é esta receptividade plena, êste objetivismo.

Assim se expressa José Nuttin: "Um dos traços principais de uma personalidade madura e bem integrada consiste numa espécie de objetivismo, isto é, um certo "desprendimento" a respeito de si mesmo, uma certa orientação para o objeto que permite ao homem de se *conformar* ao "real"; e nunca deformar os dados, em função dos mecanismos reguladores do "eu". [11]

b) *A posteriori*:

Na base mais primitiva de qualquer insanidade psíquica encontramos êste egoismo ou egolatria, atitude falsa e falsificante, êrro de estrutura que poderíamos chamar "orgulho constitucional".

Estudemos esta soberba ou insanidade. Em todo o psicopata se manifesta, à primeira vista, seu concentramento sôbre si mesmo.

1 — O Escrupuloso:

Dando uma importância descomunal aos seus menores atos, uma responsabilidade exorbitante ao próprio proceder, e um cunho de endurecimento característico no próprio modo de ver, contra o bom senso e a opinião alheia, por mais categorizada, o escrupuloso só sabe falar de si e de seus problemas que só tem um único interêsse, serem problemas dêle, em que sua pessoa é o foco.

---

[11] J. Nuttin, *Tâche, Réussite et Echec.*, Théorie de la Conduite Humaine, 1953, pg. 157.

2 — O pessimista ou o otimista:

A alienação às realidades externas, pela exagerada carga subjetiva de suas percepções supõe uma tensão íntima entre a personalidade verdadeira e outra fictícia que cada qual alimenta em si. Quando o indivíduo se divorcia daquilo que é e se esposa com aquilo que não é, mas apenas almeja ser, identificando-se com um "eu" imaginário e suposto, a personalidade, sem unidade e firmeza, fica minada de um desajuste fatal. A percepção pré-estabelecida de si é a forma e a função em que se recebem e se interpretam todos os conhecimentos. A robustez inamovível dêste esquema dinâmico é quem garante a continuidade da personalidade fenomenológica. E a sua sinceridade é a fonte de tôda a veracidade psicológica. Tanto o otimismo utópico como o pessimismo desanimado e derrotista, ao elevar ou depreciar o "eu" real, procuram pôr em evidência o "eu" ideal, com quem se identificaram. Por meios aparentemente opostos os dois trabalham por valorizar-se. [12]

3 — Desviação acusatória:

Quando não há sinceridade em aceitar o fato de uma culpa, mas se rechaça êste dado objetivo, com desculpas e camuflagens, recalques e derivações, o acontecimento insofismável permanece soterrado, em estado de trauma perturbador. O sentimento doentio, ou o complexo da culpabilidade produz a necessidade da justificativa crônica, da desculpa que sempre esconde uma insegurança de si mesmo. Como auto-defesa, para desviar a atenção do núcleo mórbido, principia o transferimento acusatório. As maledicências, as delações, as calúnias costumam ter êste móvel secreto. Os criticadores, os reformadores, os polemistas, os moralistas exacerbados se caracterizam por uma acuidade perspicaz para os erros e misérias alheias e uma cegueira impressionante das falhas próprias evidentíssimas. O P. Osaná, que assassinou o Sr. Bispo de Garanhuns, é um caso dêste. Vários apóstatas levam no perfil psicológico êstes traços, infalíveis.

Com êstes três exemplos vemos como o subjetivismo absorvente é o fundamento de tôda a anomalia no campo do conhecimento.

Conclusão: Primeiro fator psicológico da personalidade sadia é, pois, o objetivismo, atitude que nos volta para fora de nós a buscar o infinito, o absoluto, o necessário.

Lei de tôda a pessoa normal: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com tôda tua alma, com tôdas as tuas fôrças. E a teu próximo como a ti mesmo". [13]

H. Baruk, com fina perspicácia, estabelece que a melhor verificação de sanidade mental é o teste de santidade moral. Esta consciência, relativa ao julgamento do bem e do mal, que está na base de tôda a sanidade ou insanidade mental, é sustentada por duas colunas: a simpatia humana e a equidade. [14]

---

[12] Nuttin, pg. 167.
[13] Lc. X, 27.
[14] Baruk ib. 25.

O sentimento de humanidade que acata, estima, reverencia os direitos alheios, com justiça e caridade verdadeira, é o fator primordial que "confere à personalidade humana seu caráter específico e, conforme fôr seguido ou rejeitado, dará aos indivíduos e às sociedades a paz ou a luta moral". [15]

A disposição do espírito que quer dar "a cada qual o seu", que julga a todos os homens em pé de igualdade perante a lei e aceita todos os direitos decorrentes da dignidade da pessoa em si, é a equidade.

Êstes dois elementos, segundo Baruk, são as travas mestras da honestidade moral e da saúde psíquica.

S. Tomás afirma o mesmo fato: "Perfectio vitae christianae in caritate consistit". [16] Esta mesma caridade é a forma e a geradora de tôdas as demais virtudes. [17] Voltada para fora de si, numa oscilação dinâmica e vivaz, flexível, maleável, adaptável às coisas e às pessoas, a alma sadia vibra emocionalmente com a natureza, com o belo e com o bom dos seres que Deus fêz bem feitos, numa plena receptividade.

A rigidez, o rigor formalístico, a inconformidade farisáica, a dureza e rispidez são sintomas de imutabilidade cadavérica.

S. João Crisóstomo, na explicação das Regras monacais, aponta os sinais de uma autêntica vocação: simplicidade, benevolência e senso de humor. A "hilaritas" ou facilidade em rir é uma propriedade que dimana da capacidade de raciocinar com acêrto, que é o característico específico da natureza humana. "Risibilitas" ou humor é a faculdade de perceber elementos em desacôrdo e corrigi-los mentalmente, com a serenidade e a robustez da lógica. A falta de humor é péssimo diagnóstico em psiquiatria; a versatibilidade radiosa é saúde e vida.

Interessaria talvez copiar dos manuais de Psiquiatria a

B — Sintomatologia dos egocêntricos. [18] Vejamos resumidamente os três tipos, que mais comumente buscam direção espiritual.

1 — Os inadaptáveis:

Possuem um fundo de insensibilidade inumana, que pode raiar ao embotamento da crueldade. Nada elogiam, tudo vituperam e condenam. Perenemente inconformados com as idéias e costumes do grupo em que vivem, rejeitam as peias dos regulamentos e da disciplina. Vivendo de ressentimentos crônicos, alimentam em si o gênio da revolta, criticadores, reclamadores, discutidores, seu íntimo é seminário de rixas e querelas. Inconversáveis e cabeçudos, não se dobram às pessoas e às coisas, reservados e retraidos.

2 — Os ostentativos:

São os tipos teatrais da histeria, onde a máscara comeu o homem. Tudo que entra, nestes psiquismos, se transforma em representação para

---

[15] Ib., pg. 10.
[16] S. Thom. II, IIae. q. 184 a 1.
[18] Cfr. *Compêndio de Psiquiatria*, do Dr. José Alves Garcia, pgs. 406 e seguintes.

a platéia que o cerca. Para chamar a atenção sôbre si, entregam-se a excentricidades e esquisitices, inovações e atos espantosos. O combate dos superiores das casas religiosas contra estas singularidades mostra que o tratamento tido por mais eficaz pela experiência é a repreensão enérgica. Dando corda ao comediante, seu repertório se prolonga indefinidamente.

3 — Os inseguros:

Irrequietos e instáveis, não sentem firmeza psíquica, vivem uma ficção, insinceros consigo e fingidos. Renegaram do eu que são. Representam uma personalidade que não é a sua.

Um regime de auto-defesa os obriga a continuas justificativas. Sentem-se acusados e perseguidos e reagem passionalmente, gabando suas benemerências.

Daí, passam às acusações sistemáticas dos outros. A mania persecutória os faz ver inimigos e ataques em tôda a parte.

É digno de maior reparo o paranóico, que com um exterior impecável exibindo edificação nas palavras e ações são caturros justificadores, mas não são justos. Juntam à alta estima de si, o profundo desprêzo de todos os mais. Condenam pessoas, instituições dentro de um idealismo utópico do "eu" com que se identificaram.

C — Conselhos paulinos.

a) *Sintonia*: "Numa sintonia de almas (σύμψυχοι) e simpatia de afetos (τὸ ἓν φρονοῦντες) evitem tôda a contenda (cfr. et noli contendere verbis), tôda petulância e presunção; mas com verdadeira humildade, julgando os outros superiores dêm-lhes sensação de importância (Ro X 12) buscando não o interêsse ou modo de ver próprio; mas o alheio [19]

Esta profunda adaptabilidade de se fazer a todos, [20] enfêrmo com o enfêrmo, [21] alegre com o alegre e triste com o triste, [22] supõe aquêle "esvaziar-se" do Verbo Eterno pelo fato de ter-se feito criatura. [23]

b) *Benignidade*: "Quando alguém incorrer em falta, vós os espirituais, reencaminhai-o num espírito de doçura" e "toma cuidado de ti: tu também podes ser tentado". "Levai os fardos uns aos outros assim observareis a lei de Cristo".

Crer-se alguma coisa quando se é nada é abusar de si mesmo". [24]

c) *Caridade*: "A caridade é magnânima, é compreensiva; não é invejosa e fanfarrona; nada faz de inconveniente, não busca o próprio interêsse; não se irrita, não guarda rancor; não goza com o espetáculo

[19] Fil. II, 2-4.
[20] I Cor IX, 22.
[21] I Cor IX, 22
[22] Rom. XII, 15.
[23] Fil. II.
[24] Gal. IV, 1-4.

da injustiça; mas se regozija com o triunfo da verdade. Tudo escusa; tudo crê; tudo espera; tudo sporta". [25]

II — *Equilíbrio*

O segundo fator psicológico da personalidade sadia é o equilíbrio. A saúde da alma exige que tôdas suas múltiplas faculdades e hábitos estejam bem integrados num conjunto harmonioso e uno. O primado do todo sôbre as partes é uma formulação feliz em que cada parcela desempenha seu papel em função do bem comum da organização viva e dinâmica. Em várias oportunidades S. Paulo fala da anacefalose, esta lei de todos os membros de um só corpo. [26]

A — Esta lei podemos desdobrá-la em três tarefas:

1 — *Presença dos complementares*

Qualquer tendência exagerada perturba o trabalho silencioso do funcionamento normal de uma maquinária bem montada. As virtudes morais estão num certo meio têrmo. Tôdas elas têm as suas opostas ou complementares. Nem a avareza, nem a prodigalidade; mas a munificência. Nem a gaiatice, nem a casmurrice; mas a eutrapelia. Nem a libertinagem, nem a opressão, mas a liberdade. Esta disposição de espírito que elimina as exorbitâncias de qualquer boa qualidade é a presença no psiquismo das virtualidades opostas, que controlam suas complementares. A moderação governa tôdas as virtudes morais conservando-as dentro de suas funções próprias e sujeitas à finalidade última do todo humano. A moderação traz consigo um resplendor de racionalidade que marca inconfundìvelmente o homem equilibrado.

2 — *Integração das tendências novas*

Pelo decorrer da vida, em sucessivas etapas, tendências novas aparecem. Cumpre encará-las com coragem e objetividade, compreendê-las com finura e sinceridade, incorporá-la ao todo humano no seu justo e genuino sentido. Por exemplo, no alvorecer da primeira juventude, quando vem a puberdade explodem as paixões com energia, às vêzes com furor. Faz-se mister integralizá-las na síntese racional. O irascível e o concupiscível ou como preferem chamar os modernos a sexualidade e a agressividade se impõem ao rapaz, quebrando o equilíbrio pacífico de sua estrutura de menino. Urge restabelecer a ordem interna perturbada. Para alcançar a tranquilidade e a paz é imprescindível colocar cada coisa no seu lugar, dar a cada energia nova que desperta a sua oportunidade de agir na corporização humana das faculdades. Apontar às virtualidades disparatadas do "eu" a função subalterna de cada uma, sob a égide da razão, que tende ao fim da personalidade, enquanto tal.

---

[25] I Cor. XIII, 4-7.
[26] Ef. I, 10.

Quanto à sexualidade, o indivíduo deve, no momento oportuno, compreender, dentro do plano racional, humano, nobilíssimo, o objetivo ou a função digníssima do instinto divino da procriação. O pedagogo retificará desvios de iniciadores perversos ou desastrados que, aviltando uma tendência, aviltam tôda uma personalidade. Difìcilmente um tipo será sadio se esta tendência não se integrou dentro da harmonia e beleza do ser humano.

Quanto à agressividade, também, quanta iniciação perversa, odienta, exacerbada! Se a tarefa racional da ira, dentro do composto humano, não fôr apreciada na sua missão exata e autêntica, teremos os irritáveis, os rabujentos, os ressentidos crônicos, que descobrem opugnadores, contendores em tôda a parte; que reagem com fúrias desproporcionadas aos estímulos. Problema superior à educação da sexualidade e da agressividade é a educação do amor no que êle tem de desinterêsse e doação gratuita, no que êle tem de humano e divino, pois o amor como tendência ao fim último representa a alma da criação da personalidade. O tipo que não ama é fatalmente monstruoso.

3 — *Assimilação das vivências*

Os fatos, os acontecimentos que vivemos podem ser assimilados de modo vital e construtivo e também podem cristalizar-se de modo anacrônico e rijo. Os dados dolorosos, humilhações, fracassos devem ser aceitos como tarefa ainda não acabada e como núcleo dinâmico de novas experiências construtivas. É esta uma característica do homem normal.[27]

A não aceitação de um ato próprio vergonhoso representa um recalque insincero. Êste ato carregado de emotividade produzirá traumas do fundo da alma onde se escondeu.

O tipo recalcado e cheio de complexos desenvolve uma vida espiritual povoada de ilusões e contrafações. Cumpre analisar com discernimento tôdas as atitudes e hábitos para que não se esconda sob a capa da virtude uma anomalia psíquica. Por exemplo: o voto de castidade é a consagração de uma sexualidade bem focada e adulta e não a estabilização de uma frustração e o mêdo angustioso do outro sexo.

O voto de obediência é a submissão libérrima de uma personalidade bem integrada ao representante da autoridade divina e não uma demissão motivada pela necessidade infantil de apoio fraternal com a fuga de tôda responsabilidade.

A caridade é uma doação desinteressada e sacrifical a serviço das almas e não uma secreta busca de si mesmo através das vantagens que possam advir da própria dedicação.

A terapêutica dos quistos encravados no psiquismo supõe uma ascese austera. A confissão, ou conta de consciência geral da vida, deve ser utilizada no sentido de esmiuçar, digamos assim, os pecados que maìs impressão desastrada fizeram, compreendê-los não de modo subjetivo e infantil como outrora, mas na sua realidade autêntica. Só assim serão

[27] Nuttin o.c., pg. 159.

reassimilados desfazendo-se aquêles mecanismos anacrônicos que travaram ou desviaram o crescimento normal. A lealdade consigo que traz o senso da verdade é a que de fato produz a liberação. [28]

B — *Sintomatologia dos desequilibrados* [29]

1 — Descontrôle, por ausência de virtudes opostas. Exageros, fanatismos, excitabilidade desmedida em certas zonas psíquicas. Hipertensão emocional, exacerbação de determinadas paixões indóceis ao govêrno da razão e às normas do bom senso. Domínio do inconsciente sôbre a vida consciente, da exaltação sôbre as realidades objetivas.

2 — Artificialismo no trato. Nota-se logo uma máscara que esconde algo. Paira na conversa a insinceridade, a duplicidade, o cálculo, a complicação, a afetação, o maneirismo, a verborragia rebuscada.

3 — Reação equívoca. Uma repercussão inadequada a um estímulo é um ato perturbado que acusa um entrechoque ou impasse com uma trava secreta. Êste impecilho no trajeto estímulo-reação pode prejudicar tôda a sanidade mental, falsear os juízos, desviar as afetividades e construir mal e deficientemente a personalidade.

III — *Madureza*

A— A evolução psíquica:

O terceiro primado que rege o psiquismo sadio é o da evolução: "todo sujeito normal conquista as etapas sucessivas de crescimento interno da consciência pessoal".

A adolescência é "a anarquia das tendências"; a maturidade é a hierarquia articulada dos elementos solidários.

O fragmentarismo isolacionista das parcelas centrifugantes cede lugar à integração orgânica da síntese mental clara, harmoniosa e rica. O adulto dá a impressão de maquinária bem centrada e definitivamente estruturada. Tôda a doença psicológica é um retardamento na evolução; é uma volta a um estágio ultrapassado da integração dos substratos psíquicos na unidade da pessoa humana.

A saúde é uma ascenção organogenética em que os valores especìficamente antropológicos estruturam os elementos afetivo-instintivos de raízes endócrinas na totalização de uma síntese dinâmica. A insanidade é a desarticulação desta sinergia psicossomática de um ser em plena ordem e perfeito funcionamento.

Posta a definição, venhamos à lei fundamental da formação da personalidade:

"A personificação se produz em virtude de lei de síntese mental que tenta reduzir as idéias-fôrças à unidade de estrutura".

---

[28] Gal. IV, 31.

[29] Cfr. por exemplo: Roland Dabliez, *La Méthode Psych. et la Doctrine Freudienne*, T. I.

Esta tendência primitiva e fundamental da auto-realização é a hegemonia gestáltica do todo sôbre as partes que tem sua origem no domínio vital do espírito sôbre a matéria. Podemos chamá-la, em metafísica, natureza, "primeiro e substancial fator de movimento e mutação para determinados objetivos pré-estabelecidos" ou, em psicologia, finalismo endógeno que plasma a estrutura típica do espírito e marca o feitio da personalidade. Como provas aí estão, por exemplo, os tipos de Spranger.

Seguindo a evolução da personalidade, a lei das sínteses mentais tem, como elas, três etapas nítidas:

1.ª — A conquista do material: a criança.
2.ª — A procura da forma: o jovem.
3.ª — A realização da síntese matéria e forma: o adulto.

1.ª — Na meninice, devido à avidez da busca do material externo, o psiquismo está centrado nos sentidos periféricos, o indivíduo é, então, segundo S. Paulo, somático ou carnal.
2.ª — Na juventude, devido à escolha do fim e da forma, o psiquismo está centrado nas faculdades cognoscitivas e apetitivas orgânicas: é o tipo paulino psíquico ou animal.
3.ª — Na maturidade, devido ao acabamento da síntese, a pessoa é pneumática ou espiritual.

Os valores, na primeira época são materiais, na segunda emocionais, na terceira transcendentais.

B — *Constitutivos da maturidade*

O fator máximo que constrói a personalidade e estabelece a maturidade, que não é outra coisa que o homem na sua plenitude e acabamento, é a sua diferença específica, a racionalidade, que faz o indivíduo pensar com lógica, sentir com estética e agir com moral. A inteligência no 3.º grau de abstração, que alarga os horizontes ao infinito, que não se emaranha nas aparências, mas percebe as essências metafísicas dos seres, que dita um dever de bens objetivos e absolutos, esta inteligência, com seu poder de relacionar uno e múltiplo, é virtualmente sintética e estruturadora, que polariza as idéias tôdas num sistema planetário, em função de um necessário que é a mentalidade bem formada, o esquema de valores humanos ordenado e estável.

Esta visão profunda das coisas acarreta o desvanecimento das ilusões e sonhos e a quebra dos ídolos e dos mitos eliminando-se a direção mágica e emotiva do pensamento. Isto traz consigo a crítica, por vêzes exacerbada, da cultura e educação recebida na família e na escola.

A plenitude do uso da razão é uma robustez de autonomia. Daí, três independências características do adulto.

1 — Do passado. O que chegou a ser maior liquidou definitivamente seus problemas infantis. Frustrações, ressentimentos, pirraças, injustiças, exigiam, outrora, reparação e vingança. O anormal traz sempre consigo êste balanço passivo da vida, exigindo um perene ajustar de contas. O normal suplantou êstes estados primitivos, perdoou

largamente o passado, desprendeu-se de tudo para seguir adiante. É independente do passado.

2 — Do contôrno. A infância narcísica e egocêntrica recebe passivamente dos parentes e amigos a alimentação, o vestido, os brinquedos, os afagos. A maturidade é o impulso endógeno, a iniciativa autônoma de se construir por si, de se sustentar por si, de se bastar a si mesmo. O agarramento nostálgico à atmosfera afetiva de facilitações e sobrevivências é uma trava que impede a evolução. O adulto rompe as cadeias das relações infantis: é independente do contôrno.

3 — De si mesmo. As energias emocionais da criança estão voltadas para si: ama para ser amada; sua moral é heterônoma e relativa às vantagens que lhe traz o cumprimento dela. A ética adulta é função de um absoluto percebido pela razão; é, pois, desinteressada, como o amor do varão perfeito. Êste ama o outro; quer o bem da pessoa amada, gratuitamente. Esta atitude oblativa e sacrifical é característica da maturidade. Quem se realizou em plenitude se projeta para fora numa prolongação de si, familiar ou profissional. O adulto supera-se; é independente de si mesmo.

Esta independência tríplice é o apanágio da liberdade. E a liberdade é o arcabouço da personalidade que se define "rationalis naturae individua substantia". A incomunicabilidade de quem possui existência própria, exclusiva, "subsistens distinctum", começa a atuar pelo apetite racional, a vontade, que busca o bem absoluto, e isto dá ao indivíduo uma distinção sobranceira e aristocrática. Criar uma personalidade é educar uma liberdade. Isto é ensinar a vontade a aderir com tôdas as fôrças ao fim último, e manter-se indiferente ante os meios não necessàriamente ligados aos objetivos necessários. Saber, poder e querer eleger com autonomia, nas circunstâncias mais variadas, eis o esplendor da liberdade. Isto representa o desprendimento soberano de todo o acessório, a superação de todo o apêgo ao transitório e adesão ao eterno, ao essencial, ao absoluto.

A visão sapiencial do mundo, visão orgânica e divina do homem e do universo é a projeção do próprio eu construído e acabado no anteparo da mente objetivista e realista. Mentalidade coesa é um sistema planetário em perfeita e silenciosa gravitação universal. Eis a sabedoria, marca do homem maduro, do "vir perfectus" de S. Paulo.

A unificação psíquica se faz por esta mentalidade, isto é, a inteligência informada de um esquema de valores transcendentais polariza as faculdades inferiores com uma intelectualidade difusa que os eleva e unifica.

É assim que o senso interno se transforma em senso estético, em senso moral, em senso místico, em bom senso.

A fantasia unificada e estável é a imaginação criadora, que produz a concepção original e viva, harmoniosa e equilibrada dos problemas.

A memória se organiza numa reminiscência inteligente e pessoal.

E a estimativa, o regime dos instintos, de si disparatados e independentes, se submete ao govêrno político e eficiente da razão e se converte na cogitativa em tudo manejada pelo fluido espiritual que a informa.

Eis que coisa é a maturidade humana.

Para sermos práticos, vejamos também, resumidamente, os sinais do indivíduo que não atingiu a síntese harmoniosa do seu ser:

C — *Sintomatologia dos imaturos* [30]

1.º — Infantilismo: estabilização crônica dos esquemas infantis.

a) Benigno: sobrevivência do pai no superior; da mãe em alguma amiga; do ambiente narcísico;

b) Agudo: sobrevivência da mitomania e pseudologia fantástica do histérico; das competições e intrigas, ressentimentos e pirraças da criança.

2.º Juvenismo: fechamento dentro das fórmulas provisórias da mocidade.

a) Senso exacerbado e crônico da crítica;

b) Visão unilateral e passional do mundo, devido à anarquia das paixões;

c) Autonomia subjetivista e irritável, sempre em atitude de defesa;

d) Crise do eu frustrado, inacabado, inseguro, insincero.

3.º — Senilidade: é a reversão para atitudes prévias à madureza.

a) Falta de maleabilidade cognoscitiva, fechamento às coisas novas;

b) Interpretação ultrapassada e subjetivista;

c) Rabujice combativa contra os moços.

Concluindo

Depois de conhecer bem os fatôres de normalidade no ser e no evoluir da personalidade, cumpre ao educador ajudar o educando no sentido do objetivismo, do equilíbrio e da madureza.

A posição do diretor espiritual é levar o educando à plenitude humana, obrigando-o a desprender-se satisfatòriamente das etapas provisórias. Logo:

1 — Liquidar definitivamente os atrasados infantis, desvencilhar-se de fórmulas anacrônicas de narcisismo, que quer continuar o centro da atenção e adoração do contôrno buscando pai e mãe nas pessoas que o cercam.

2 — Superar decidida e generosamente a juventude com sua crítica doentia, censuras e queixas. A ânsia exacerbada de independência e autonomia, com a petulância e presunção de querer remodelar tudo dentro do esquema unilateral e estreito da mocidade, deve ser sanada e orientada para a auto-formação e auto-superação. Quero dizer: o diretor espiritual não deve ser cúmplice das qualidades transitórias da 2.ª quadra, fatalmente desequilibrada e emocional,

[30] Cfr.: Hauptmann, *Tratado de las enfermedades del Sistema Nervioso*, Labor 1932, pg. 751.

agitada e vibrátil, mas conquistando a confiança pela sua dedicação e estima, pela sua competência e discreção, obrigar com mão firme e doce o jovem a ultrapassar a juventude e atingir a prudência do varão perfeito, que tem dos problemas da vida uma visão ampla e orgânica.

Com isto teremos cumprido nossa missão de educadores desenvolvendo os três fatôres psicológicos de uma personalidade sadia: o objetivismo, o equilíbrio e a madureza.

CAP. 5.º — EDUCABILIDADE

A — *Fundamentos*

O animal vem predeterminado pelos automatismos hereditários, que o ligam à espécie; tem assim a trajetória fixa pela natureza; não há nele opção ou escolha para um tipo diferenciado de proceder ou de realização própria: o animal não é um ser educável.

O homem, ao invés, possui faculdades que o tornam capaz de espontaneidade criadora e formação diferencial; pode dar à vida um movimento inteligente e selectivo; determina, por si só, seu roteiro, os próprios atos e a própria construção: seus costumes são educáveis.

Costumes humanos se dizem "etos", "mos". A ciência que trata dêles se chama ética, moral. A faculdade que percebe estas modalidades, senso moral. Estudemos êste fator interno de educabilidade e suas raízes e constituição.

1.º — Moralidade.

Esta percepção humana discriminativa do bem e do mal, que restaura o perfil humano na sua nobreza e dignidade nativa, era o objetivo da educação grega. Mas os pedagogos helenos não separavam o elemento ético do elemento estético. O conteúdo normativo da sua paideia vinha vasado em moldes de uma surpreendente beleza.

1 — Os filósofos. Os moralistas estoicos ou hedonistas, com seus catálogos de virtudes e vícios, pregando um exemplar abstrato de homem de bem ou de vida feliz, exerciam o mister próprio de educadores; mas não eram êles os mestres por excelência.

Aristóteles ergueu um arcabouço imortal, lògicamente coeso e pràticamente completo da moralidade humana; mas não foi êle o plasmador do homem grego.

Mesmo Platão, com a energia encantadora do seu estilo, com a elevação de seu humanismo forjado na cultura da verdade e dos valores eternos, não foi o que maior influência exerceu no povo.

Diz Werner Jaeger, na sua Paideia: "os valores superiores não se tornam para os homens impressões de valor permanente e de eficácia sugestiva senão enquanto eternizados na arte. A arte tem uma ilimitada capacidade de comunicação espiritual de psicagogia, como diziam os

gregos. Sòmente ela possui, a um tempo, aquela universalidade e aquela evidência vital, imediata que são as duas condições mais importantes de eficácia educativa" (Firenze, I, pág. 89).

As energias ético-estéticas do homem evoluem na psicagogia helênica para a caloscagatia. Êste dinamismo específico e superior é o que é educável no homem. Mas, justamente porque humano, inclui um binômio, espiritualidade e vitalidade, perspectivas filosóficas e emotividade criadora.

2 — Os poetas. A filosofia da beleza equipa a alma do poeta de perspectivas de ordem e harmonia, de proporção, acabamento, luz, facultando-lhe uma visão, da natureza de cada ser e do universo em conjunto, orgânica e graciosa, antropocêntrica e antropoplástica.

O pensamento artístico e ideoplástico, o gôsto literário e o senso ritmico e harmonizante impregna as faculdades perceptivas e expressivas de uma espontaneidade radiante que ilumina tôda a relatividade contingente e existencial ao fulgor do absoluto e metafísico e faz ressoar os indivíduos e os particulares a unissono com a orquestração das leis eternas e imutáveis que regem o ser.

Esta emotividade pujante, dirigida e informada da energia espiritual ético-estética, é o sistema mais humano e eficaz de forjar homens.

Diz Jaeger: "Educativa no sentido pleno não pode ser senão a poesia cujas raízes penetram nos estratos profundos do ser humano, na qual viva um *ethos*, um surto superior de espírito, uma imagem de homem que congregue e vincule todos os homens" (Paideia I 88).

Educar é fazer o discípulo assimilar uma cultura. "Cultura não é outra coisa que a fisionomia progressivamente espiritualizada da aristocracia de uma nação" (ib. 29).

3 — Homero. Platão chamou Homero "educador de tôda a Grécia" (Repub.). Jaeger o apelida "mestre da Humanidade inteira (Ib. I 92). "Primeiro e máximo criador e plasmador da humanidade grega" (Ib. I 92). Não há verdadeira cultura sem Homero. A poderosa organização ética de suas epopéias descreve os tipos humanos mais empolgantemente humanos. A tragicidade do destino do homem, majestosamente doloroso, projeção culpa-castigo, que é carregada com virtude eróica e magnânima, é uma figura e um exemplar a quem por simpatia incontida aderem logo cabeça e coração. A vida concebida como uma missão nobilíssima, uma mensagem cheia de sentido transcendental, adquire uma elevação e uma atração que arrebata os leitores.

Suas personagens, recolhidas das lendas pátrias, caracterizadas com enérgica expressão de heroismo e de grandeza, vivem, numa profunda sintonia com a divindade, a trajetória, talvez catastrófica, para uma meta altaneira, digna de todo o sacrifício.

O Herói típico de Homero é a realização exuberante da própria humanidade dentro da "areté", isto é, em subordinação à lei do dever árduo e sublime. É assim que se alcança a grandeza da alma, a megalopsiquia que tem por lema: "Ser sempre o melhor e manter-se superior aos outros" (Ib. VI 208).

Sente-se em cada combatente a elevadíssima meta sempre operante na alma do herói que é a razão de ser de uma realização pessoal, rigorosa e unificada.

Conjugando harmoniosamente o *pathos* com o *ethos*, a riquíssima escala de valores com um Destino absoluto e divino, o homem homérico é uma figura normativa e eletrizante. Seus deuses estão profunda e irremediàvelmente humanizados. E os arcabouços humanos que êle delineia com mão firme e genial estão estruturados divinamente por um finalismo onipresente e onisciente que tudo explica, tudo domina e governa, edificação de um tipo superior de humanidade. Compostos teândricos, seus modelos são filhos de Deuses num combate tenaz e heróico contra as adversidades tràgicamente dolorosas da contingência do efêmero em prossecução de uma meta superior e divina.

2.º — Intelectualidade.

1 — A teorética. A faculdade mais educável, a fonte de tôda a maleabilidade e plasticidade do caráter humano é, sem dúvida, a inteligência. A mente que nos distingue e separa dos brutos, pelo poder que tem de conhecer a essência das coisas, de produzir a abstração universalizante, de ponderar os contrários e os contraditórios dos seres e a variabilidade relativa dos meios em função da fixidez do fim, é a raiz de todo o progresso e de tôda a eventual modelagem ativa ou evolutiva.

Êste "Bios Teoréticos" tinha a hegemonia inconteste da educação na Grécia.

A moral e a arte iam buscar na metafísica do pensamento filosófico suas normas e suas leis.

O "Bios Practicos" e o "Bios Polyticos" eram subestimados e subalternados na cultura helênica, que dava à ciência das últimas coisas o govêrno e o arranjo estrutural de todo o resto.

A alma do senso artístico e do senso moral é a intuição metafísica das formas eternas encarnadas na fragilidade fugidia do existencial. A imaginação é uma maquinária sem energia enquanto não fôr invadida pela inteligência, que a faz criadora.

2 — Arquitetônica.

Werner Jaeger, no seu "Aristóteles", diz: "O filósofo ocupa o mais alto grau da atividade criadora; é êle o "arquiteto" do mundo do espírito e da sociedade" (México, pág. 502).

A faculdade espiritual, contemplativa e teorizante, é a pré-formação mental e a produtora da ideologia cultural que forja a personalidade. A energia lógica do pensamento, de posse da meta suprema das aspirações humanas, hierarquiza o mundo moral, penetrando-o e colorindo-o de uma visão metafísica das finalidades absolutas.

O pensamento metafísico com o arcabouço de suas leis é a arte arquitetônica que plasma o espírito, numa típica estrutura de valores, e através dela, a personalidade e a atividade, com sua conduta coerente.

3 — A Teonômica.

A robusta e gigantesca síntese metafísica do filósofo termina numa ponta de pirâmide, o ato puro, motor imóvel do Universo, Deus, razão suficiente de tôda ordem ontológica, ética e estética (Met. XII, 6, 7 e 9).

"A razão moral é, em parte, o conhecimento de um valor objetivo e em parte a aplicação dêste conhecimento à conduta humana, o imperativo moral. Ora o valor absoluto ou o bem supremo de que a razão se apodera assim é Deus" (Jaeger, Aristóteles, págs. 278-279).

E pouco antes (pág. 275): "Por Phrónesis entende a ética eudemia, como Platão e o Protréptico, a faculdade filosófica que se apodera do sumo valor, Deus, na contemplação transcendental e faz desta contemplação o ideal da vontade e da ação; a Phrónesis é, ao mesmo tempo, conhecimento teorético do ser supersensível e prudência moral prática" (ib. 275).

Na Ética a Eudemo, o filósofo afirma: "os bens naturais da vida sòmente são bens morais para o homem na medida em que o ajudam a conhecer e servir a Deus" (Ib. 481).

Sôbre o assunto é bom ler na Ética a Eudemo o capítulo 8, do livro I sôbre o bem supremo e no livro VII cap. 15, em que termina sua moral eudêmica com o hino à beleza moral.

3.º — Religiosidade.

1 — *Finalismo Divino.* A religiosidade, ou o senso do divino, é uma didática tendencial, ou arquitetônica da pessoa humana; é um finalismo, função do absoluto que assimila a condicionalidade do relativo na construção de um tipo genuino e sadio.

Duas componentes do movimento evolutivo: o essencial teleoplástico e o existencial ou mesoplástico.

Em outras palavras, de um lado as determinantes da própria essência que marcam o determinismo que a fixa com respeito ao fim último; e do outro, os planos livres dentro do indeterminismo dos meios utilizáveis.

Ante o fim, impõe-se o absoluto; ante o meio, apresenta-se o relativo.

A autenticidade do tipo tem como traves mestras a intransigência fixista com respeito ao fim e a indiferença maleável com respeito aos meios. Tôda a insanidade ou imoralidade consiste na absolutização dos valores relativos, fixação ou culpa; ou na relativização dos valores absolutos, que é a rejeição da religião, da moral ou de qualquer normativa.

Tôda a orientação educacional ou propedêutica psicológica deverá levar o educando às vivências verdadeiras ou às verdades vividas, realizando a verdade eterna, na caridade temporal. Produzir uma síntese existencial que seja a projeção da própria síntese essencial, para não se mentir a si mesmo.

Construir, em arcabouço, as tendências individuais para dentro da objetiva ordem hierárquica de valores, para não mentir ao universo.

Igor A. Caruso, no seu "Análisis Psíquico y Síntesis Existencial" (Barcelona, 1958, pág. 121) diz magistralmente: "A neurose é o que

é por sua inconformidade com a própria absolutização de valores relativos.

Em seu aspecto negativo, a neurose se proibe a si mesma como uma mentira vital metafísica.

E no seu aspecto positivo representa um intento de desmascarar essa mentira vital para restabelecer a ortodoxia vital, isto é, a devida relação com a hierarquia de valores.

A neurose carece simplesmente de finalidade e de sentido, se não é a um tempo fugida e nostalgia do absoluto".

Posta esta profunda verificação dos fatos psicopatológicos, segue-se a técnica para o orientador educacional: "Admitido, pois, que se deve guardar o mais possível de pregações teóricas, imposições dogmáticas e racionamentos apodíticos. Digamos também que seria uma inconsequência funesta o fazer alto ante os valores supremos, os que por essência têm que ocupar uma posição central. E se se reconhece, como o reconheceram vários psicoterapeutas modernos, que tôda a neurose é um problema espiritual; se se reconhece também que êste problema espiritual está em que se apostatou do absoluto: então lògicamente deve-se afirmar que a tarefa pedagógica de psicoterapia, como em geral de tôda a pedagogia, só se pode resolver sob os pontos de vista religiosos. Não é, pois, uma causalidade que durante milênios a psicoterapia estivesse em mãos de sacerdotes" (Ib. 147).

A hierarquia objetiva de valores estabelece um ponto fixo, necessário, absoluto, o fim último, o criador; e, girando ao redor dêste foco de atração geral, as criaturas, sociedade e mundo, como meios para o serviço de Deus.

O que há de mais genuino e verdadeiro no homem é seu finalismo divino, o psicagogo não pode estar indiferente ante êste absoluto, neutral ante esta determinante organogenética. O tipo errado surge de uma heresia vital; a cura se faz por uma orientação sadia para a ortodoxia vital.

Quem apostata do absoluto, absolutiza a si mesmo. Quem rejeita a Deus, endeusa o próprio eu. Daí o egocentrismo, fulcro de tôda a anomalia mental. Soberba, petulância, egoismo doentio são colorantes de tôda vida psíquica anormal.

"A absolutização dos próprios critérios sensitivo-emotivos na neurose representa uma arrogância que, ainda que quase sempre oculta, não é difícil de comprovar. De fato, trata-se de substituir, com a hipertrofia do próprio, uma ordem sentida como transcendental. O reprimido que realmente existe não se quer advertir. No entanto, a instância própria reprimida se reconhece e não como condicionada e relativa. A consciência moral — a voz da tendência — não se cala por isso, mas não se faz caso dela" (Ib. 70). A despretensão e o desinterêsse, o bom senso ou a humildade, a alta estima dos outros e a atitude compreensiva e serviçal marcam o tipo heterocêntrico, teolátrico.

"No fundo da dinâmica neurótica estão, como fatôres energéticos, os setores afetivos vivenciais do "esfôrço de valer", da "ânsia de possuir" e do "impulso sexual". Talvez esta tríade causará estranheza e ceticismo.

Verifique-se talvez uma indicação surpreendente em abono de sua exatidão: os três votos do monacato são precisamente: "pobreza, castidade e obediência" (Harold Schultz Henche apud Caruso, pág. 145).

Concluindo com W. Daim: "temos que eleger entre o absurdo da vida psíquica ou a demonstração psicológica da existência de Deus. A religiosidade se impõe como finalismo personoplástico e como esquema antecipador organogenético."

2 — Arquétipo divino.

Na complexa morfologia psíquica, as imagens estruturais de valores objetivos irradiam uma polarização evocativa, interpretativa e construtiva do tipo humano organizando as capacidades perspectivas e funcionais: é o arquétipo de que fala Jung. O arquétipo divino é, segundo êle, "o arquétipo central e o mais importante de todos" (apud Caruso, pág. 120). Temos o "Homo ethnicus", de Hitler, o "Homo economicus", de Marx, o "Homo libidinosus", de Freud, o "Homo socialis", de Rouseau e outros, hipertrofias do parcial, hegemonias do subalterno, mutilação da criatura que adorou a si mesma. O "Homo religiosus" é a realização do apêlo metafísico de seu ser, a obediência à dominante genética mais primitiva e mais constante de sua evolução. O "Vir Dei" é o pleno desenvolvimento desta tendência hegemônica que tudo sintetiza ao redor de Deus. Neste tipo, "Deus é tudo em tôdas as coisas", tôdas suas faculdades evoluíram sob a égide de Deus que nele organiza uma plenitude divina.

Na filosofia estóica aparece esta fórmula divina de realização humana. Onde, Deus sendo um é tôdas as coisas, e sendo tôdas as coisas, é um, não pela pluralidade da multidão, mas pela unificação da plenitude, sendo Êle a última razão de ser de tôdas as coisas em todos os campos (apud Gnosis de D. Jacques Dupon O. S. B., pág. 454).

Os arquétipos de Homero tinham na mente tôda a elevação moral da divindade e nas vivências psíquicas todo o realismo passional da humanidade.

3 — Vivências divinas. Dar um sentido divino a todo o humano é o trabalho orgânico e unificador da teleologia da essência. Mostrar à agressividade seu objetivo subalternado, apontar à sexualidade sua meta subserviente do todo racional, eis a espiritualização cultural especìficamente humana.

Há uma forma regressiva, a animalização paulatina, devido ao afã de prazer e ânsia de vivências. Sensação absolutizada, sensação como fim em si, e critério central de uma existência é a futilização da existência escravizada ao aparente e efêmero. Desintegra-se a pessoa humana esquartejada pelo agarramento aos seres fugidios e centrifugantes. Tôda a fixação é um apêgo secreto a algo finito; e, como fixo só é o fim e não os meios, o complexo é a absolutização do relativo. E, o relativo atiça a ânsia, mas não a extingue.

Os fundamentos da educabilidade são: moralidade, intelectualidade e religiosidade.

Passemos agora aos períodos da educabilidade.

B — *Períodos*

1.º — Lei e sentido do movimento evolutivo.

A educabilidade tem uma curva ascensional e é só de dentro dêste movimento que podemos compreender o crescimento psicológico. No processo evolutivo tudo é dominado, regido e explicado pela teleologia endógena, dinâmica, organogenética da lei da síntese. O fim energético e arquitetônico é a construção do indivíduo em pessoa. É uma unificação totalizadora sob a égide do pensamento; é uma espiritualização progressiva.

Diz Pradines, no seu Tratado de Psicologia Geral (P. U. F. — 1946, II, pág. 235): "O pensamento é uma revolução permanente instalada na vida, porque êle é, de si mesmo, princípio de revolta contra a rotina, e de organização de uma conduta sempre liberada. O ser pensante é o ser-perpétuo-insatisfeito que busca incessantemente ultrapassar-se".

Nos seus dois tomos sôbre o gênio humano aparece que o pensamento é a suprema lei da técnica e da arte, da ciência e da linguagem, da sociabilidade, da política e da religião. E os instrumentos invadidos e informados desta lei são imaginação e memória, sentimento, razão e vontade.

"O inconsciente normal se conhece pelo seu caráter disciplinado e instrumental. Permanece o servidor da consciência e do pensamento" (I, 15). "O cérebro não pode inteligentemente colaborar com a vida psíquica a não ser concebido como animado, como instrumento duma atividade vivente total (...) Quem tem sempre um fim e um sentido tem uma alma. O funcionamento cerebral é coisa da alma, tal é o primeiro princípio de uma psicologia coerente que não é senão um corolário desta evidência: "o corpo vivo é animado" (I 17).

A edificação da personalidade é a construção da consciência, organização feita pela memória lógica. É o trabalho intelectual dentro das imagens memoriais e experiências vividas que arquiteta o "eu" permanente e coeso. O fim, pois, da evolução individual é chegar a ser pessoa, reduzir à unidade de síntese a pluralidade riquíssima dos valores cósmicos.

2.º — Polos ou fatôres do crescimento.

Tanto na criação da personalidade, quanto na elaboração mental das obras geniais, os dois elementos matéria e forma atuam-se mùtuamente até produzir a união perfeita em que o material rebrilha ao fulgor do esquema a que foi elevado. Dois polos, pois, o positivo e o negativo, forma e matéria; o eixo imantador é o finalismo construtor da matéria pela forma. A matéria, germe do múltiplo e do mutável, do precário e do temporal, da deficiência e da limitação, é a pluralidade, é, em potencial, todos os seres do cosmos.

A forma, semente de unidade e de intemporalidade, de perfeição e de ação, é ausência de elementos e todo em si, fôrça de possessão e de exclusão. Na sistematização mental, a pluralidade dos conceitos, dos sentimentos e instintos vem da materialidade do homem, que por isso mesmo está ligado à sociedade e ao cosmos; a unidade de estrutura, que

preside o crescimento como meta a que tende a natureza racional, surge da forma ou espírito que é subsistência e consciência.

Da energia do espírito depende êste perfil personológico, lábil de si, cujos elementos somáticos, psíquicos, sociais e espirituais permanentemente em integração, podem perder a sinergia e a coerência, resultando pessoas pouco personalizadas, que não alcançaram subjugar tôdas as coisas ao um. O fim divino está no espírito, o espírito está no psiquismo, o psiquismo está na matéria e a matéria está em todo o universo. A mente percebe a divindade penetrando o cosmos e assegurando-lhe estabilidade e unidade.

3.º — Tempos ou etapas.

A continuidade da intenção na autogênese não impede momentos diferenciados neste crescimento em função do mesmo têrmo. Quem procede da potência em ato, chega primeiro ao mais imperfeito e só depois ao mais perfeito, dizia Aristóteles. É assim que no aperfeiçoamento humano, a forma que é ato se intensifica cada vez mais.

Nesta breve teoria do crescimento, suponho os fatos apresentados em *L'invention et le génie* (Dumas, VI), em *Croissance Mentale* (de R. Hubert), etc.

Temos então três fases:

1.ª) Aquisição do material, infância. As faculdades aquisitivas, sensoriais, estão em predominância. A memória sensitiva desempenha também importante papel. Reduzida é a função do pensamento abstrato e da dialética. Recebe de fora os elementos do cosmos, noções desconexas mas ainda impregnadas do concreto e do animismo, emprestado pela criança mesma. Sua vida está sob o govêrno dos sentidos externos. É um tipo somático.

2.ª) A busca da estrutura, a juventude. Maior influência da inteligência. O nocional e o lógico começam a atuar através da imaginação e emotividade do rapaz.

Inquietude pubertária e entusiasmo juvenil marcam as características de quem está centrado nos sentidos internos. É o tipo psíquico.

3.ª) O acabamento da síntese, a madureza. Extensa e profunda, unificada e total hegemonia da inteligência sôbre as impressões e sensações, sôbre as vivências imaginativas ou passionais. A sabedoria, aceitação de um sistema único de pesos e medidas, valorizações e apreciações, vigora na pessoa, como resultado da perfeita atuação do fim último. Reina a paz, tranquilidade da ordem. É o tipo espiritual.

Entre a infância e a juventude temos a crise da puberdade, ou "noite dos sentidos", que é uma incubação da vida "psíquica" que já despertou ainda inadvertida ou incônscia.

Entre a juventude e a madureza cabe a crise da madureza ou "noite do espírito", quando começa a agir a hegemonia do "espiritual" de modo ainda latente.

Depois falaremos mais longamente das quadras e das crises.

C — *Técnica.*

1.º) Lei geral.

A educabilidade é uma capacidade fásica, ao longo do crescimento pessoal, pela qual, certas tendências, em determinados momentos da evolução, adquirem o máximo de plasticidade e poder integrativo entre as mais funções harmônicamente solidárias sob a hegemonia das dominantes genéticas universais ou particulares.

1 — Capacidade fásica. Nos períodos da infância e juventude, e sòmente então, a personalidade humana é moldável.

Há fases dentro dêstes períodos em que determinadas tendências aparecem com notável sensibilidade típica, poder assimilativo e maleabilidade plástica. O orientador educacional aproveitará ao máximo esta oportunidade única. Antes, será inútil; depois de passada, muito tarde, o indivíduo ficará falho.

2 — Solidariedade harmônica. As faculdades físicas e morais, sociais e religiosas, psíquicas e espirituais do homem tendem a se incorporar ou se integrar num todo. O mosaico e o fragmentado não é sadio. Há uma hierarquia essencial destas faculdades que nos períodos da evolução trabalha surdamente para se impor. A realização humana, dentro do existencial, deve seguir a linha metafísica da natureza racional.

3 — Dominantes genéticas. São as virtualidades ou fôrças hegemônicas que conduzem a evolução.

a) Descrição.

Hubert (La Cr. Ment II 626) assim descreve a dominante universal da vida, que S. Tomás chama "voluntas ut natura": "Tudo se passa como se a livre finalidade devesse ser reconhecida como a essência mesma do espírito, como se ela se manifestasse durante todo o curso da psicogênese, ora inclinada de preferência da parte do objeto, ora da parte do sujeito trabalhando secretamente para os modelar e remodelar um pelo outro, fazendo servir cada extensão do objeto para o desprendimento do sujeito, cada aprofundamento do sujeito à consolidação do objeto, até ao momento em que a estruturação completa do objeto, permitindo de dar ao sujeito sua plena e inteira significação, chega à perfeita clarificação do produto da consciência".

E terminando (ib. II 629) Hubert sintetiza o crescimento mental nesta fórmula: "Tudo se passa como se cada ser não pudesse desenvolver, até o término, sua livre finalidade a não ser engajando-a desde o princípio em formas sucessivas cada vez mais largas de socialização, para inseri-la em seguida entre as livres finalidades de todos os outros seres por meio de intercâmbios que todos sustêm entre si, de participar, com o seu ponto de vista próprio do sistema de valores espirituais, que, enquanto expressão suprema da razão, constitui a forma de união dos indivíduos numa sociedade de consciências".

b) Em concreto. A dominante universal é a tendência religiosa para o absoluto, pendor estético-moral para o fim divino da vida.

A dominante particular é a de cada fase. Por exemplo: Na 1.ª infância são os interêsses perceptivos e linguísticos; na 2.ª, os pendores ludopráticos; na 3.ª, os instintos construtivos. Na pubescência, a vontade do poder e dominação. Na adolescência, a hetero-sexualidade e compreensão. Na maturação, a idealidade e a fixação.

c) Pràticamente. Orientar é fazer o indivíduo tomar consciência do sentido de sua vocação pessoal metafísica, isto é, de sua liberdade inclusa e virtual na natureza, que é ainda incompletude e potencialidade.

Levar o indivíduo a ser fiel a si mesmo; à inspiração de sua vida; ao planejamento de sua filosofia engajada ao seu ideal espiritual implícito; à superação de si mesmo na conquista do próprio destino transcendente.

2.º — Corolários.

1 — Educação sincronizada à fase do crescimento.

A influência educativa deve readaptar-se contìnuamente ao devir do educando. Para isto cumpre ter-se conhecimento de sua base potencial, da perfeição própria aonde pode chegar na sua plena e verdadeira realização e a fase exata em que está.

a) *Base potencial.* O conhecimento da criança pode ser adquirido através da psicologia, que fornecerá o mapa geral dos roteiros anímicos e seus entroncamentos chaves, com possíveis desvios; através da tipologia, que indicará as faculdades preponderantes na estrutura dos temperamentos (Kretschmer, Sigaud, Corman) e as estruturas dos espíritos (Spranger, Klages, Le Senne); mas sempre numa aplicação intuitiva e individualizante. Não tomar a rigor as sistemáticas, mas verificar a história concreta dêste crescimento individual.

b) *Perfeita realização.* Conhecer o sumo mais elevado a que pode, de fato, chegar cada um e solicitá-lo para esta ascensão paulatina. A imagem ideal, que cada qual faz de si mesmo, o arranca da mediocridade, dá-lhe plano definido para a realização pessoal, unidade e fôrça ao movimento construtivo.

c) *Fase atual.* As quadras entre si não estão interrompidas, o fim de uma é princípio da seguinte. A educação deve atingir o momento existencial, mas empalmar com o ultrapassado e predispor com o pròximamente vindouro. Atingirá em cheio, dentro do individual e existencial, o imaturo que amadurece.

2 — Educação favorável às atitudes da educabilidade. O orientador fomentará na criança as disposições interiores que as farão mais ensináveis e maleáveis ao surto formador da personalidade: sinceridade, desprendimento, trabalho.

a) *Sinceridade.* Conhecimento leal e profundo de si mesmo, alcançado pela reflexão e análise auto e hetero-crítica das próprias qualidades e defeitos, através da vida passada e dos acontecimentos presentes. Esta inteligente e objetiva concepção de si, elimina a identificação com um eu ideal perfeitíssimo, que traz o desajuste; impede o desvio acusatório, que leva à paranóia e desfaz o mundo dos ídolos e mitos, quimeras e ilusões,

próprio de um infantilismo retardatário. Esta sinceridade leva à coerência com o fim ou ideal; junta prática com teoria, vida com dever, conduta com princípios. Sem ela o crescimento se desajusta ou se falseia.

b) *Desprendimento.* Quem evolui ràpidamente, ràpidamente ultrapassa as fases intermediárias. Esta superação é arrancar-se de si mesmo para o ulterior. é morrer ao passado para viver mais espiritualmente, mais livremente, mais autônomamente. O apêgo secreto às vantagens da criança a quem todos servem, o agarramento às atitudes juvenis devem desaparecer num sadio desprendimento. Sem êle o crescimento se trava.

c) *Trabalho.* Ao crescer, o metabolismo da planta é pujante, precisa de muita seiva. Na evolução mental a riqueza e a robustez da personalidade dependerão do material e do formal assimilativo pelo intenso e prolongado trabalho. Sem êle o crescimento amortece.

3 — Educação produtora de ambiente sintônico. O orietador procurará impregnar a atmosfera que circunda o aluno de idéias-fôrças coerentes com a moral, a disciplina e o afeto humanos, de modo cada vez mais culto e autônomo.

a) *Moral.* A ética, a estética, a religião evoluem de um estado egocêntrico, na alma da criança, para um outro mais objetivo em função de valores absolutos, sòlidamente firmados por uma lógica realista e teleológica. Os valores culturais vão-se espiritualizando à medida que a hegemonia da mente ganha terreno no todo humano. Na inquisição científica, o intelecto avança sempre até aos últimos porquês. Aos 20 anos exige uma metafísica, uma ampla filosofia. O pedagogo deve seguir passo a passo o ser que amadurece.

b) *Disciplina.* O racional tem que subjugar o animal, o pneuma deve governar a psique. Mais: o social em cada um deve limitar o individualismo que não admite leis ou restrições de liberdade. A disciplinação começa mais material e rija, aos poucos se intelectualiza, torna-se menos formalista e mais finalista, menos mecânica e mais racional. Veículo do espírito e da teleologia, a disciplina forma o homem pelo sentido que ela encerra. Aos poucos o imaturo vai compreendendo e acatando a ordem social e humana da qual é estilização a disciplina.

c) *Afeto.* A estima de si que se respira e sente, favorece a espontaneidade criadora, a autonomia cada vez mais acentuada e a responsabilidade dos próprios atos cada vez mais consciente. Tudo isto faz parte da linha evolutiva do crescimento humano.

3.º — Aplicações.

1 — O orientador.

a) *Personalidade.* Se o rapaz nada mais ardentemente deseja do que fim e forma para sua rápida evolução ainda amorfa e indeterminada, o educador deve trazer-lhe o conhecimento explícito do sentido e direção de seu movimento evolutivo e a estrutura a que tende sua natureza embrionária. Não tanto pelo que se diz, ou se faz, mas pelo que se é, é que se dirige um imaturo. Daí é preciso que o pedagogo tenha clareza de atitudes marcantes e firmes, elevação moral de quem conhece e respeita

a própria grandeza e dignidade, prestígio ou influência interpsicológica para transmitir como por um contágio social uma orientação e uma forma de vida. Mas a firmeza da direção deve estar unida a grande maleabilidade para o guia poder adaptar-se e readaptar-se às contingências do crescimento do educando.

b) *Intuição.* Capacidade de ver o concreto, de tirar instantâneos do movimento, numa filmagem colorida e sonora, ao natural, sem preconceitos livrescos, sem atenção expectante, sem paixões deformadoras das percepções. Assim saberá aplicar a moral não materializada em fórmulas rijas, mas adaptada de modo vital, gradativo.

c) *Dedicação.* O influxo educativo vem da doação do mestre aos discípulos. Sòmente dando-se é que se conquista.

A capacidade de adaptação, de sintonização, de sincronização evolutiva surge do verdadeiro e genuíno afeto. Quem ama compreende, explica, faz-se tudo a todos para levar todos à plenitude da idade. Amor-desinterêsse, amor-sacrifício é a alma, fim e forma da autogênese.

2 — O programa.

A orientação planeja o movimento, o fim seleciona os esquemas que constrói o tipo.

O programa deve ser:

a) *Unitário*, senão partiria em duas a personalidade. O fim último da vida tudo informe e explique no horário de cada dia, tudo dinamize e organize nas energias mentais e vitais do todo humano. As fôrças psíquicas tôdas devem convergir para um só absoluto, com um só espírito ou esquema de valores.

b) *Hierárquico.* O planejamento, que unifique a multiplicidade, deve dar um coeficiente de valor a cada parcela do todo. A finalidade seleciona os meios e os gradua ou hierarquiza. Na escolha das matérias de aula, dos métodos, dos horários, deve aparecer a relatividade, a funcionalidade do fim último.

c) *Gradativo*, segundo as etapas da evolução, segundo os degraus do aproveitamento, o programa deve ser cada vez mais espiritual e cultural, estético e moral; cada vez mais autônomo e livre, com responsabilidades cada vez mais largas e totais.

3 — A atuação. Ação sistemática, em bases científicas, que visa assistir o aluno no desenvolvimento integral de sua personalidade e em seu ajustamento pessoal e social.

a) Objetivos. A lei orgânica do ensino secundário estabelece no artigo 23: "Deverão ser desenvolvidas nos adolescentes os elementos essenciais da moralidade: o espírito de disciplina, a dedicação aos ideais e a consciência da responsabilidade. Os responsáveis pela educação moral e cívica da adolescência terão ainda em mira que é finalidade do ensino secundário formar as individualidades condutoras pelo que fôrça é desenvolver nos alunos a capacidade de iniciativa e de decisão e todos os atributos fortes da vontade". No parágrafo anterior atinge os fundamentos do caráter e do civismo; o daquele "a compreensão do valor e do

destino do homem", o dêste "a continuidade do povo brasileiro, de seus problemas e desígnios e de sua missão, em meio aos outros povos".

Epiteto, pedagogo do século primeiro, pagão, nos seus Entretenimentos l. I cap. IV define a lei do progresso humano: "Que coisa é o progresso? Se um de vós se desapega totalmente dos objetos exteriores e concentra seus esforços sôbre sua própria personalidade, se a cultiva, se a exercita de modo a pô-la em harmonia com a natureza, se a eleva e a torna livre, isenta de travas e obstáculos, reta, digna e reservada. Se compreendeu que qualquer um que se deixa prender por atração e repulsa para as coisas que não dependem dêle, não pode ser nem reto nem livre, mas estará sujeito à perpétua mudança, como a ventoinha ao sabor das coisas e que se escraviza às pessoas que podem fornecer ou impedir tôdas estas coisas".

b) Individualmente.

A Professôra Maria Junqueira Schmidt, num magistral artigo (Escola Secundária, 6, pág. 30) define o trabalho do orientador com o aluno: "A entrevista libera as qualidades mais finas da personalidade, educa o sentimento e leva ao ensejo do aperfeiçoamento.

"O adolescente que entra no gabinete de orientação sabe que ali não será encarado sòmente como um aluno com seu cabedal de saber, sua capacidade de assimilar, seu comportamento escolar. É a sua personalidade íntima que interessa, suas lutas e sua missão, seus conflitos e seus anseios, seu ritmo de vida e suas deficiências, a atitude que assumiu em relação à escola, à família, à sociedade e a Deus". E pouco mais abaixo: "A relação humana estabelecida com o orientador, quando satisfatória, pode, pelo processo de transferência, melhorar singularmente as relações tantas vêzes eivadas de agressividade com professôres ou membros da família. Ela determina certa reconciliação com a vida, certa aceitação das pessoas com suas limitações, o que representa precioso ensaio prévio de adaptação à vida real" (Ib., págs. 30-31). E ainda: "Cada pessoa humana tem consigo o seu destino. Êste destino é chamado, na linguagem comum, a vontade de Deus. Jamais poderá haver plenitude na vida de um homem se não praticar êle essa indagação intensa e diuturna dos desígnios divinos para seus passos terrestres (...). E nós, educadores, sentimos que o adolescente só se aquieta quando se integra apaixonadamente nos ideais que o levam a entrever a grandeza de seu destino" (Ib. 31).

c) Em grupo. Cumpre formar o clima educativo da escola, o que no quartel se chama "o moral da tropa". É uma atmosfera de valorização genuina e sadia que tudo impregna de ideais superiores, como sejam a santidade do amor humano racional e casto; a despretensão e desinterêsse, a dedicação e o serviço da coletividade. A magnanimidade é uma das exigências da quadra juvenil, cumpre segui-la na execução dos deveres com virilidade, responsabilidade e disciplina. Para preparar líderes é preciso cultivar nos rapazes o paradoxo dos complementares: competência com humildade, iniciativa com docilidade, fortaleza com brandura.

Como meios: alocução e cursos intensivos, solenidades e festas, excursões pedagógicas e cargos de responsabilidade ou mando.

Para o conhecimento exaustivo do orientando apresenta Le Gaudier um quadro feliz de fontes de informação. Além da opinião de pessoas competentes e bem informadas e da entrevista íntima, sugere a psicognomia e temperamentologia. Aconselha também o estudo acurado das reações faciais ou externas e os atos sintomáticos que pintam as atitudes e disposições profundas e ocultas ajudando-se para isso da perspicácia do discernimento dos espíritos e tendências (P. Ant. Le Gaudier S. De Perfectione Vitae Spiritualis, 1903; II, 113).

Coincide com o que indica, no artigo "Direction et Psychologie", José Mac Avoy no parágrafo "técnicas de investigação" (Dict. de Spir., III, 1157-1159).

(I) Observação: 1 — Morfopsicologia de Corman. 2 — Caracterologia de Le Senne.

(II) Conversa dirigida: 1 — Meio familiar e social e ajustamento. 2 — Características psíquicas (Heymans). 3 — Ideal, gostos, preferências.

(III) Testes de projeção: 1 — Grafologia. 2 — Szondi, Rorschach.

LIVROS RECEBIDOS

Amoroso Lima, Alceu, *Ensaios.* 1. *O teatro claudeliano.* 2. *O trabalho no mundo moderno.* 3. *O espírito universitário.* 4. *Visão do Nordeste.* Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1959. In-12.º, vols. de 69, 49, 50 e 52 págs.

Caracciolo, Alberto, *Studi Jaspersiani.* Publicazioni dell'Instituto di Filosofia dell'Università di Genova, XII. Milano, Marzorati, 1958. In-12.º, 191 págs.

Daniélou, J., *O Mistério do Advento.* Tradução de M. de Lourdes Noronha, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1958. In-12.º, 224 págs.

Corção, Gustavo, *Machado de Assis — Romance.* Coleção "Nossos Clássicos". Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1959. In-16.º, 109 págs.

Kohnen, O. F. M., Mansueto, *Ao Pai por Cristo no Espírito Santo.* Salvador, Bahia, Mensageiro da Fé, 1959. In-8.º, 163 págs.

Garcia Lorca, Federico, *Dona Rosita, a solteira* ou *A linguagem das flores.* Tradução de Carlos Drumond de Andrade. Coleção "Teatro Moderno". Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1959. In-12.º, 145 págs.

Philipon, O. P., M. M., *Os sacramentos na vida cristã.* Tradução de Ir. Maria da Trindade, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1959. In-8.º, 320 págs.

Schiavone, Michele, *Problemi filosofici in Marsilio Ficino.* Publicazioni dell'Instituto de Filosofia dell'Università di Genova, VI. Milano, Marzorati, 1957. In-12.º, 327 págs.

Para a "Resenha de Livros" devem ser enviados à Redação dois exemplares, a não ser que se trate de obra de valor comercial muito elevado.

TOMO XVI (1959)

ÍNDICE GERAL

ARTIGOS DE COLABORAÇÃO

Fasc. I, março

P. Francisco Leme Lopes, S.J. — *A mensagem de Jerzy Zbrozek* 3

Américo Jacobina Lacombe — *Aspecto da formação brasileira* .. 9

P. Héber Salvador de Lima — *Doctor Angelicus* 23

Antonio Aquino, S.J. — *A formação do direito universitário da Companhia de Jesus* 29

Marques Leite — *Avinhão e São Paulo* 71

João Batista Libânio, S.J. — *O ateísmo moderno* 79

L. Avelino, S.J. — *Vieira: um aspecto de sua argumentação (II)* 93

Fasc. 2-3, junho-setembro

Lacl, à luz de documentos inéditos, fiel à Igreja e ao Império .. 125

Luiz Augusto de Rego Monteiro — *A doutrina social da Igreja, de Leão XIII a Pio XII* 135

P. José de Oliveira Dias, S.J. — *Exumação ou ressurreição?* .. 153

Hélio Tornaghi — *Formas do processo penal* 173

Antonio Aquino, S.J. — *A formação do direito universitário da Companhia de Jesus (II)* 197

L. Avelino, S.J. — *Vieira: trilogia literária na luta contra o holandês* 235

Carlos Luís Almendral — *Dois aspectos do processo indutivo dos Exercícios* 251

Germano de Novaes — *O homem eterno* 261

Roberto Piragibe da Fonseca — *Vade-mecum de Teoria da História* 267

Luís Lobato Viana — *Nomenclatura gramatical brasileira* 333

P. Afonso Rodrigues, S.J. — *Curso de Orientação Educacional: Psicologia Evolutiva* 341

Fasc. IV, dezembro

Júlio de Carvalho Barata — *Como e por que ensinar e aprender latim no mundo moderno* 381

Augusto Frederico Schmidt — *Cícero — "Pai do Ocidente"* 387

Conde Sebastião Pagano — *A tradição greco-latina e o Ocidente* 393

P. Héber Salvador de Lima, S.J. — *A poesia triunfal de Píndaro* 419

Geraldo de Ulhôa Cintra — *Sobrevivência do latim* 439

José Florentino Marques Leite — *Renovação dos estudos clássicos* 445

José Hermenegildo Leoni — *A defesa de nossas tradições de cultura greco-latina* 465

C. A. Barbosa de Oliveira — *Movimento de reconstrução educacional* 476

P. Afonso Rodrigues, S.J. — *Curso de Orientação Edueacional: Psieologia Evolutiva (II)* 495

NOTAS E COMENTÁRIOS

Uma nova síntese mariológica (P. José de Oliveira Dias, S.J.) 103

Vade-mecum de Teoria da História (Roberto Piragibe da Fonseca) 267

Movimento de reconstrução Nacional (C. A. Barbosa de Oliveira) 476

SECÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Resenha de Livros ..... 321 e 479
Livros Reeebidos ..... 123, 377 e 528

RESENHA DE LIVROS

Alvim, Décio Ferraz, *Direito Civil. Introdução e Parte Geral em Quadros Sinóticos* 329

Anchieta, *De rebus gestis Mendi de Saa* 153

Blondel, Maurice-Valensin, Auguste, *Correspondance* 323

Caracciolo, Alberto, *Studi Jaspersiani* 481

Cirne-Lima, Carlos, *Der personale Glaube, eine erkenntnismetaphysische Studie* 327

Daniélou, J., *O Mistério do Advento* 479

Freyre, Gilberto, *Casa Grande & Senzala* 321

Hoornaert, G., S.J., *A propósito del Evangelio* 331

JUNQUEIRA, SATURNINO, S.J., *A las puertas del matrimonio — En la intimidad del matrimonio* 331

KOHNEN, MANSUETO, O.F.M., *Ao Pai por Cristo no Espírito Santo* 488

MENDIOTA Y NÚÑEZ, LUCIO, *Teoría de la Revolución* 486

SCHIAVONE, MICHELE, *Problemi filosofici in Marsilio Ficino* 480

TEILHARD DE CHARDIN, PIERRE, *Lettres de Voyages* 325

TRUJILLO FERRARI, ALFONSO, *Fundamentos de Antropologia Geral* 486

ULLMO, JEAN, *La pensée scientifique moderne* 482

VALENSIN, AUGUSTE-BLONDEL-MAURICE, *Correspondance* 323

Arquivo Nacional, Publicações 489

Maria, Études sur la Sainte Vierge 103

Normas de urbanidad 331

Temas de Predicación 330

BOLETIM DE PEDAGOGIA

LUÍS LOBATO VIANA, *Nomenclatura gramatical brasileira* 333

P. AFONSO RODRIGUES, S.J., *Curso de Orientação Educacional: Psicologia Evolutiva* ..... 341 e 495

ÍNDICE ANALÍTICO

AUTORES

ALMENDRAL, S.J., CARLOS LUÍS, Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, Professor do Colégio Loiola de Belo Horizonte.

Dois aspectos do processo indutivo dos Exercícios 251

AQUINO, S.J., ANTONIO, Doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Professor de Questões de Teologia Pastoral para a América Latina na mesma Universidade, Prefeito de Estudos do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma.

A formação do direito universitário da Companhia de Jesus .. 29 e 197

AVELINO, S.J., L., Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, Professor de Literatura Portuguêsa da mesma Faculdade.

Vieira: um aspecto de sua argumentação (II) 93

Vieira: trilogia literária na luta contra o holandês 235

C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA, Professor Emérito da Universidade do Brasil, Antigo Presidente da Associação dos Professôres Católicos e da Associação dos Jornalistas Católicos, Antigo Vice-Presidente do Instituto Politécnico Brasileiro. Autor de vários *Estudos de Hidráulica*, de *Educação e Imprensa, Reforma do Ensino Secundário, A Criação das Escolas Normais Superiores, D. Bosco Precursor da Pedagogia Moderna, O Mundo Moderno e a Engenharia, Os Esportes na Formação da Mocidade, L'Homme et la Sécheresse.*

Movimento de reconstrução educacional 476

BARATA, JÚLIO DO CARMO, Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Professor Catedrático de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, Professor de Filosofia na Faculdade de Santa Úrsula, Professor de Latim no Colégio Municipal Paulo de Frontin.

Como e por que ensinar e aprender latim no mundo moderno .. 381

LACOMBE, AMÉRICO JACOBINA, Secretário Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, Antigo Diretor da Casa de Rui

Barbosa, Professor Catedrático de História do Brasil na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Faculdade de Santa Úrsula, Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Autor de *Mocidade e Exílio de Rui Barbosa, Um passeio pela História do Brasil, Programa para a História do Brasil* (Instituto Pan-Americano de Geografia e História), *Pensamento vivo de Rui Barbosa.*

Aspecto da formação brasileira 9

LEME LOPES, S.J. P. FRANCISCO, Professor de Filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Redator de VERBUM, Ex-Professor da Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo. Autor de *Introdução à Filosofia* e *A pena de morte.*

A mensagem de Jerzy Zbrozek 3

LEONI, JOSÉ HERMENEGILDO, Curso Superior de Letras na Faculdade S. J. de Nova Friburgo, Diplomado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor do Colégio do Ateneu Rui Barbosa de São Paulo, Diretor e Redator da *Enciclopédia Decimal.* Autor de *Obras Filosóficas* e *Ciências Naturais.*

A defesa de nossas tradições de cultura greco-latina 465

LIBÂNIO, S.J., JOÃO BATISTA, Licenciadb em Filosofia pela Faculdade de Nova Friburgo, Professor do Colégio Loiola de Belo Horizonte.

O ateísmo moderno 79

LIMA, S.J., P. HÉBER SALVADOR DE, Professor de Literatura na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, Licenciado em Filosofia pela mesma Faculdade, "Bachelor of Arts" pela Universidade de Londres.

Doctor Angelicus 23

A poesia triunfal de Píndaro 419

MARQUES LEITE, JOSÉ FLORENTINO, Professor de Latim na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e no Colégio Pedro Segundo, Curso Superior de Filosofia e Letras na Faculdade S. J. de Nova Friburgo, Licenciado em Letras Clássicas pela Universidade do Distrito Federal (em 1938). Autor de *Dicionário latino-vernáculo, Língua Luso-Brasílica* e outras obras de cunho didático.

Avinhão e São Paulo 71

Renovação dos estudos clássicos 445

NOVAIS, GERMANO DE, Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de São Leopoldo, Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Autor de *O Evangelho das Mães, Clarinadas no Azul, A canção das Searas* e *Raul de Leoni.*

O homem eterno 261

OLIVEIRA DIAS,, S.J. P. JOSÉ DE, Magister Aggregatus da Pontifícia Universidade Gregoriana, Ex-Professor de Filosofia da Universidade Católica do Rio de Janeiro, da Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo e do Instituto de Filosofia S. J. de Guimarães — Braga. Autor de *Novo Curso de Oratória Sacra* e *Florilégio Ilustrado da Fátima*.

Exumação ou Ressurreição? 153

Uma nova síntese mariológica 103

PAGANO DE SÃO SÉRGIO, CONDE SEBASTIÃO, Professor Catedrático da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas São Luís, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Membro do Instituto de Direito Social de São Paulo.

A tradição greco-latina e o Ocidente 393

PIRAGIBE DA FONSECA, ROBERTO, Doutor em Direito, Professor Catedrático de História Moderna e Contemporânea e Diretor da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professor de História da Imprensa no Curso de Jornalismo da mesma, Professor Catedrático de Instituições de Direito Público na Faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro e Atual Diretor da mesma, Livre Docente de Direito Público Internacional na Faculdade Nacional de Direito na Universidade do Brasil, Encarregado do Curso de Direito Internacional Público no Centro de Preparação à Carreira de Diplomata (Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores), da Sociedade Brasileira de Geografia, da Sociedade Brasileira de Direito Aeronáutico, da Sociedade de Direito Internacional, da Ordem dos Advogados do Brasil, Comendador da *Ordem del Quetzal, Officier d'Académie* (Palmas Acadêmicas de França).

Vade-mecum de Teoria da História 267

REGO MONTEIRO, LUIZ AUGUSTO DE, Professor Catedrático de Direito do Trabalho e Diretor da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professor Catedrático Honorário da Faculdade de Direito da Universidade Nacional Maior de São Marcos, de Lima (Peru), Antigo Diretor Geral do Departamento Nacional do Trabalho, Antigo Delegado permanente do Govêrno Brasileiro no Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho, Procurador de 1.ª Categoria do Ministério Público da União junto à Justiça do Trabalho, Comendador da Ordem do Mérito Militar, Comendador, com placa, das Ordens Pontifícias de São Silvestre e de São Gregório Magno.

A doutrina social da Igreja, de Leão XIII a Pio XII 135

RODRIGUES, S.J. P. AFONSO, Doutor em Filosofia pela Faculdade do Colégio Máximo de San Miguel (República Argentina), Professor de Psicologia na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, Ex-Mestre de Noviços da Província do Brasil Central da Companhia de Jesus, Ex-Diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas e da Federação das Congregações Marianas do Rio de Janeiro.

Curso de Orientação Educacional: Psicologia Evolutiva .... 341 e 495

SCHMIDT, AUGUSTO FREDERICO, Chefe da Delegação do Brasil à XIV Conferência da ONU, Chefe da Delegação do Brasil à Conferência dos 21 em Washington e em Buenos Aires, Jornalista. Autor de *Cântico do Brasileiro, Cantos do Liberto, Navio Perdido, Pássaro Cego, Desaparição da Amada, Canto da Noite, Estrêla Solitária, Mar Desconhecido, Fonte Invisível, Os Reis, Aurora Lívida, Babilônia* (Poesia) e de *O Galo Branco, Paisagens e Seres, A Floresta, Discurso aos Jovens Brasileiros* (Prosa).

Cícero — "Pai do Ocidente" 387

TORNAGHI, HÉLIO, Catedrático de Direito Processual Penal da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Representante no Brasil do Instituto de Criminologia da New York University. Autor de *O crime formal, Relação processual penal, Processo penal, Comentários ao Código de Processo Penal* e *Instituições de Processo Penal.*

Formas do processo penal 173

ULHÔA CINTRA, GERALDO DE, Catedrático de Direito Romano na Faculdade de Direito de Taubaté, Catedrático de Latim, por concurso, no Ginásio Antônio Firmino de Proença e no Instituto de Educação Padre Anchieta, em São Paulo, Curso Superior de Letras na Faculdade S. J. de Nova Friburgo, Membro do Corpo Jurídico do Tribunal de Justiça de São Paulo, Docente da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Organizador da Biblioteca "Anchietana" de clássicos da língua. Autor de *Jurisdição* (tese de concurso) e de numerosas obras didáticas como *Língua Portuguêsa, Gramática Grega* e *Textos Arcaicos.*

Sobrevivência do latim 439

VIANA, LUÍS LOBATO, Professor do Colégio S. Inácio, Ex-Diretor e Professor de Português no Colégio de São Luís, Ex-Catedrático de História Natural do Liceu Maranhense, Ex-Professor de Metodologia e Didática da Escola Normal do Maranhão, Ex-Professor de Microbiologia da Escola de Farmácia e Odontologia do Maranhão.

Nomenclatura gramatical brasileira 333

MATÉRIAS

BIOGRAFIA:

LEME LOPES, S.J., P. FRANCISCO — *A mensagem de Jerzy Zbrozek* 3

Lacet, à luz de documentos inéditos, fiel à Igreja e ao Império .. 125

CULTURA GRECO-LATINA:

BARATA, JÚLIO DO CARMO — *Como e por que ensinar e aprender latim no mundo moderno* 381

LEONI, JOSÉ HERMENEGILDO — *A defesa de nossas tradições de cultura greco-latina* 465

LIMA, S.J., P. HÉBER SALVADOR DE — *A poesia triunfal de Píndaro* 419

MARQUES LEITE, JOSÉ FLORENTINO — *Avinhão e São Paulo* 71
Renovação dos estudos clássicos 445

PAGANO DE SÃO SÉRGIO, CONDE SEBASTIÃO — *A tradição greco-latina e o Ocidente* 393

SCHMIDT, AUGUSTO FREDERICO — *Cícero — "Pai do Ocidente"* 387

ULHÔA CINTRA, GERALDO DE — *Sobrevivência do latim* 439

CULTURA RELIGIOSA:

ALMENDRAL, S.J., CARLOS LUÍS — *Dois aspectos do processo indutivo dos Exercícios* 251

OLIVEIRA DIAS, S.J., P. JOSÉ DE — *Uma nova síntese mariológica* 103

REGO MONTEIRO, LUÍS AUGUSTO DE — *A doutrina social da Igreja, de Leão XIII a Pio XII* 135

TORNAGHI, HÉLIO — *A Inquisição* 182

DIREITO:

AQUINO, S.J., ANTONIO — *A formação do direito universitário da Companhia de Jesus* ..... 29 e 235

LEME LOPES, S.J., P. FRANCISCO — *A mensagem de Jerzy Zbrozek* 3

REGO MONTEIRO, LUIZ AUGUSTO DE — *A doutrina social da Igreja, de Leão XIII a Pio XII* 135

TORNAGHI, HÉLIO — *Formas do processo penal* 173

FILOSOFIA:

LIBÂNIO, S.J., JOÃO BATISTA — *O ateísmo moderno* 79

FILOLOGIA:

VIANA, LUÍS LOBATO — *Nomenclatura gramatical brasileira* 333

HISTÓRIA:

AQUINO, S.J. ANTONIO — *A formação do direito universitário da Companhia de Jesus* ..... 29 e 197

LACOMBE, AMÉRICO JACOBINA — *Aspecto da formação brasileira* 9

PIRAGIBE DA FONSECA, ROBERTO — *Vade-mecum de Teoria da História* 267

TORNAGHI, HÉLIO — *A Inquisição* 182

LITERATURA:

AVELINO, S.J., L. — *Vicira: um aspecto de sua argumentação (II)* 93
Vieira: trilogia literária na luta contra o holandês 235

NOVAIS, GERMANO — *O homem eterno* 61

PEDAGOGIA:

Barbosa de Oliveira, C. A. — *Movimento de reconstrução nacional* 267

Rodrigues, S.J., P. Afonso — *Curso de Orientação Educacional: Psicologia Evolutiva* ..... 341 e 495

Viana, Luís Lobato — *Nomenclatura gramatical brasileira* 333
(*ver o título "cultura greco-latina"*).

PSICOLOGIA:

Rodrigues, S.J., P. Afonso — *Curso de Orientação Educacional: Psicologia Evolutiva* ..... 341 e 395

POESIA:

Lima, S.J., P. Héber Salvador de — *Doctor Angelicus* 23
A poesia triunfal de Píndaro 419

Oliveira Dias, S.J., P. José de — *Exumação ou ressurreição?* .. 153

SOCIOLOGIA:

Rego Monteiro, Luiz Augusto de — *A doutrina social da Igreja, de Leão XIII a Pio XII* 135

(*Continuação da 2.ª da capa*)

P. AFONSO RODRIGUES, S. J., Doutor de Filosofia pela Faculdade do Colégio Máximo de San Miguel (República Argentina), Professor de Psicologia na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, Ex-Mestre de Noviços da Província do Brasil Central da Companhia de Jesus, Ex-Diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas e da Federação das Congregações Marianas do Rio de Janeiro.

P. JOAQUIM ROCHA, S. J.

O PROBLEMA DA VOCAÇÃO RELIGIOSA

Um livro profundamente esclarecedor das consciências a respeito do chamado de Deus a um estado de vida mais perfeita.

Muito útil para os candidatos às Ordens e Congregações Religiosas, quer masculinas quer femininas.

Indispensavel instrumento de trabalho para o Direito Espiritual de jovens.

Pedidos para
A. E. C.
Rua Martins Ferreira, 23
Botafogo — **Rio de Janeiro**

Preço: Cr$ 30,00.

P. FRANCISCO LEME LOPES, S. J.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

(Já em segunda edição)

Guia seguro para uma primeira incursão pelos domínios da filosofia.

Calculado para um curso de duas aulas semanais.

Adotado em várias instituições de ensino.

Preço: Cr$ 50,00

Pedimos a nossos assinantes dirijam tôda correspondência para VERBUM — Rua São Clemente, 226 — Rio

ENSAIOS — Alceu Amoroso Lima

Há quarenta anos, precisamente, que A. A. L. exerce uma atividade intelectual das mais sérias que já se cumpriram no Brasil e que lhe valeu, agora, o "Prêmio Moinho Santista 1959".

Comemorando o acontecimento a AGIR, que se orgulha de ser a editôra de sua obra, inicia o lançamento da sua série de ENSAIOS.

TEATRO CLAUDELIANO — Vol. I

"Partindo de um Poeta, e poeta que amou e exprimiu a vida tôda, natural e sobrenatural, quero reafirmar a minha crença, cada vez mais profunda, de que a vida vale a pena ser vivida". — A. A. L.
Cr$ 40,00

O TRABALHO DO MUNDO MODERNO — Vol. II

"Com êste livro visamos ir ao fundo do problema Capital-Trabalho. E se não o conseguimos, pelo menos procuramos, nêle refletir sôbre qual deve ser o verdadeiro caminho a seguir". — A. A. L. Cr$ 40,00

O ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO — Vol. III

"Procuramos delinear o contôrno de uma autêntica filosofia universitária, numa civilização de caráter autênticamente humano". — A. A. L. Cr$ 40,00

VISÃO DO NORDESTE — Vol. IV

"Procurei dar um pálido reflexo da profunda impressão que me deixou a visita a uma parte do Nordeste: o espírito do Nordeste, em nossa realidade de pátria global, terá papel decisivo a representar". — A. A. L. Cr$ 40,00

DIMENSÕES II — Eduardo Portella

Os ensaios que compõem o volume *DIMENSÕES II* confirmam e ampliam as qualidade de crítico literário que, logo de início, deram a EDUARDO PORTELLA uma posição singular no panorama da nossa crítica contemporânea.

Êste livro, que é o desenvolvimento da obra iniciada com *DIMENSÕES I* (cuja 2.ª edição a AGIR lançará simultâneamente), obedece também a uma sistematização universitária — o que os transforma em obras de consulta para os estudantes das nossas Faculdades de Letras — e significa um testemunho novo e veemente sôbre a hora atual da literatura brasileira. Testemunho de quem, segundo Alceu Amoroso Lima, *"é a primeira figura da nossa crítica literária nesta hora"*.

"Um crítico literário com qualidades que raramente se combinam — a inteligência, a sensibilidade, o empenho de compreensão vasta, a preocupação pela palavra justa, o gôsto pelo saber sério — se anuncia de modo claro e por vêzes vibrante — mas nunca retórico — nessas páginas". — Gilberto Freire.

DIMENSÕES I — Cr$ 180,00 DIMENSÕES II — Cr$ 180,00

Pedidos à livraria de sua preferência ou à

Livraria AGIR *Editôra*

Rua Bráulio Gomes, 125 · Tel.: 34-8300 · Caixa Postal 6.040 · São Paulo, SP

Rua México, 98-B · Tel.: 42-8327 · Caixa Postal 3.291 · Rio de Janeiro, DF

Av. Afonso Pena, 919 · Tel.: 2-3038 · Caixa Postal 733 · Belo Horizonte, MG

Atendemos pelo Serviço de Reembôlso Postal